

Uma observação fundamental: não se pode separar, nas páginas da lavra fontes-alencariana, o histórico, o jurídico etc. do viés literário. Mesmo quando não tenha por objeto imediato a literatura sticto sensu, literatura faz, e boa literatura, mercê da linguagem acurada, do estilo rico, da cultura transbordante, da elegância de elocução.... Com efeito, a linguagem de Luiz Carlos Fontes de Alencar é escorreita, cuidada e elegante. Bem no-lo demonstra sua oração-ensaio *Florestas e Diamantes* (Elogio de Herberto Sales), desde sua introdução de ressonâncias poéticas, em que se patenteia já o seu humanismo, a sua vocação de servir, em que mais do que insinuada fica a sua perfeita adaptação e o seu amor a estas planálticas terras...

(Anderson Braga Horta em *Fontes de Alencar – de Estância a Brasília, discurso de recepção na Academia de Letras do Brasil*)

Tenho o prazer de acusar o recebimento do seu livro *História de uma Polêmica...* O seu estudo traça o perfil exato do problema do Acre, e coloca a questão no devido lugar, nem sempre estudada com isenção. E sobretudo relembra a memória de Gumercindo Bessa, discípulo da Escola do Recife, cujo nome, não fosse o seu livro, continuaria no total desconhecimento.

(Alberto Venancio Filho)

ISBN 978-85-409-0320-3



9 788540 1903203

www.thesaurus.com.br



Kalevala e outros temas

Fontes de Alencar

Fontes de Alencar

# Kalevala

e outros temas

THE SAURUS



**F**ontes de Alencar é autor de *Liberdade: Teoria e Lutas*, *Florestas e Diamantes (Elogio de Herberto Sales)*, *História de uma polêmica e Anotações de Poesia no Centenário da Revista Americana*. Organizou os fascículos 14 – Bittencourt Sampaio – Poesias; 25 – Silvio Romero – Contos Populares; 26 – João Ribeiro – Dois Estudos de Folclore, e 29 – Tobias Barreto, da série *Autores Brasileiros*; e 17 – Rebelo da Silva – Última Corrida de Touros em Salvaterra, da *Escritores Portugueses Clássicos*, ambas da coleção *Livro na Rua*, da *Thesaurus*. Presidiu a ANE. Recebeu em 1999 a Medalha João Ribeiro, da ABL. Integra várias Instituições culturais de Sergipe, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Goiás. É presidente da Academia de Letras do Brasil, fundada em 1987, com sede em Brasília.

# KALEVALA

e outros temas

FONTES DE ALENCAR

**KALEVALA**  
e outros temas

THESAURUS

© by Fontes de Alencar – 2014

**FICHA TÉCNICA**

Revisão

*O Autor*

Digitação

*Moema Alencar e Lavinia Campos*

Diagramação

*Cláudia Gomes*

Arte da Capa

*Oscar Blaffert Jr.*

Imagem da orelha:

Oléo sobre tela de *Amaury Menezes*

Foi professor de Desenho e Plástica na Escola Goiana de Belas Artes, na Universidade Católica de Goiás de 1962 a 1968; e um dos fundadores, em 1968, e o primeiro Diretor do Departamento de Artes e Arquitetura da mesma Universidade onde lecionou até 1986. É membro da Cadeira nº 13 da Academia de Letras e Artes do Planalto.

Impressão

*Thesaurus Editora*

*www.thesaurus.com.br*

ISBN: 978-85-409-0320-3

---

A368k Alencar, Luiz Carlos Fontes de  
Kalevala e outros temas / Fontes de Alencar. – Bra-  
sília, DF: Thesaurus, 2014.  
208 p. : il.

1. Literatura, Brasil 2. Crítica literária I. Título

CDU 82.08(81)

CDD 869.4B

---

© - Todos os direitos em Língua Portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito do Autor. THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA - SIG - Quadra 8 - Lote 2356 - CEP 70610-480 Tel. (61) 3344-3738 - Brasília, DF - Brasil. E-mail: editor@thesaurus.com.br • www.thesaurus.com.br

A

*Afonso Ligório Pires de Carvalho*

*Aldir G. Passarinho*

*Bernardo Cabral*

*Carlos Fernando Mathias de Souza*

*José Peixoto Junior*

*Marcos Chaves*

*Napoleão Valadares*

*Roberto Rosas*

## KALEVALA

**K**alevala é a epopéia nacional da Finlândia: versos bem antigos que Elias Lönnrot recolheu dos bardos carelianos no segundo quarto do século XIX. Narra a heroicidade da gente finlandesa.

A Finlândia tem como seu Cônsul-Geral Honorário no Rio de Janeiro o Professor e Acadêmico Arnaldo Niskier, que já presidiu, com pleno êxito, a Casa de Machado de Assis. O seu trabalho, de excepcional valia no campo da Educação, é por todos reconhecido. O Embaixador Asko Numminen entregou-lhe, em janeiro último, a Comenda do Leão da Finlândia. Tive a honra e a alegria de assistir à cerimônia correlata.

Na ocasião – certamente por força daquela sergipanidade de que fala Genolino Amado no capítulo *Alma de Sergipe*, do seu encantador *Um menino sergipano*, me chegou à lembrança ter servido como representante do nosso País em Helsinque o notável Gilberto Amado, nascido lá na minha cidade de Estância; ensaísta e poeta; o celebrado memorialista; o primeiro de nossos patrícios a integrar a Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas, merecedor de instituição, ali, de uma conferência anual em sua memória. Em *Gilberto Amado e o Brasil*, de Homero Senna, há reprodução de fotografia de 1937, do momento em que o representante brasileiro apresentava credenciais ao Presidente da Finlândia.



Lembrei-me, também, que um outro sergipense, Lourival Fontes, que foi nosso Embaixador no México e Senador da República, ensaísta político e observador do mundo, no primeiro de seus livros, *Homens e multidões*, editado em 1950 pela José Olympio, analisara a situação pós-guerra da Finlândia. E reencontrei suas palavras:

*“Os finlandeses, historicamente, nunca se deixaram absorver ou assimilar pelos gigantes vizinhos, nem foram protagonistas de distúrbios internacionais nem serviram ao papel encomendado de agentes da provocação.”*

Esse entrelace de Brasil com Finlândia convida a figura de Paulo de Carvalho-Neto.

O rio Vaza-Barris para se lançar no Atlântico atravessa Sergipe no sentido oeste-leste. Euclides da Cunha o descreve em *Os sertões*, e associa sua denominação à pouquidão das águas sertanejas. Berço de Paulo de Carvalho-Neto, a cidade de Simão Dias, em terras lindeiras da Bahia, outrora foi sede da Comarca do Alto Vaza-Barris. O simão-diense, antropólogo e Doutor em letras pela Universidade de São Paulo desenvolveu por quase duas décadas, intensamente, a atividade de adido cultural do Brasil em vários países da América do Sul; e esteve como Professor em algumas Universidades norte-americanas.

Folclorista, produziu *Folklore Floridense* (Lima – Peru, 1957), *Folklore y Educacion* (Quito – Equador, 1961) e *Folklore sergipano*. Ficcionalista, o conjunto de sua obra é de acentuada importância na literatura brasileira contemporânea: *Meu Tio Atahualpa*, estampado no México, em 1972; *Praça Mauá*, *Suomi* e *Los Ilustres Maestros*. Suomi cuida da história de Paavo Virkkunem, que os ventos do destino trazem da Finlândia para o Brasil. Desembarca no Recife – en-

*trada do sertão e promontório do universo*, no dito de Alceu Amoroso Lima ao receber Gilberto Amado na ABL.

Conhece Índio Paraíba, que o leva pela caatinga em demanda do Paraíso. Chegam ao empobrecido povoado de Pau-Seco, sofrente de calor desmesurado, com seus desafortunados e desvalidos moradores, e a falta de chuva a lhe explicar o topônimo. O finês Paavo Virkkunem tenta criar, em delírio, no chão crestado e com os sofridos catingueiros a Nova Escandinávia. O romancista entremeia a narrativa e as falas do homem do Norte de citações do Kalevala.

Na ópera *O Cavaleiro*, de Aulis Sallinen, com libreto de Paavo Haavikko, o tribunal de Olavinlinna é o cenário do Ato II. Castelo de Olavinlinna é a morada que o escandinavo planta na crespidão da sertania nordestina.

Em verdade, *Suomi* mescla a saga do finlandês e o sofrer do homem rude daquele ermo carasqueiral.

*Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, março de 2001.

## O ROSTO PERDIDO

**A**lmeida Fischer (1916-1991) foi crítico literário, contista, professor de Teoria Literária e de Literatura Brasileira; poeta e também autor de novela e romance. A Academia Brasileira de Letras o galardoou, por produções literárias, com os prêmios *Afonso Arinos e Assis Chateaubriand*. Marcada ficou sua presença aqui no planalto: cofundador da Associação Nacional de Escritores em 1963, da Academia Brasiliense de Letras (1968) e da Academia de Letras do Brasil (1987), tríade em Brasília sediada.

De sua autoria é *O Rosto Perdido*, cá publicado em 1970. Disponho da sua 2ª edição, tirada pela Record (Rio de Janeiro) e INL (Brasília), de 1978, que registra ser a obra dedicada a Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo e R. Magalhães Junior. Esse livro contém estudo introdutório titulado *Romance e Mistério* de Flávio Macedo Soares, e o prefácio de Lêdo Ivo, de instigante designação: *Quem é quem, Almeida Fischer?*

Machado de Assis, bem antes de alcançar o ápice da romancística nacional com o *Dom Casmurro* advertia, em trabalho de 1873, que o romance *exige da parte do escritor qualidade de boa nota*; para logo acrescentar:

*Pelo que respeita à análise de paixões e caracteres são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer à crítica; alguns há, porém de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das*

*partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores (v. de MA, O jornal e o livro – São Paulo: Companhia das Letras, 2011).*

Aquela *qualidade de boa nota* e a incontestabilidade do mérito as possuía o romancista Almeida Fischer. Eis o que Lêdo Ivo, que integrou a Academia de Letras do Brasil e a Brasileira de Letras, o autor do prêmio a obra fischeriana de que me ocupo, assinalou a propósito:

*Romancista nato e nítido, em permanente inteligência com o labor e o primor, Almeida Fischer timbra em exhibir, desde o primeiro lance de sua narrativa, a capacidade, essencial num contador de histórias, de converter a eventual inverossimilhança numa realidade autônoma e até arrogante. O direito do romancista, de ultrapassar as fronteiras em que o real cotidiano ou civil se aprisiona a si mesmo, Almeida Fischer o exerce com o tirocínio e a gentileza daqueles que sabem ser a realidade da ficção uma conquista da imaginação e o resultado da eficácia do texto e da congruência formal. Assim, a história de um transplante de cérebro é tratada, neste romance com uma versatilidade que abrange, em sua cuidada tessitura, as mais várias linhas da realidade – e, por isso, propõe ao leitor a admissão de diversos modos de lê-la.*

Nos idos da quinta década do Novecentos surgiu, editado pela José Olympio, do Rio de Janeiro, compondo a Coleção de Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre, *O Romance Brasileiro – As suas origens e tendências*, estudo de Olívio Montenegro (1896-1962), com texto preambular do próprio *Mestre de Apipucos*.

O paraibano que se radicara no Recife nesse seu livro escreveu:

*Nos grandes romances psicológicos a Proust, a Joice, a Meredith, e de certa maneira a Dostoiévski e a Gide, a ação a vemos sempre*

*lenta, difusa, fria, e algo dormente como uma luz indireta, uma luz de reflexos. A ação não vale por si como representação de vontade, mas pelo que exprime em substância de vida; em idéia.*

E pouco adiante arrematou o ensaísta:

*A atmosfera dos grandes romances psicológicos nem sempre é transparente e fluida como nos romances que vão diretamente à compreensão popular; é, ao contrário, densa e profunda. Mas o que nela reflete do meio dia das coisas reflete com uma nitidez que atinge além da memória – atinge à consciência mesma da nossa vida.*

No meado da centúria passada a Academia Brasileira de Letras, então sob a presidência de Aníbal Freire da Fonseca (Lagarto-SE/ 1884 – Rio de Janeiro/1952), promoveu o *Curso de Romance*. Seu primeiro conferencista foi Menotti Del Picchia, o poeta de *Juca Mulato*. Acentuou que o romance tem como objeto também a ousada incursão no mundo onírico ou supra-real, desbordando da ideia do tempo e do espaço, localizando seus panoramas quer no agreste chão desta terra, quer no fluido e ilimitado território da imaginação. Em sua preleção ele, o autor de *Salomé*, disse do romancista:

*... é um Deus terrestre operando o milagre de soprar almas na carne do verbo, material que cria vida do espírito e transfere a vida fungível para o plano eterno da criação artística.*

Neste início de século a mídia tem noticiado transplantes faciais indicadores de enorme desenvolvimento da arte cirúrgica relativa a transplantação de órgãos. O romance de Almeida Fischer, porém, versa tema outro, o de espantosa transferência de cérebro humano. Que importa ao leitor haver a ciência dos nossos dias assentado o conceito



de morte encefálica; ou carecer o tópico de verossimilitude? A criação literária prescinde da verisimilitude.

Peregrino Junior, igualmente expositor naquele *Curso*, com acuidade, acerca do criador de *Dom Casmurro* percebeu:

*Homem do fim do século XIX – do século de Balzac e Stendhal – Machado é anterior a Proust e Joyce. A sua aventura intelectual é, pois, surpreendente e singular, por antecipadora. Ele soube exercer o ofício da análise em profundidade, dando mergulhos verticais no fundo da alma humana, com a lucidez adivinhadora dos modernos profissionais do romance psicológico.*

O *Rosto Perdido*, que se ambienta em Brasília, tem uma bem elaborada fabulação. O trabalho de Almeida Fischer situa-se no rol dos romances psicológicos. Sua reedição seria bem oportuna, sobretudo neste ano do quinquagésimo aniversário da ANE.

Jornal da ANE, 2013

## DOIS TRADUTORES DE DANTE ALIGHIERI

**F**loresta desmedida e ainda hoje com misteriosos recantos inacessíveis é o mundo dantesco; nem menos aterrador, para o leigo e até para o especialista, é o pélagos nem sempre bonançoso em que navegam dantistas de todas as línguas e crenças – poetas, artistas, estudiosos ou apenas admiradores, com raríssimas vozes desafinadas no meio do coro universal – assim iniciou Giacinto Manuppella o preâmbulo de seu trabalho *Dantesca Luso-Brasileira: subsídios para uma bibliografia da obra e do pensamento de Dante Alighieri* (Coimbra, 1966).

Ia a meio o Novecentos quando a Editora das Américas, de São Paulo, publicou, em 10 volumes, *Obras Completas de Dante Alighieri* (Texto original italiano e a tradução em prosa portuguesa). O volume I traz o *Estudo Introdutório*, abrangente de *Traços Biográficos* do poeta e de uma exposição sobre o excelso carne e explanação acerca de Dante e Beatriz, bem como análise das *Obras Menores* do notável florentino; e mais a tradução dos trinta e quatro cantos de *O Inferno*, com os comentários correspondentes, pelo Mons. Joaquim Pinto de Campos – (1819, região de Pajeú, PE-1887, Lisboa).

Esse intérprete do poeta foi, além de diretor da biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, deputado e senador do Império. Na sua *História da Faculdade* Clóvis Beviláqua registrou: *segundo afirmam, foi o mais aproveitado leitor que*

*teve a biblioteca da Faculdade, durante as duas dezenas de anos em que a dirigiu, de 6 de outubro de 1855 a 1875. A ele deve a Biblioteca algumas provisões de bons livros.*

Destaco a observação desse tradutor de Dante a respeito da relevância das *Obras Menores*:

*Compulsado tudo isso, reconheci que Dante era o único e verdadeiro intérprete de si mesmo, e que o volumoso pecúlio de comentários, que eu tinha feito era um mistifório indigesto... condenei às chamas tudo... Desde o dia pois, em que ardeu a Troia das minhas ilusões, os meus estudos dantescos mudaram essencialmente de direção. Tive por conseguinte de rever toda a minha tradução dos trinta e quatro cantos do Inferno, que na sua generalidade, foi reformada, em vista das novas luzes, que a leitura das Obras Menores do Poeta derramou sobre o seu complicado enredo.*

Oscar Dias Corrêa, natural de Itaúna – Minas Gerais, fez-se destacado cidadão prestante. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, agora UFMG. Foi deputado estadual em seu torrão natal; e ocupou cadeira de Deputado Federal em três legislaturas; Secretário de Educação, em seu Estado de origem, Ministro do Supremo Tribunal Federal e Ministro de Estado da Justiça. E, ainda, professor universitário em sua terra natalícia, bem como em Instituições de ensino superior no Rio de Janeiro e em Brasília. Integrou a Academia Mineira de Letras e a Academia Brasileira de Letras. Demais disso, em 1989, como sucessor de Menotti Del Picchia, foi recebido na Academia Brasileira de Letras pelo Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco. O recém-chegado em seu discurso de posse mais de uma vez evocou versos de Dante.

A ABL publicou, em 1999, *Meus Versos dos Outros / Traduções de poetas italianos por Oscar Dias Correa*. Edição

*bilíngüe*. Eis os poetas trasladados: Leopardi, Carducci, Petrarca, Ariosto, L. da Vinci, G. Cavalcanti, C. Angiolieri e Dante Alighieri. Deste último, vertidos para o nosso vernáculo cinco cantos de *Inferno* (I, II, III, IV e V) e o XXXIII do *Paraíso*. Esta advertência do tradutor está no livro:

*Minha preocupação foi sempre, já o disse e repito, a da tradução tanto quanto possível literal, o que em geral não agrada aos grandes poetas-tradutores, que preocupados também, quando não principalmente, com a beleza literária da tradução, e a contribuição que lhe podem dar, afastam-se, muita vez, do original.*

*Em alguns casos essa preocupação leva-os a fazer obra nova, o que se não lhes desmerece o trabalho, transforma-os em novos autores do texto, no qual nem sempre se identifica o traduzido.*

E acrescentou pouco adiante haver optado pela versão, *tanto quanto possível literal, na mesma métrica, e até na mesma rima (quando possível), deixando que o leitor acompanhe o que se lê na tradução... para sentir a voz do Poeta, transposta, no mesmo tom, passo a passo, para a nossa língua, às vezes tão vizinha, noutras tão distante.*

À memória de Oscar Dias Corrêa a reverente homenagem de quem escreve este texto.

Aos caríssimos leitores, alguns tercetos do seu lavor danteano:

*INFERNO (CANTO I)*

No meio do caminho desta vida,  
enveredei por uma selva escura,  
que a verdadeira via era perdida.

Quanto a dizer como era é coisa dura,  
esta selva selvagem, rude e forte  
que o só pensar renova o medo e o apura!

Tão amarga que pouco mais é a morte!  
Mas, pra tratar do bem que ali achei,  
darei, das outras coisas, o que importe.

Não sei dizer bem como nela entrei,  
tão sonolento estava aquele instante,  
quando a via direita abandonei.

Mas, junto a uma colina, logo adiante,  
onde pensava a selva terminada,  
com o coração de medo trepidante,

Olhei para o alto, e a encosta alcantilada  
vi vestida dos raios do planeta  
que leva os outros certo, em toda estrada.

Então se fez a angústia um pouco quieta,  
que no lago do coração durara  
a noite que passei, de tão inquieta.

*INFERNO (CANTO I)*

1 Nel mezzo del cammin di nostra vita  
mi ritrovai per una selva oscura,  
che la diritta via era smarrita.

4 Ahi quanto a dir qual era è cosa dura  
esta selva selvaggia e aspra e forte,  
che nel pensier rinova la paura!

7 Tant'è amara che poco è più morte;  
ma, per trattar del ben ch'io vi trovai,  
dirò de l'altre cose ch'io v'ho scorte.

10 I'ò non so ben ridir com 'io v' entrai  
tant'era pien di sonno in su quel punto  
che la verace via abbandonai.

13 Ma poi ch'io fui al piè d'un colle giunto,  
là dove terminava quella valle  
che m'avea di paura il cor compunto,

16 guardai in alto, e vidi le sue spalle  
vestite già de' raggi del pianeta  
che mena dritto altrui per ogni calle.

19 Allor fu la paura un poço queta  
che nel lago del cor m'era durata  
la notte ch'io passai con tanta pièta.

## 130 ANOS DE DIAS E NOITES

**N**os primeiros dias de 2011 peguei do livro de Umberto Eco *A Memória Vegetal e outros escritos de bibliofilia*, editado pela Record, do Rio de Janeiro, no ano último findo; tradução de Joana Angélica d'Ávila. De intróito, o texto de uma conferência pronunciada pelo autor na Sala Teresiana da Biblioteca Nazionale Braidense em Milão no ano de 1991. Prenderam-me a atenção algumas asserções do conferencista a respeito do fenômeno a que dá o trato de memória vegetal. Em sua preleção na biblioteca milanesa o criador da premiada obra *O nome da rosa* e de, entre outras, *O pêndulo de Foucault* disse da memória orgânica, *aquela registrada e administrada pelo nosso cérebro*, e da memória mineral, *porque os primeiros signos foram gravados em tabuinhas de argila ou esculpidos sobre pedra*, e ainda lembrou o suporte mineral da *mais atual das memórias, a dos computadores, cuja matéria prima é o silício*.

O referido professor da Universidade de Bolonha e romancista nado em Alessandria afirmou:

*... com a invenção da escrita, nasceu pouco a pouco o terceiro tipo de memória, que decidi denominar vegetal, porque embora o pergaminho fosse feito com pele de animais, o papiro era vegetal e, com o advento do papel (desde o século XII), produzem-se livros com trapos de linho, cânhamo e algodão – e por fim a etimologia tanto de biblos como de líber remete à casca da árvore.*

E acrescentou:



*Os livros envelhecem. Alguns envelhecem bem, outros menos. Depende das condições em que foram conservados, certo, mas também do material com que foram produzidos. Como os senhores podem conferir em qualquer biblioteca, o papel de trapos sobrevive aos séculos. [...] Mas, a partir da segunda metade do século XIX, a vida média de um livro não poderá ultrapassar, afirma-se, os setenta anos.*

Então, volvi a vista para a estante em que sabia estar *Dias e Noites* de Tobias Barreto de Meneses, com um juízo crítico de Sílvio Romero; exemplar por mim adquirido há bom tempo, e cuidadosamente conservado.

Sua publicação ocorrera em 1881, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Industrial. Por conseguinte, cento e trinta anos nos distanciam da edição príncipe do poemário.

Tobias Barreto era natural da vila de Campos do Rio Real, curso d'água que separa o território de Sergipe do da Bahia. A antiga povoação em que nascera no ano de 1839, hoje cidade, leva o seu nome. Recife foi o espaço em que despontou para a ingente luta que foi seu viver.

A propósito lembro que Alceu Amoroso Lima ao receber Gilberto Amado na Academia Brasileira de Letras, aludindo a ida do estanciano para a capital de Pernambuco exclamou:

*Recife! Palavra mágica para todo nortista, entrada do sertão e promontório do universo.*

Assim foi efetivamente para o notável brasileiro, que brilhou mundo afora; mas também para Tobias Barreto, que sem nunca do nordeste ter saído, fez seu nome ressoar por todo o País, e chegar a polos culturais distantes, dum lado e doutro do Atlântico.

Apenas cinquenta anos viveu Tobias Barreto – 1839-1889. Ele é Patrono da Cadeira 38 da ABL, escolhido pelo respectivo fundador, o romancista de *Canaã*, Graça Aranha. Hoje José Sarney é seu titular.

Latinista, poeta, filósofo, lente da Faculdade de Direito do Recife, crítico de arte e de literatura, jurista, orador – ele foi.

A coletânea de versos mencionada *sai hoje dos prelos a esforços meus* – escreveu Sílvio Romero no início do prólogo correlato, que assim titulou: *Tobias Barreto de Meneses como Poeta*.

É do referido texto romeriano que me valerei doravante. E de logo trago este seu registro:

*Tobias Barreto, mais conhecido como crítico e orador, foi e é, antes e acima de tudo, um poeta.*

E aquele que inda iria escrever, antes de terminada a década, a *História da Literatura Brasileira*, traçou o seguinte quadro do Recife ao tempo da chegada ali do conterrâneo mais moço:

*A poesia era um prolongamento dos tacapes de Gonçalves Dias e da choradeira de Alvares de Azevedo.*

*Neste meio saltou Tobias com vinte e três anos de idade. Ruminou a bordo uma das suas melhores produções: À Vista do Recife.*

*Desde logo as cousas se acharam mudadas; aquele modo de dizer másculo e irritante era novo.*

*A chorominga morreu desde ai; os entusiastas tomaram o partido do sergipano. Castro Alves, muito mais moço, e aparecido posteriormente era do número deles. Os dous foram amigos. Tobias sempre o distinguiu dentre a turbamulta e dedicou-lhe os lindos*



*versos – Os Oito Anos. Castro Alves dedicou-lhe O Rio e o Gênio. Mais tarde, por intrigas e questões de bastidores brigaram os dous. A luta foi renhida e escandalosa, por causa de duas atrizes.*

Observo que no corpo daquele livro de versos não há menção da dedicatória de Tobias Barreto, mas no da edição comemorativa (Editora Record/INL – 1989), sob Direção Geral de Luiz Antonio Barreto com colaboração de Jackson da Silva Lima, há notação deste teor:

*Publicado no Diário de Pernambuco, de 24.08.1865, “dedicado ao seu amigo e colega A. Castro Alves” – p.118.*

Torno ao prefaciador:

*Na questão puramente literária e crítica não foi para surpreender que o sergipano contundisse o baiano, que, si tinha, como foi sempre dos primeiros a reconhecer, um apreciável talento poético, não tinha estudos feitos.*

Noutro passo assentou ele:

*A época de 1862 a 1870 no Recife, ao influxo de um entusiasmo de súbito desenvolvido, foi um período de vida e movimento literário. (...)*

*Era um período guerreiro para o país e a poesia acostumou-se ao retintim das armas. Ouvimos então os nossos mais belos hinos patrióticos. O Recife era a passagem de todos os batalhões do norte; o ardor marcial era geral. Tobias recitou os Voluntários Pernambucanos, A Capitulação de Montevideú, Os Leões do Norte, Em Nome de Uma Pernambucana e muitos outros cânticos marciais.*

Pouco adiante asseverou:

*Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. (...) Considero-os os dous melhores representantes do lirismo hugoiano no Brasil; ambos têm o tom elevado, que os fez denominar de chefes da escola condoreira.*

E mais:

*Um é o segundo elo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Vitoriano Palhares o terceiro. O poeta das Espumas Flutuantes foi tido por chefe, por dous motivos principais: o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém que ele nada teve de inovador, não passando de um sectário de Tobias. Esta é a justiça da história*

Aqui, leitor amigo, a minha homenagem ao poeta de *Dias e Noites* no centésimo trigésimo aniversário da publicação do seu livro.

## AQUELE TOBIAS...

**A**quele Tobias... tinha impulsos procelariídeos. Refiro-me, leitores, a Tobias Barreto e lembro o espécime amante das tempestades – *o gênio do escarcéu, a plúmbea procelária*, do poema goulardiano.

Seu viver foi de intenso enfrentamento de tempestades. A capital de Pernambuco seria o cenário de suas lutas. As margens do Capibaribe, ruas e praças recifenses e toda gente de lá ouviram a voz forte de Tobias. Longe do nordeste Sílvio Romero fez-se pregoeiro de sua fala.

Quando Gilberto Amado chegou ali, já a Monarquia se fora, o século XIX passara e Tobias não mais estava entre os vivos. A ambiência baiana em que o futuro memorialista fizera seu primeiro curso superior era diversa. Por isso, então, Tobias lhe era distante. Ele o afirmaria em conferência proferida no Centro Oswaldo Spengler, no Rio (*Tobias Barreto*, 1934, Ariel Editor Ltda, Rio de Janeiro). Mas aí mesmo prelecionou:

*Quanto lhe devemos todos da atual geração sem o saber ! [ ... ] .  
Percorrido o espaço aberto por ele em frente de nós, tomamos outras direções. Mas é verdade que a cada passo distinguimos os traços da sua passagem. Ele está no centro da cultura do Brasil. Daí será impossível arredá-lo.*

Tobias Barreto recebeu, em 1869, o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Di-

reito do Recife, da qual se faria lente substituto em 1882 por celebrado concurso.

*Prendeu uma geração inteira à magia de sua palavra. [...] Do alto de sua cátedra, falou e foi escutado. Sua voz tinha som próprio, inconfundível* – escreveu Hermes Lima (Tobias Barreto – *A Época e o Homem*, INL/MEC, 1963).

Clóvis Beviláqua, em *História da Faculdade de Direito do Recife*, assim considerou a sua figura:

*Tobias Barreto como orador possuía caráter próprio. A palavra fácil, enérgica e vibrante, vinha em borbotões, com uma gesticulação descompassada, mas expressiva. A fisionomia, de mobilidade extrema, os olhos girando nas órbitas de modo estranho, e as contorções em que se contraíam os músculos faciais davam ao discurso extraordinária força de comunicação. [...]*

*Discursos notáveis produziu Tobias Barreto em várias oportunidades. Entre eles, porém, sobressaem os dois que proferiu na Câmara dos deputados provinciais de Pernambuco, em defesa da educação da mulher, e o que recitou, numa colação de grau, sobre a idéia de direito. Os primeiros são, sobretudo, notáveis, porque a questão foi colocada no terreno da biologia; o contendor de Tobias era um médico de grande capacidade técnica, o Dr. Malaquias Gonçalves, e, no entanto, nada lhe ficou a dever o grande jurista. (Livreria Francisco Alves, Rio, 1927).*

Clóvis em sua *História* anota os discípulos imediatos de Tobias e, tratando da propagação do movimento intelectual liderado por ele, diz de outros adeptos seus, aí incluso Sousa Bandeira.

Em 1904 falecera Martins Junior, já eleito para a ABL, mas não empossado. A Instituição escolheu, nesse caso, para ocupar a Cadeira 13 o aludido Sousa Bandeira. Acolá o recepcionou Graça Aranha. Ao as-

sumir a curul acadêmica Sousa Bandeira, recordando Tobias, disse:

*Quando se nos apresentou, reunindo todas as audácias, congregando todas as revoltas, seguimos eletrizados os seus passos, cheios de viril confiança nas conquistas do livre pensamento.*

Em 1887, publicado pela Tip. Miranda, de Pernambuco, apareceu *Discursos do Dr. Tobias Barreto de Menezes – lente substituto da Faculdade de Direito do Recife*. Trata-se da edição príncipe da coletânea de orações suas. Tal corpus expõe um paratexto assinado por A de A [Altino de Araujo, bacharel da turma de 1875]. Nele está escrito:

*O orador que proferiu estes discursos [...] reúne à força prodigiosa do talento, à riqueza da cultura, às explosões da palavra eloqüente, a brilhante altivez do seu caráter.*

Das falas tobianas ali reunidas duas há que nesta oportunidade destaque: *Educação da Mulher e Ainda a Educação da Mulher*, ambas pronunciadas na sessão de 22 de março de 1879 da Assembleia Provincial de Pernambuco.

A primeira oração dizia com proposta de subvenção a uma jovem para estudar medicina. O deputado Dr. Malaquias Gonçalves combateu o projeto. Tobias apreciou a posição do seu colega:

*Se pois alguma coisa me pode causar admiração, é ver um espírito culto qual é o nobre deputado, combatente do projeto, um digno representante da medicina entre nós, por capricho ou mau humor [...] abraçar-se com o cadáver de uma teoria inanida, que já não pertence aos nossos tempos, [...] Sim, é isto que me admira, e esta admiração sobe de ponto, quando considero que foi em nome da*

*ciência que o ilustre deputado pretendeu falar; que foi em nome da ciência e pela força do advérbio – psicologicamente, que pretende demonstrar a inferioridade da mulher, sua dependência perpétua em relação ao homem, sua inaptidão para os estudos sérios; tudo isto escrito, como ele pensa, no próprio cérebro feminino [...] [...] a questão de saber se a mulher pode estudar e exercer a medicina, já não é uma tal, já não tem caráter problemático para o alto mundo científico. [...] Foi em dezembro de 1867, que na Europa se deu o primeiro impulso para um dos maiores movimentos dos tempos modernos, sendo conferido, em ato solene, o grau de doutora em medicina por uma universidade célebre, a universidade de Zürich. Essa mulher é uma russa, e seu nome: - Nadeschda Suslowa.*

E lembrou:

*“A tradição de Helena Calderini, filha de Giovanni Andrea Calderini, professor de direito canônico na universidade de Pádua, a qual costumava substituir a seu pai, quase sempre ocupado em missões diplomáticas; e quando isto fazia, subindo à cadeira, era escondida por detrás de uma cortina, para não distrair com a sua beleza a atenção dos seus ouvintes.”*

A segunda peça versava sobre proposta de igual natureza referente a outra mulher desejosa de aprender a ciência de Hipócrates.

Deixo à margem o debate, entre os deputados – o médico e o jurista, acerca do peso do cérebro feminino e sua relação com o do homem. Peço, todavia, a atenção do leitor para a implacabilidade da dialética tobiática:

*Se é possível que a mulher, tendo, na hipótese, um cérebro de peso inferior ao do homem, mesmo assim se desenvolva, mesmo assim cultive com proficiência este ou aquele ramo científico, para que mais lançar mão de semelhantes argumentos, que não passam de conjecturas, já desmentidas pela experiência? Com efeito, já não se trata de uma mera possibilidade, trata-se de um fato: tem exis-*

*tido e existem na época de hoje mulheres notáveis, que se hão dedicado com vantagens a estudos superiores. É um fato; para que desconhecê-lo?*

E avançou Tobias:

*Costuma-se dizer, e o nobre deputado repetiu esse dito ou princípio vulgar: que a missão da mulher é ser mãe ...*

*Dá licença que eu refute esse princípio com um outro, não menos vulgar? – Sim, a missão da mulher é ser mãe, da mesma forma que a missão do homem é ser pai ...*

Daí indagou e prosseguiu:

*Ora, em que é que a missão de ser pai tem privado e priva o homem de se dedicar à ciência? Do mesmo modo a mulher pode ser mãe, muito boa mãe, e todavia cultivar perfeita e profundamente a ciência.*

*Temos exemplos eloqüentes: – entre outras, Laura Bassi, professora da universidade de Bolonha, já aqui mencionada, foi mãe de 12 filhos; – o que não obstou que ela se desse com todo o desvelo ao cultivo científico.*



Mais de cento e trinta anos há que esses discursos foram articulados. Certo é que via longe, no espaço e no tempo, muito longe... aquele Tobias.

2001.

## O TRADUTOR IGNOTO

**A**nderson Braga Horta em *Sob o signo da poesia: literatura em Brasília*, ao cuidar de *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilingue* de José Jeronimo Rivera, escreveu:

*Não é fácil, mas é possível recriar o poema de modo que, na língua de destino, ele soe como original e suscite um conjunto de sensações-emoções-sentimentos-ideias que se assemelhe ao da matriz.*

Ambos e mais Fernando Mendes Vianna, tradutores de Victor Hugo (*O Sátiro e outros poemas* – Rio: Galo Braco, 2002).

Umberto Eco propôs o tema “Interpretação e superinterpretação” para as Conferências e o Seminário Tanner de Clare Hall, Cambridge, de 1990. Na primeira exposição do Doutor de Bolonha ele já mencionava a intenção do texto ou *intentio operis*, em contraposição – ou em interação – com a *intentio auctoris* e a *intentio lectoris*. De uma fala do Professor recolho sua observação a respeito de um verso de William Wordsworth – 1770-1850 – :

*A poet could not but be gay*  
(“Um poeta só poderia ser alegre”).

Falou então:

*... um leitor sensível e responsável não é obrigado a especular sobre o que se passou na cabeça de Wordsworth ao escrever aquele verso,*



*mas tem o dever de levar em conta o sistema léxico da época de Wordsworth. No tempo dele gay não tinha nenhuma conotação sexual, e reconhecer este ponto significa interagir com um tesouro cultural social.*

Destarte, impor-se-á ao intérprete do aludido fragmento de poema, segundo o Catedrático bolonhês, respeitar o *pano de fundo cultural e linguístico* do britânico.

Os textos ecoianos e os dos debates consequentes estão em *Interpretação e Superinterpretação*, editado pela Martins Fontes, de São Paulo.

Victor Hugo foi grandemente admirado e não apenas no país dele. No nosso o seu nome marcou, no século dezenove, certa corrente de poesia. A ela pertenceu Tobias Barreto. Entre os que verteram para o português versos de Hugo está o autor de *Dias e Noites*, que em 1865 passou para o vernáculo *Un peu de Musique*, extratado de *La Légende de siècles (première série, 1859)*

Dou-lhes, leitores, o traslado tobiático da produção hugoana:

### UM POUCO DE MÚSICA

*Se te apraz, inventemos um sonho,  
Cavalguemos dois lindos corcéis;  
Tu me levas, e eu te arrebató;  
Cantam aves em flóreos vergéis.*

*Olha! eu sou teu senhor e tua presa,  
Boa hora em que o sol vai se por ...  
Meu cavalo se chama a alegria,  
Teu cavalo se chama o amor.*

*Vem, os nossos ginetes mentiras  
Andam ambos em marcha sonora,*

*Bate o meu com o pé nos meus sonhos,  
Bate o teu nas pilastras da aurora.*

*Fá-los-emos correr em parelha,  
Passo a passo, cabeças juntinhas,  
E depois dar-lhes-emos em paga  
Uma doce ração de boquinhas.*

*Vem, a hora é belíssima; os pássaros  
Interrompem da tarde a canção  
Para ouvirem o som das cadeias  
Que puseste no meu coração.*

*Vem, sê terna, que eu sou ébrio e doudo ...  
Que perfume! ... Teu hábito faz  
Borboletas e abelhas dos campos  
Dos teus lábios voarem atrás.*

*Levaremos também por bagagem  
Nossos votos, cuidados e zelos.  
Nossas ditas e nossas tristezas  
E essa flor, que te adorna os cabelos.*

*Vamos juntos, assim, minha santa,  
Que és de Deus a mimosa pupila:  
Contaremos depois este sonho  
Às estrelas da noite tranquila.*

Quando morreu em 1885 o autor de *Les Contemplations* considerável porção do mundo recebeu o choque decorrente do infortúnio. Neste lado atlântico também repercutiu o seu falecimento. Entre as homenagens que então lhe foram prestadas, o livro de Múcio Teixeira *Hugonianas: poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros*. Duas edições foram dele tiradas, ambas da Imprensa Nacional, naquele mesmo ano. A terceira, da ABL, surgiu em 2003.

Na obra de Múcio Teixeira não está a tradução tobianacima reproduzida, nada obstante o antologista tenha dito no peritexto *Victor Hugo – Biografia a traços largos*:

*Castro Alves, Pedro de Calasans, Tobias Barreto e Ramos da Costa, de todos os seus discipulos os que mais se aproximam do Mestre.*

Em *Victor Hugo no Brasil* de A. Carneiro Leão também não é encontrada a versão daquela linda peça, ainda que tenha ele afirmado:

*Não é sem razão que Sílvio Romero acentua, com ênfase, a primazia no tempo de Tobias Barreto no movimento hugoano ou condoreiro em Recife.*

A *editio princeps* de *Dias e Noites* ressentem-se de igual senão.

A propósito dessa lacuna a explicitação feita por Sílvio Romero no posfácio da edição de 1881:

*Este livro, [...] contém uma terça ou quarta parte das produções poéticas de Tobias Barreto. Faltam ai muitas mais inspiradas composições do poeta, [...]. É certo que todas as poesias do distinto sergipano foram publicadas em jornais e periódicos de Pernambuco e que existem muitas coleções manuscritas desses cantos; compreende-se, entretanto, o embaraço que hoje encontrará quem daqui da corte se abalançar a coligir versos esparsos pelas folhas provincianas.*

A tradução do poema de Victor Hugo *Un peu de Musique* foi publicada em livro na 2ª edição de *Dias e Noites* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1893).

2011.

## Menores e loucos em direito criminal

### Prefácio

**D**a luta pela liberdade dos mares, que Grotius proclamara no *Mare Liberum*, de 1609, adveio, na conjuntura de cruenta guerra entre Espanha e Holanda, a presença neerlandesa no Brasil, como assinalado por Oscar Przewodowski<sup>1</sup>. Foi ao tempo da União Ibérica (1580-1640). Somente cessaria com a capitulação da campina do Taborda, em janeiro de 1654, já depois da Restauração da Independência de Portugal. Antes das batalhas de Guararapes, porém, lá nas Províncias-Unidas, surgia, escrita por Gaspar Barléu, a *História dos feitos remanescentes praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo José Maurício, Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange*<sup>2</sup>.

O panegirista antuerpiano, valendo-se do relatório de Nassau, anotou: *os limites do Brasil holandês, dilatados pela felicidade das armas, estendem-se desde o Rio Real, que separa o Sergipe da capitania da Baía, até o rio Maranhão*<sup>3</sup>.

E, ao brasonar Sergipe, o mencionado humanista imaginou o Sol, justificando: *Tu, Sergipe, pões em face de tuas moradas as flamas de Febo...*

Mais de duzentos e cinquenta anos se haviam passado e, oriundo das ribas do rio Real, precisamente da então vila

de Campos, um homem de origem humilde abalançaria o Recife, rompendo a placidez da sua Academia de Direito e alvoroçando toda a gente dali, sobretudo os jovens acadêmicos: Tobias Barreto de Meneses. Poder-se-ia dizer então que, naquele celeberrimo concurso para professor da vetusta Casa, “*as flamas de Febo*” incendiaram velhas doutrinas e teorias e acenderam novas idéias no campo do Direito, distanciadas do dogmatismo conimbricense. Ou mesmo se poderia dizer revigorada ali a *Recife das revoluções libertárias*, do poema de Manuel Bandeira<sup>4</sup>.

O concurso aludido aconteceu em abril de 1882. Gumersindo Bessa, que seria notável jurista e polemizaria com Rui Barbosa, pela imprensa, sobre o pleito do Estado do Amazonas relativo ao Acre Setentrional, era então estudante no Recife e em maio escrevia a antigo companheiro que exercia a magistratura em Sergipe, noticiando o que se passara na “sala dos graus”, assim iniciada a narrativa:

*A palavra mágica e arrebatadora de Tobias Barreto, traduzindo mera lógica inelutável e originalíssima, não é coisa que se descreva, que se exprima numa carta. E depois o vulto grandioso de Tobias ainda mais se destaca no quadro por efeito de um contraste palpável; imagina ter um gigante assentado no meio de quatro pigmeus, e terás a verdade do que vai sucedendo por aqui nesse célebre concurso<sup>5</sup>.*

Naquela ocasião coube a Tobias tratar, em dissertação escrita, acerca de *Conforma-se com os princípios da ciência social a doutrina dos direitos naturais e originários do homem?*

Escreveu, então:... *o direito natural moderno com o seu apriorismo, com suas pretensões de filho único da razão humana, é uma criação da Holanda no século XVII. Mas é digno de nota: o célebre Grotius, que abriu caminho a esse*

*preconceito científico, além de outros escritos, consagrou o seu Mare Liberum à exposição da nova idéia.*

Entretanto essa mesma obra, cheia de apelos à razão, tem por subtítulo as seguintes palavras, que dão a medida do grande conceito: *Sive de jure, quod Batavis competit ad indiana commercia...*

*Bom direito natural!*

E apresentou enunciados de teses sobre direito natural, romano, público, das gentes, eclesiástico, civil, criminal, comercial, marítimo e administrativo; diplomacia, hermenêutica jurídica e economia política; processo civil e processo criminal.

Eis os de Direito Criminal:

*I – É inconcebível, por direito filosófico, a tentativa de cumplicidade.*

*II – O conceito da tentativa não é aplicável a todos os crimes, mas somente àqueles que comportam a divisibilidade da ação principal ou mais de um momento na execução de um delito.*

*III – O que pratica um crime por engano, fora da hipótese do art. 10, § 4º, do Código Criminal, é sempre responsável; mas só no caso de uma aberratio delicti lhe pode ser aplicada a agravante do art. 16, § 8º.*

O tempo passado não arrefeceu em Gumersindo Bessa o entusiasmo que o concurso lhe despertara, nem a admiração incontida pelo mestre do Recife. Falecido Tobias, Gumersindo deu à estampa uma série de artigos a seu respeito, que Prado Sampaio coligiu e os encerrou em *Pela Imprensa e pelo Foro*.

Desses artigos, palavras suas:

*Foi ele quem primeiro falou entre nós de uma lei do fieri, do devenir do direito, reduzindo-o a um resultado da cultura humana, a um modus vivendi social, a uma cousa susceptível de evoluir, de adaptar-se às múltiplas condições do meio político, do momento histórico, das crescentes necessidades humanas e das variadas exigências do progresso científico, artístico e industrial.*

*Essa revolução que constitui o maior mérito de Tobias aos meus olhos, data de 1882, época do seu concurso e da sua entrada para o corpo docente da Faculdade de Direito do Recife.*

[...]

*Tobias deixou deslumbrados os homens da ciência caduca, e na alma dos moços deixou a sede de ciência nova.*

[...]

*Venceu. Entrou para a Faculdade e com ele teve ingresso a ciência viva, até então banida pela ciência fósil ali ensinada.*

Outro jovem estudante recordaria, na maturidade, o incomum certâmen: Graça Aranha. Em *O meu próprio romance* memorou ele:

*Foi o concurso de Tobias Barreto. Eu já havia iniciado meus estudos na Academia.*

[...]

*O concurso abriu-se como um clarão para os nossos espíritos. A eletricidade da esperança nos inflamava. Esperávamos, inconscientes, a coisa nova e redentora. Eu saía do martírio, da opressão, para a luz, para a vida, para a alegria. Era dos primeiros a chegar ao vasto salão da Faculdade e tomava posição junto à grade, que separava a Congregação da multidão dos estudantes. Imediatamente Tobias Barreto se tornou o nosso favorito.*

[...]

*Tobias, mulato desengonçado, entrava sob o delírio das ovacões. Era para ele toda a admiração da assistência, mesmo a da emperrada Congregação.*

[...]

*O que ele dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos.*

[...]

*A Congregação, humilhada em seu espírito reacionário, curvava-se ao ardor da mocidade impetuosa.*

[...]

*A lição de Tobias Barreto foi a de pensar desassombradamente, a de pensar com audácia, a de pensar por si mesmo, emancipado das autoridades e dos cânones.*

No final do século XIX, entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, o memorialista. De Joaquim Nabuco partira a sugestão de cada acadêmico colocar a sua cadeira à sombra de um nome ilustre, que lhe serviria de patrono; e Graça Aranha escolheu o de Tobias Barreto para a dele, a de nº. 38, hoje ocupada por José Sarney.

Antes do afamado concurso, Tobias Barreto já havia lançado sua poesia condoreira. Fora o tempo, também, das contendas entretidas com Castro Alves, no Teatro Santa Isabel. O jornalismo exercera com impavidez. No campo político, situara-se na trincheira liberal. *Um Discurso em Mangas de Camisa*, de 1879, é marco dos estudos políticos e sociais



brasileiros; e o tempo não o esmaeceu. *Algumas Idéias sobre o Chamado Fundamento do Direito de Punir* igualmente antecedeu a disputa pelo lugar de professor da Faculdade. Bem assim o pioneiro estudo *Delitos por Omissão*<sup>10</sup>.

De 1884 é a primeira edição de *Menores e Loucos em Direito Criminal*. A segunda tem apendiculada a referida monografia sobre o *Fundamento do Direito de Punir*. Aquela dissertação escrita do concurso Tobias a empregou, ao depois, no intróito da obra agora fac-similada<sup>11</sup>.

A Constituição de 1824 compelia o novo Estado a elaborar um Código Criminal. Em decorrência, o *Código Criminal do Império*, de 1830. Ei-lo, no que aqui interessa:

Art. 10. Também não se julgarão criminosos:

§1º - Os menores de quatorze anos.

§ 2 - Os loucos de todo o gênero, salvo se tiverem lúcidos intervalos e neles cometerem crime.

§ 3º - Os que cometerem crimes violentados por força ou por medo irresistíveis.

§ 4º - Os que cometerem crimes casualmente no exercício ou prática de qualquer ato lícito, feito com tenção ordinária.

José Henrique Pierangelli, que considera ter sido Tobias o maior penalista do Império, observa, ao tratar do Direito Penal brasileiro ao tempo da monarquia: *O Código, como todos, não era perfeito, o que originou uma série de críticas principalmente por parte de Tobias Barreto*<sup>12</sup>.

Em *Menores e Loucos em Direito Criminal* voltou-se Tobias para o art. 10 daquele diploma, que permaneceu vigente até 1891, quando ganhou eficácia o Código Penal de 1890, o primeiro dos republicanos. O passar dos dias não lhe desbotou a linguagem, nem os valiosos ensinamentos.

Um dizer livre, certa dose de ironia e mesmo alguma porção de humor, tudo como lhe era próprio, fazem agradável a leitura do escrito.

O admirando professor de Recife afirma de começo ser necessário, para desenvolver sua análise, *abrir luta franca e decidida com o literalismo estéril anacrônico*.

E passa a elaborar, em relação ao tema enfrentado, estudo comparado entre o Direito nacional brasileiro, o francês e o alemão. Em seguida faz aguda crítica à doutrina de Cesare Lombroso, exposta em *L'uomo delinquente*. Discute a problemática do *dolo* e *culpa* e conclui que a hipótese do § 4º do art. 10 do Código de 1830 envolve *uma negação categórica dos elementos do dolo em todas as suas espécies, chegando até além dos próprios limites da culpa, que o legislador não deixou subsistir, se não sob a forma da velha culpa aquilia, na disposição do art. 11 concernente à obrigação civil de indenizar o ofendido*.

A reedição do trabalho de Tobias Barreto – *Menores e Loucos em Direito Criminal* – é fato de enorme dimensão cultural e catalisador de novos estudos de Direito Penal.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> PRZEWODOWSKI, Oscar. O século XVII no seu sentido jurídico-internacional. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1941.

<sup>2</sup> BARLÉU, Gaspar. História dos feitos... Trad. e anotação de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: MEC, 1940.

<sup>3</sup> Ob. cit., p. 332.

\* Brasília: Senado Federa, 2003



<sup>4</sup> BANDEIRA, Manuel. *Evocação do Recife. Libertinagem*. Estrela da Vida Inteira. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>5</sup> BARRETO, Tobias. *Estudos de Direito (Apêndice)*. Aracaju: SEC/SE, Indústria Gráfica J. Andrade, 1978. vol. 2.

<sup>6</sup> BARRETO, Tobias. *Estudos de Direito I. Org. e notas de Paulo Mercadante e Antônio Paim, col. de Luiz Antônio Barreto, intro. de Miguel Reale*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; Aracaju: Secretaria de Cultura e Meio Ambiente, 1991.

<sup>7</sup> BESSA, Gumersindo. *Pela Imprensa e pelo Foro*. Aracaju: Imprensa Popular, 1916.

<sup>8</sup> ARANHA, Graça. *O Meu Próprio Romance*. Introd. e notas de Jomar Moraes. 4ª ed. São Luís: Alumar, 1996.

<sup>9</sup> MONTELLO, Josué. *A Academia Brasileira de Letras: 100 anos*. São Paulo: BEJ Comunicação, 1997.

<sup>10</sup> BARRETO, Tobias. *Estudos de Direito II. Org. e notas de Paulo Mercadante e Antônio Paim, introd. de Everaldo Luna*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; Aracaju: Secretaria de Cultura e Meio Ambiente, 1991, p.216, nota.

<sup>11</sup> M.P. de Oliveira Teles, in ob.cit., nota 5.

<sup>12</sup> PIERANGELLI, José Henrique. *Códigos Penais do Brasil: evolução histórica*. Bauru: Jalovi, 1980.

## RUI, TRADUTOR DE LEOPARDI

**R**ui, o estadista da República de João Mangabeira foi reeditado pelo Senado Federal em 1999. Prefaciou-o Josaphat Marinho, que intitulou seu texto de *O mestre e o discípulo*. Da obra de Mangabeira repontam fatos significativos de lutas, sentimentos e viver ruianos.

Cuido que a celebração do seu jubileu cívico em 1918, tomado como termo primário o 13 de agosto de 1868, dia do seu pronunciamento em homenagem a José Bonifácio, o Moço – (1827/1886) –, antigo professor da Faculdade de Direito do Recife, donde igual partira Rui, ainda aluno, para a congênere paulista, merece realce nesse quadro.

João Mangabeira recorda que quando se quis marcar de jubileu literário aquele quinquagésimo aniversário de sua oração, Rui ripostou a Constâncio Alves, que discursara ali na Biblioteca Nacional:

*Mas qual, na minha existência, o ato de sua consagração essencial às letras, onde o trabalho que assegure à minha vida o caráter de predominante ou evidentemente literário? Não conheço. Traços literários lhe não mínguam, mas em produtos ligeiros e acidentais, como o “Elogio do Poeta”, a respeito de Castro Alves; ... umas duas tentativas de versão homométrica da poesia inimitável de Leopardi; ... (RB – Escritos e Discursos Seletos, RJ, Ed. Jose Aguilar Ltda, 1960).*

Mangabeira faz a propósito um paralelo entre o brasileiro e o francês que à *barra do Juri*, era assim que se qualificava: "Seu nome? – Augusto Francisco, Visconde de Chateaubriand – Sua profissão? – jornalista".

Memora incidente a que aludira Rui em fala de 1895 e acresce o que dissera Melchior de Vogüé (1829-1916), da Academia Francesa:

*Mais justa para com ele do que ele próprio, [a História] replica-lhe: Não sacrifiqueis a vossa glória, nem a vossa popularidade, nem a vossa vaidade. Vós vos chamais Renato, e sois poeta.*

A alusão de Rui naquela ocasião fora a Giacomo Leopardi (Recanati-1798 / Nápoles-1837), o maior poeta do tempo, em verdade um dos maiores da Itália de todas as épocas, no sentir de Manuel Bandeira.

A *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*, do Rio de Janeiro, dirigida por Laudelino Freire, editou em 1920 o vol. I – Rui Barbosa, que divulgou a versão rui-barbosiana do poema leopardino *Canto Notturmo di un pastore errante dell'Asia*. Terrível gralha macula essa publicação que põe o *pastore errante* na África ...Tal imbróglio traz à lembrança o texto de Eduardo Frieiro "O Diabo nas tipografias", capítulo de sua obra *Os livros, nossos amigos*.

O vol I, tomo II, de "Obras Completas de Rui Barbosa – Poesias" (Rio, MEC, 1971), com proêmio de A. Jacobina Lacombe, contém versos próprios e os que Rui vernaculizou, entre eles o mencionado *Canto XXIII de I Canti* de Leopardi; e contém a informação de que o poema traduzido fora publicado em 1918 pelo periódico *O Imparcial*, com nota atribuída ao tradutor – apontamento que também se acha naquela edição da *Revista de Língua Portu-*

*guesa* –, reveladora do pensamento do trasladador sobre o poeta recanatiano:

*... o célebre pessimista... prosador de uma pureza helênica, incomparável entre os seus conterrâneos, é, ao mesmo tempo, o cantor de quem os mais competentes críticos têm dito que a poesia italiana, depois de expirar nos lábios de Dante, renasceu nos destes gênio...*

Ao caro leitor, a tradução efetuada por Rui Barbosa do poema de G. Leopardi:

#### CANTO NOTURNO DE UM PASTOR ERRANTE DA ÁSIA

*Que fazes, e em que é que o céu te apraz,  
Silenciosa lua?  
Ergues-te à noite, e vais  
Mirando os ermos. De manhã repousas.  
Inda te não enfadas  
Desse eterno volver eternas vias?  
De rever-te por vales e quebradas  
Já te não entedias?  
Semelha a tua vida  
À vida do pastor.  
Surge ao primeiro alvor.  
Leva o tardo rebanho, e pelos campos  
Só fontes vê e prados e rebanhos.  
À noite cerra os olhos, e descansa:  
Não tem outra esperança  
Dize lua, que val*

Ao pastor sua vida,  
 A tua vida a ti? dize : a que tende  
 Este vaguear meu breve,  
 E o teu curso mortal?  
     Velhinho branco, enfermo,  
 De andrajos, pés descalços  
 Pesadíssimo fardo posto aos ombros,  
 Por algares e combros,  
 Agudas fragas, areais, silvedos  
 Ao vento, à tempestade, e quando abrasa  
 E logo quando gela,  
 Corre, moireja, anela,  
 Transpõe torrentes, vinga tremedais,  
 Cai, ressurge, e se esfalfa a mais e mais,  
 Sem poiso, nem reparo;  
 Dilacerado, em sangue; e quando o termo,  
 Acenar lhe parece  
 Do caminho e das longas agonias  
 Abismo horrído, imenso,  
 O despenha, o devora, e tudo esquece.  
 Ó virgem lua, tal  
 É a vida mortal.

    Nasce o homem entre dor,  
 E é já risco de morte o nascimento.  
 São penas e tormento  
 Estréia do viver; mal principia,  
 Já mãe e genitor  
 De ter nascido lidam consolá-lo.  
 Enquanto vem crescendo  
 Sustentam-no extremosos dia a dia  
 Cõa palavra e o carinho,  
 Dando ânimo ao mesquinho,

A confortá-lo contra o humano estado:  
 Ofício mais amado  
 Não há de pais à prole bem querida.  
 Mas por que à luz trazê-la,  
 Por que suster na vida  
 A quem consolar tendes de vivê-la?  
 Se a vida é desventura,  
 Por que por nós perdura?  
 Intacta lua, tal  
 A condição mortal.  
 Mas, pois mortal não és,  
 Que tens com os meus gemidos neste val?  
     Sozinha, entanto, eterna peregrina,  
 Tão pensativa sempre, acaso entendes  
 Este viver terreno,  
 O sofrer nosso, o prantear que nos crucia  
 Este morrer contínuo, este supremo  
 Descorar do semblante  
 E perecer da terra e o lancinante  
 Apartar-se da amiga companhia?  
 De certo compreendes  
 Das coisas o porquê, e vês o fruto  
 Da manhã e da noite,  
 Do tácito, infinito andar do tempo,  
 O amor descobres a quem, rindo,  
 A primavera anima,  
 A quem afaga o estio, a quem requestra  
 A gelidez do inverno, a nós funesta.  
 Mil coisas sabes tu, mil descortinas,  
 Veladas ao pastor como divinas.  
 A miúdo contemplando-te  
 Muda sobre a planura do deserto

Cuja curva remota o céu confina,  
 Ou o meu pastorear calado, incerto,  
 Seguires, viajando, perto, perto,  
 Enquanto em astros arde o céu inteiro,  
 Digo entre mim, cismando:  
 Por que tanto luzeiro?  
 Que faz o ar sem limites e o profundo  
 Infinito sereno? E essa imensa  
 Solidão que nos diz? Que sou eu mesmo?  
 Penso, penso: e da estância imensurável,  
 Soberba, do universo  
 De toda esta família inumerável,  
 De tanto voltar, de tanta lida,  
 Em que, no céu, na terra, tudo gira  
 Sem pausa, sem remanso,  
 Por tornar sempre adonde se partira,  
 Proveito não alcanço,  
 Adivinhar não sei. Mas bem pressinto,  
 Oh jovem imortal, que sabes tudo.  
 Bem me preluza, e sinto,  
 Que dos giros do eterno firmamento  
 E do meu ser terreal  
 Bem, ou contentamento,  
 Outrem colhe talvez. Mas eu, só mal.  
 Rebanho meu, feliz no teu repouso,  
 Que nem tua miséria sonharás,  
 Que invejo não te tenho!  
 Já porque de cuidares  
 Tão livre aí te estás,  
 Que mágoas e penares  
 E o mais vivo terror logo te esquece;  
 Já porque nunca o tédio tu bebeste.

Quando à sombra descansas, no relvado,  
 Sossego és e ventura;  
 E assim, nessa doçura,  
 Vai-te o ano quase todo sem enfado:  
 Recline eu da várzea à fresca alfombra:  
 Logo a mente me assombra  
 O fastio; um pungir me morde n'álma  
 Queda o corpo; mas nunca estou mais longe  
 Da paz, de íntima calma,  
 Entanto, nada anelo,  
 Nem tive até aqui hora de pranto.  
 O que desfrutes, quanto,  
 Dizer não sei; mas bem-ditoso és.  
 Nem só do escasso gozo me lamento,  
 Rebanho meu, bem vês.  
 Se falasses, dir-te-ia em meigo acento:  
 Por que é que, preguiçando,  
 Estendido em suave desfogo,  
 Se recreia o animal,  
 E eu me fino de tédio no relval?  
 Tivesse eu livres asas  
 Com que as nuvens vencer, e cada estrela  
 Contar, que além flutua  
 Ou qual trovão errar de cimo em cimo,  
 Mais venturoso, ovelhas do meu mimo,  
 Mais feliz fora então, cândida lua,  
 Mas, quem sabe? Talvez que a sorte alheia  
 No julgar, minha mente devaneia,  
 Talvez da vida a forma nada val,  
 E, berço ou antro embora a origem sua,  
 Funesto a todos seja o seu natal.

## RUI BARBOSA E A GRANDE GUERRA

**I**naugurava-se a centúria. No primeiro dia de 1901 *A Imprensa*, da antiga Capital da República, publicava o artigo *No Século XX*, de Rui Barbosa. O volume I da *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*, dirigida por Laudelino Freire, o reproduziu em novembro de 1920. O douto articulista, depois de debuxar o mapa político do planeta naquele então, disse como madrugava o século:

*A guerra chino-japonesa, a guerra hispano-americana, a guerra anglo-boer, três guerras de ambição, três guerras de conquista, três guerras de aniquilamento esboçam os pródromos do mais demarcado conflito a que nunca assistiu a espécie humana. As grandes nações aprestam recursos inauditos, para concorrer à divisão dos países semi-civilizados e ocupar os últimos lugares na área terrestre. A teoria da absorção dos fracos pelos fortes legitima de antemão a hipótese iminente. Não resta às nacionalidades ameaçadas senão apelarem para a sua própria energia (...)*

E também:

*De balde os votos dos filantropos, os sonhos dos idealistas e as esperanças dos cristãos, evocam, no limiar desta idade, a imagem benfazeja da paz (...). Nunca esse desideratum esteve mais longe de nós que após o congresso de Haia.*

Entre o quanto escreveu o periodista na estréia do Novecentos, ainda a menção ao aniilamento, pela Rússia,



das liberdades polacas. A referência ao *congresso de Haia* prende-se à primeira das Conferências dali, a do ano de 1899. Nela o Brasil não esteve presente.

Ademais, nem se fechara um septênio da publicação mencionada e a Delegação Brasileira, chefiada por Rui Barbosa, já se achava na Haia para a segunda Conferência de Paz, a de 1907.

As orações por ele pronunciadas perante os representantes das Nações que consideraram o convite do Tzar – o imperador da Rússia, foram reunidas por William T. Stead, redator do *Courier de la Conférence*, que lhes agregou uma introdução e publicou *Brazil at the Hague*. Arthur Bomilcar fez a tradução para o português. Em 1925 a Imprensa Nacional, do Rio de Janeiro, deu a lume a 4ª edição de *O Brasil em Haia*, com a notação de definitiva.

O Brasil pela voz de quem chefiava sua Delegação ao Congresso sustentou a igualdade jurídica dos Estados, o que fez com magistralidade. Atentem os leitores para o que se contém neste tópico da sua fala de 9 de outubro, depois de referência a artigo do *Times*, de Londres, edição de 21 do mês antecedente:

*Por certo que entre os Estados, como entre os indivíduos, diversidades há de cultura, probidade, riqueza e força. Mas, daí derivará, com efeito, alguma diferença no que lhes entende com os direitos essenciais? Os direitos civis são idênticos para todos os homens. Os direitos políticos são os mesmos para todos os cidadãos. [...] Pois bem: a soberania é o direito elementar por excelência dos Estados constituídos e independentes. Ora, soberania importa igualdade. Quer em abstrato, quer na prática, a soberania é absoluta: não admite graus. Mas a distribuição judiciária do direito é um dos ramos da soberania. Logo a ter de existir entre os Estados um órgão comum da justiça, necessariamente nesse órgão todos os Estados hão de ter uma representação equivalente.*

*Como quer que seja, todavia, pretendem submetê-los a uma classificação. E quem a exerce? Os Estados fortes.*

Meado o ano de 1914, não mais os prelúdios do conflito a que nunca assistiu a espécie humana; mas a brutal tragédia da Grande Guerra, a Primeira.

Era 1917. Nesse tempo, Rui Barbosa proferiu aos 17 de março conferência no Teatro Petrópolis da cidade que lhe dá o nome, promovida pela Diretoria local da Cruz Vermelha em benefício das vítimas da enorme conflagração. Dessa ciceroniana exposição dou-lhes, leitores, fragmentos:

*As hordas teutônicas necessitavam de abrir caminho através da Bélgica ao coração da França. Se a Bélgica não entregasse a honra, havia de entregar a vida. Os exércitos alemães precisavam de passar-lhe por sobre o corpo, a fim de chegarem a Paris nas duas semanas apazadas.*

[...]

*O suplício da Bélgica, o da Sérvia, o da Polônia, o da Armênia, todos esses atos sucessivos do inaudito cataclismo ...*

[...]

*Na França, na Bélgica, na Itália, as balas inimigas derribam os campanários, varejam as naves, esborcinam os altares, arrancam, destroem, lançam por terra, metem sob os pés da soldadesca as imagens sagradas.*

E depois de considerar declaração que o General von Dithfurt dirigiu ao mundo por um jornal de Berlim, clamou:

*Que é o em que colidiam com a sua comodidade e a sua atividade militar essas maravilhas de Ypres, a sua Halle de Drapiers, os seiscentos mil volumes, os inestimáveis incunábulo, os manuscritos, as gravuras, as salas silenciosas da Biblioteca de Louvaina e esse número inumerável de campanários, cruzeiras, abóbadas, naves*

*sacrossantas, cujas maravilhas, ufanias da arquitetura cristã, os canhões, as metralhadoras e os aeroplanos alemães têm combatido valentemente, desde a Bélgica até a Itália, desde o mar do Norte até ao Adriático, desde a igreja de S. Pedro até às de Veneza?*

No subtítulo *O Latrocínio da Conquista* assim falou Rui:

*O Schleswig-Holstein, a Alsácia, a Polónia. Que significam estas três denominações? Três pacientes da voracidade germânica, três vítimas do latrocínio da conquista, três mutilações nacionais em proveito do colosso imperial, uma província da Dinamarca espoliada, uma província da França vencida, uma província da Polónia retalhada, que ele sorveu em três rasgos de rebeldia contra o direito inconcusso.*

*Mas não basta que as reduzisse pela violência, que as separasse da carne da sua carne, que as agregasse ao inimigo da sua raça. Não. Era mister que o Dinamarquês, o Francês e o Polaco, nacionalidade e língua, se diluíssem à força no alemão.[...] Embora se proscrisse das escolas a amada língua pátria, [...] embora a perseguição multiplique os seus vexames, embora os naturais do território sejam neles tratados como estrangeiros, intrusos e malfeitores, a reação invencível da natureza persiste e se eterniza, exagitando e desatinando os oprimidos.*

O texto integral da Conferência de Rui Barbosa no Teatro Petrópolis da bela cidade serrana foi publicado em português na Inglaterra – Londres: Eyre and Spottiswoode, Ltd – 1917.

O armistício de novembro de 1918 pôs fim às hostilidades entre os beligerantes. Em 1919 adveio o Tratado de Versalhes. A Paz chegava...

Aqui em Brasília foi publicado meu livro de ensaios a que dei o título de *Liberdade: teoria e lutas*. Nele cuido da figura de Rui Barbosa, seu amor à Liberdade e o quanto

fizera o grande brasileiro pregando-a e por ela combatendo; trato da sua marcante presença na Conferência da Paz de 1907 na Haia, e doutros temas. Ofertado exemplar da obra ao Embaixador da Polónia aqui acreditado, dele recebi esta significativa mensagem:

*Francis e Casu Minintu.*

EMBAIXADOR DA POLÓNIA

I am writing to thank you cordially for the most welcome and valuable gift - as it happened, received, and with much pleasure, right on the morning of my birthday anniversary.

The content of your fine opus<sup>+</sup> beautifully set in unison with my feelings regarding the Great Brazilian - Rui Barbosa. He is gratefully remembered in Poland for his friendly involvement with the Polish cause of regaining the independence of Poland. And he figures prominently in the context of the establishment of diplomatic relations between Poland and Brazil over 80 years ago. An impressively modern school in Warsaw bears R.Barbosa's name for several decades now, with a statue dedicated to him - his bronze bust, the Brazilian flag etc. And the school is the seat of Polish-Brazilian Society, founded over 70 years ago.

You might be interested to see how many items from Brazilian literature were translated into Polish during the last century, lacking only Paulo Coelho's novels topping the sales list for the last 3-4 years, in Poland as well...

Brasilia, March 2001

*Rui Barbosa*

*(Bogusław Zakrzewski)*

\* and I am sending it to the Polish-Brazilian Society's library in Warsaw.

## PRESENÇA DE RUI BARBOSA

**A** figura de Rui Barbosa é referencial da vida brasileira desde antes da Proclamação da República Federativa.

Zacarias de Góes e Vasconcelos, que presidira as Províncias de Piauí (1845-1847), Sergipe (1848-1849) e Paraná (1853-1856), chefiava o Gabinete de 3 de agosto. Os liberais, com o Conselheiro Zacarias à frente do Ministério, permaneceriam no Poder por quase quatro anos. Em julho de 1868, inopinadamente, o Imperador afastava o Ministério. Registra a história que Pedro II cedera à exigência do então Marquês de Caxias que, não obstante um dos líderes do Partido Conservador, já havia cobrado, com êxito, a saída de Angelo Ferraz da pasta da Guerra. Zacarias de Góes e Vasconcelos foi substituído por Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí.

A 16 de julho apresentou-se à Câmara o Gabinete Itaboraí. Do que na Casa se passou nesse dia a escrita elegante de Baptista Pereira dá conta, em *Figuras do Império e outros ensaios*; e põe realço no discurso de José Bonifácio, o Moço.

No mês seguinte, aos treze, na capital da Província de São Paulo, ao político liberal, antigo professor da Faculdade de Direito do Recife que se transferira para a do Largo de São Francisco, foram prestadas homenagens. Então fez Rui Barbosa o seu primeiro pronunciamento político, falando

pelos liberais acadêmicos. A sua oração, que contém acérrima análise do instante político, está publicada na *Revista da Língua Portuguesa*, nº 53, de maio de 1928. Do que disse o jovem liberal transcrevo o que subsegue:

*... a política, essa nobre ciência, que engrandece os Estados constitucionais, degenerou entre nós em arte maquiavélica, em instrumento mesquinho de paixões facciosas: e em vez de se enobrecer com a liberdade, em vez de se identificar com a opinião, tem sido quase sempre uma violação acintosa das nossas instituições representativas, uma traição sistemática à consciência pública, um desafio constante à soberania nacional.*

Somente em 1878 o Partido Liberal seria reerguido ao Poder, com o Gabinete sob a chefia do Visconde de Sinimbu, que também fora Presidente de Sergipe (1841) e, ainda, das províncias de Alagoas (1840) e Rio Grande do Sul (1855).

O movimento abolicionista teve Rui como lutador sem descanso, verdadeiramente o precursor da Lei do Ventre Livre. Em 1870, ano de seu bacharelado em Direito, desafiava os conservadores e entusiásticamente discursava quando da chegada das tropas paulistas da Guerra do Paraguai, pregando a Abolição.

Por isso mesmo, referindo-se à visita que em abril de 1888 fizera à Bahia, pôde lembrar em 1897, ao discursar no Politeama Baiano:

*E eu, no Teatro de S. João, despedindo-me de vós, anunciei-vos a abolição imediata e a federação iminente.*

*Daí a treze dias a abolição estava consumada. Não por obra da caridade imperial! Não! O consórcio do império com a escravidão, indignadamente denunciado pelo Sr. Joaquim Nabuco, na derradeira fase da propriedade servil, nunca se dissolveu, senão quando a dinastia sentiu roçarem-lhe o peito as baionetas da tro-*

*pa, e a escravidão em massa tomou a liberdade por suas mãos nos serros livres de S. Paulo. A reumanização da raça negra no Brasil não é um ato de munificência da esposa do conde d'Eu.*

Da imprensa fez arma para o bom combate desde que fundara com Américo de Campos, em 1869, *O Radical Paulistano*, onde escreveria a 25 de junho que o abolimento da escravidão,

*quer o Governo queira quer não queira, há de ser efetuado num futuro próximo.*

Deputado provincial na Bahia em 1878, se ocupa em junho, na tribuna, da liberdade comercial. Pouco depois, no mesmo ano, a velha província já o fazia Deputado Geral. Logo em janeiro seguinte, debate com aquele seu mestre de São Paulo, José Bonifácio, a quem dez anos antes, com os seus colegas da Faculdade, homenageara. Sem prejuízo de expressão de respeito ao brioso mestre liberal, sustenta seu ponto de vista. Todavia, no fevereiro subsequente, manifesta-se contra a proposta de Sinimbu sobre a convocação de uma constituinte com poderes limitados para cuidar da reforma eleitoral; ficando no episódio, ao lado de José Bonifácio, o Moço, que criara para a propositura a expressão *constituente constituída*. A Sinimbu sucedeu José Antonio Saraiva, também liberal. Ao tempo do Gabinete Saraiva, Rui cuidou, na Câmara dos Deputados, do projeto de reforma eleitoral apresentado por Saraiva.

À literatura também voltou sua atenção: de 1881, o *Elogio de Castro Alves*; a versão homométrica do *Canto Noturno de um Pastor Erradio*, de Giacomo Leopardi, é de 1884; o estudo sobre Swift, de 1887.



Em 1908, pronunciou na Academia Brasileira de Letras o celebrado *Adeus a Machado de Assis*. No ano seguinte, no idioma do visitante, fez a saudação a Anatole France na mesma Academia, instituição a que presidiu de 1908 a 1918, malgrado tenha pretendido várias vezes exonerar-se da Presidência, o que não lhe consentiram os pares.

A religião também lhe foi tema: *Liberdade Religiosa*, conferência pronunciada a convite de Saldanha Marinho, no Rio de Janeiro, obteve grande êxito, em 1876; logo depois, publicou a tradução de *O Papa e o Concílio*, do teólogo alemão Johann Joseph Ignaz von Döllinger, acrescido o livro de um prefácio bem maior que a própria obra trasladada.

Arauto do federalismo desde os tempos monárquicos, é ímpar a sua presença na construção do estado federal brasileiro. Recolho, ao propósito, também daquela oração aos baianos, sua voz:

*E, quando a revolução, efeito natural das resistências do imperialismo à bandeira federalista, que eu levantara no congresso liberal, com o apoio de Manoel Vitorino, antes de firmá-la com seis meses de luta dia por dia, no Diário de Notícias, quando a revolução veio surpreender nos seus cálculos de eternidade a demência da monarquia, colocado pela fatalidade das circunstâncias entre os organizadores de uma situação, para a qual eu não contribuíra senão como os avisos da previdência, que adverte, podem contribuir para os desastres da pertinácia, que não escuta – não trepidei em subscrever a segunda alternativa do meu dilema, a federação na república, já que o império não soubera enxergar na primeira a solução amparadora do trono.*

A todas as veras foi ele o cinzelador da primeira constituição republicana.

O Professor Silvio Meira, em *Rui Barbosa na Constituição de 1988*, consigna a seguinte observação de indisfarçável tom cáustico:

*Decorrido mais do um século da promulgação da constituição Republicana de 1891, ele parece ainda estar presente no texto que nos rege, muito embora se possa dizer que existe uma presença e uma ausência de Rui Barbosa na Constituição de 1988. Presença em muitos institutos jurídicos ainda vigentes, embora transformados pelo tempo em ausência, lamentável ausência, nas práticas parlamentares.*

Esse estar de Rui na vida nacional é flagrante. Reforma eleitoral, reforma do ensino, projeto do Código Civil, anistia; nada, nada lhe ficou fora de alcance – defesa ou ataque. A imprensa e a tribuna parlamentar lhe foram de valia na luta titânica do seu viver, não restrita ao País que, para a glória nossa, lhe serviu de berço.

Coelho Neto, grandíloquo, panegirizou-o:

*Revolva-se a História, desde as primeiras estratificações seculares, e não se encontrará em tal acervo vida que se compare à desse homem prodigioso que, em tudo, contraria a natureza. Imenso, é pequenino, como para demonstrar, em argila humana, a verdade do versículo do Livro da Criação, onde reza que 'Deus tirou o mundo do nada'.*

*Tão mesquinho é o invólucro de terra em que flameja o gênio que, ao vê-lo, quando assume em eminências para maravilhar, tem-se a impressão de que é apenas essência.*

*E por que não diz a imagem com o prestígio? Porque se Deus a houvesse talhado proporcional ao espírito o mundo não a conteria. Modelou-a pelos sacrários que, do tamanho que são, contêm a Onipotência.*

Ciro de Azevedo, bacharel das Arcadas e ativista da pregação republicana, dedicou-se à carreira diplomática



tendo representado o Brasil em várias capitais americanas e europeias; e também foi Presidente de Sergipe (1926). Em 1918, encontrava-se na do Uruguai; e então proferiu na Universidade de Montevidéu seis conferências sobre literatura brasileira. Aos quinze de maio, a última; dela, sobre Rui, o que se segue:

*Gran artista de la palabra oral y de la palabra escrita, gloria brasileña por su mucho saber, por su capacidad en el trabajo; gloria de America, cuando en la conferencia de La Haya defendió los derechos de las naciones americanas y el respeto a sus prerrogativas de pueblos civilizados.*

Sílvio Romero deixou escrito em sua *História da Literatura Brasileira*, sobre Rui:

*... este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é como Vitor Hugo em França, o primeiro talento verbal da nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assunto e o sentimento da ocasião.*

Quando do seu jubileu cívico em 1918 (tomado como termo inicial o 13 de agosto de 1868, dia daquele seu primeiro pronunciamento político) lhe foram outorgadas homenagens excelsas.

Laudelino Freire, ao ocupar a cadeira nº 10, Patrono Evaristo da Veiga, – fundada por Rui Barbosa, da Academia Brasileira de Letras, em discurso de recipiendário, aludiu àqueles atos comemorativos e enfatizou:

*Todo o povo coroava, no altar da sua admiração, o jubileu de uma existência flamejante, não raro combatida, mas sempre venerada, cheia de lutas, vicissitudes e contrastes, mas só vivida para simbolizar o bem e a beleza, a justiça e a liberdade, o saber e a glória. Era o Brasil unânime, sem antagonismos nem rivalidades,*

*por suas legítimas soberanias – “a soberania da nação, a soberania da inteligência, a soberania da consciência social e a soberania da verdade eterna” – a divinizar um nome, aclamando-o, entre os esplendores de uma solenidade singular e rara, à face do mundo e com o testemunho de Deus, o do maior dos seus homens.*

*Dir-se-ia que, no primeiro dia do tríduo memorável, ao celebrar-se no Campo de São Cristóvão a imponente cerimônia religiosa, se consumara afinal o consórcio da grandeza moral da pátria com onipotência espiritual do filho.*

*Sublime quadro, e talvez único em toda a nossa vida, foi o desse instante!”*

A Laudelino Freire sucedeu Oswaldo Orico; a esse, Orígenes Lessa; depois, Lêdo Ivo, que em seu discurso de posse teve a sensibilidade voltada para a expatriação do grande brasileiro.

O homem que recolheu tanta admiração dos seus contemporâneos cultos, haveria de criar

*uma auréola lendária, ampliada pela consagração popular à sua figura, que passa a ser o centro de uma construção mítica, geradora de um ciclo que se amplia com o passar das gerações,*

como observou Américo Jacobina Lacombe e anotou Homero Senna em *Rui e o imaginário Popular*.

Hoje titular da Cadeira 10 é Rosiska Darcy de Oliveira, que se apresentando ao mencionado colendo colégio assim disse da magnitude do pensamento rui-barbosiano:

*A ação diplomática de Rui Barbosa, defensor em Haia da democratização do espaço internacional, volta à cena no tempo presente quando a globalização coloca o desafio da construção de uma governança democrática que realize a promessa e esperança do século XXI de fazer do planeta uma Terra Pátria.*

Que instituições garantirão a paz e o futuro dessa Terra, acolhendo as diversidades de que é feito o humano, assim como de diversidades é feito o Brasil e são elas que o fazem mais rico e exemplar.

Quisera estivesse conosco hoje Rui Barbosa para, inspirado na experiência brasileira e revivendo o espírito de Haia, defender na difícil e necessária convivência entre os povos o direito de todos à dignidade, ao seu lugar e sua voz.

## O ROMANTISMO BRASILEIRO E A POLÔNIA

**P**ara João Ribeiro, sabedor de coisas mil, em sua *História Universal* – 4ª ed. tirada por Jacintho Ribeiro dos Santos lá no Rio de Janeiro em 1924 – foi a Polônia, em decorrência da Guerra dos Sete Anos (1756-1763) partilhada entre a Rússia, Prússia e Áustria; ao tempo da Revolução Francesa, em 1793, adveio-lhe uma segunda partição; das rebeldias pelo recobro nacional ocorreu-lhe novo partimento. Após a Guerra Mundial de 1914-1918 a Polônia recuperou sua independência.

Afrânio Coutinho, tratando das características do espírito romântico, assinala o reformismo, e a propósito aclara:

*essa busca de um mundo novo é responsável pelo sentimento revolucionário do romântico, ligado aos movimentos democráticos e libertários que encheram a época, e à grandes personalidades militares e políticas.*

Dele mesmo, agrupação dos poetas brasileiros do romantismo. Acerca do 4º conjunto de autores acentua: *Romantismo liberal e social: intensa impregnação político-social, nacionalista, ligada às lutas pelo abolicionismo... e pela Guerra do Paraguai... Na poesia lírica, por influência de Victor Hugo tende para um lirismo de metáforas arrebatadas e ousadas.*

Era o condoreirismo.... Era Pedro Luís (1839-1884); e era Tobias Barreto (1839-1889); e era Castro Alves (1847-1871); e outros mais!

Do corpus poético de Pedro Luís destacam-se *Terribilis Dea* e *Os Voluntários da Morte*. Aquele diz com a Guerra do Paraguai:

*Ela estava também – espectro pavoroso –  
Do “Amazonas” a bordo, ao lado de Barroso,  
De pólvora cercada, em pé, sobre o convés...  
...  
Calados os canhões, navios esmagando,  
A deusa varonil de amor caiu-lhe aos pés!...*

De Castro Alves, em *Deusa Incruenta*, antítese a *Terribilis Dea*:

*Quando a Polônia casta, esta Lucrecia nova,  
Para fugir – a um leito, arroja-se a – uma cova...  
E mata-se de nojo... aos beijos de um Czar...*

Em *O Século* já poetara:

*Sangra o abutre – tirano  
Muito cadáver – nação.  
Desce a Polônia esvaída,  
À tumba de Sobieski;  
Inda em sonho busca a espada  
Os reis passam sem ver nada...  
E o Czar olha e sorri...*

*Poetas Brasileiros* de Alberto de Oliveira e Jorge Jobim contém o poema *Os Voluntários da Morte*, de Pedro Luís, e aqui seus versos estão:

.....  
*Ao tempo em que mimosos diplomatas,  
Em coxins de veludo reclinados,  
De um protocolo infame estudam sílabas,*

*E pesam vírgulas em balanças de ouro...  
Enquanto tudo ri... o bardo chora.  
Ó Polônia ! Polônia ! (...)*

.....  
*O bardo então irá – pio romeiro –  
Prantear em teu vasto cemitério,  
E lá beijando a poeira sacrossanta,  
Onde descansas a viril cabeça,  
Aos ventos dos Urais, que mugem, feros,  
Dirá, com voz sumida, entre soluços:  
“ Das crenças puras o sepulcro é este !  
Dormem aqui seu sono derradeiro  
Da grande morte os grandes voluntários,  
Da liberdade os Briareus tremendos !...”*

Tobias Barreto, na segunda metade do Oitocentos, acolá no Recife alvorotava ruas e praças com seus cantos marciais. Sílvio Romero alumia o quadro:

*Era um período guerreiro para o país e a poesia acostu-  
mou-se ao retintim das armas. Ouvimos então os nossos mais be-  
los hinos patrióticos.*

Naquele então sua poesia se voltou também para o drama polonês. E surgiu

### À POLÔNIA

*Ainda um povo cativo  
Que em luta inútil se esvai !  
Da luz o século altivo  
Encolhe as asas e cai...  
Lá sofre a virgem sozinha.  
Lhe diz o Cossaco – és minha !  
E a pobre soluça: não !...  
Frase negra, renegada,*

Que sai como uma golfada  
De raiva e desesperação.  
O mundo vê... não lh'importa !  
Ninguém que remi-la vá ...  
Gritam por ela: ei-la morta !  
Chama-se um gládio: – não há !  
Abre-se a tumba da história,  
E envolta em trapos de glória  
Vai a Polônia dormir.  
Bocas grudadas de medo  
Guardem o triste segredo,  
Fiquem tiranos a rir !...

Já são de mais os ressábios  
Da ira, diz o Senhor...  
Ai daquele que em seus lábios  
Foi lançar o dissabor !  
É quando o povo delira,  
Bradando altivo: mentira  
Crenças, direitos e leis !...  
Só é grande a liberdade,  
Que sacode a majestade,  
E arranca a juba dos reis!

O seu esforço era louco,  
Saiu-lhe o último ai ...  
Morrer é esperar um pouco:  
Mártires dela, esperai ...  
Cristã, confia em teus santos;  
Que purpurem-se os mantos  
Com o sangue dos filhos teus ...  
Não digas: o céu é mudo,  
O que há por vir, veio tudo ...  
Alguém falta vir: é Deus !

Polônia, na tua ossada  
Ezequiel soprará;  
Ao clarim de uma alvorada

Teu túmulo partir-se-á  
E tu, maior nesse dia,  
Apanhando a cinza fria  
Dos que morreram por ti,  
Gládio em punho, olhar insano,  
Farás o Deus do tirano  
Ressuscitá-los aí ...

Pois que assim morres tão forte,  
Deixa-te agora morrer:  
Impaciente da morte,  
Tu voltarás a viver.  
Cabelos e pensamentos  
Largados aos quatro ventos  
Dirás ao mundo: venci !  
E o despotismo embriagado  
Verás a teus pés rojado :  
Segura o golpe , Judith !

Cadáver santo e glorioso,  
Amam-te os livres de cá;  
Aceita o beijo amoroso  
Que o moço império te dá.  
É livre a nossa bandeira,  
Que açoita o ar altaneira  
Com as asas do condor;  
Nossas almas têm mais fundo:  
Por ti ... um protesto ao mundo ...  
Por ti ... um voto ao Senhor !

## MACHADO DE ASSIS E ADAM MICKIEWICZ

Quase cento e cinquenta anos há que o *Diário do Rio de Janeiro* publicou de Machado de Assis *O ideal do crítico*, artigo hoje inserto em *O jornal e o livro*, coletânea de textos seus editada por Companhia das Letras, de São Paulo, em ano recém-findo. O futuro autor de obras fundamentais da literatura brasileira traçava ali o panorama da crítica nacional:

*O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária; creio até que uma das condições para desempenhar tão curioso papel é despreocupar-se de todas as questões que entendem com o domínio da imaginação. Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas – cujas frases já o tipógrafo as tem feitas – o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciam para aquela produção.*

*Chrysalidas* de Machado de Assis data de 1864. No último ano do século passado a editora Crisálida, de Belo Horizonte, produziu 2ª edição sua, incluídas peças outras, entre as quais *Polônia*, como o autor fizera em *Poesias Completas*, de 1901. A mencionada publicação belo-horizontina reproduz do posfácio respectivo:

*O meu livro é esse pouco que tu [Dr. Caetano Filgueiras, o prefaciador] caracterizaste tão bem atribuindo os meus versos a um*



*desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis. Tal sou eu, tal deve ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos.*

Nada obstante, *Polônia*, pelo instante de seu aparecimento – 1863, segundo a edição crítica de 1977 de *Poesias Completas* (Civilização Brasileira/MEC) –, tema de que cuida e expressividade hiperbólica, situa-se na ambiência huguesca do nosso romantismo. Ademais, de Mickiewicz, do *Livro da Nação Polaca*, trazida foi sua epígrafe:

*E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo, e a nação ressuscitará.*

Castro Alves também utilizaria versos do vate polônio para epigrafar poesias suas: *Sub Tegmine Fagi*, de 1867, e *A Mãe do Cativo*, do ano seguinte. Há outro liame entre o brasileiro e o bardo polônico: *Alpujarra*, se acha no livro de MA. Em epílogo assinalou, a propósito, o autor de *Crisálidas*: *Este canto é extraído de um poema do poeta Mickiewicz denominado Conrado Wallenrod. Não sei como corresponderá ao original, eu servi-me da tradução francesa do polaco Christiano Ostrowski. Adam Mickiewicz (1798-1855) é o mais proeminente personagem do romantismo polonês.*

Em *Páginas Brasileiras sobre a Polônia* (Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos – 1942) Tadeu Skowronski divulgou aquele poema machadiano. Agora, os versos de

## POLÔNIA

“E ao terceiro dia a alma deve voltar  
ao corpo e a nação ressuscitará”

MICKIEWICZ

*Como aurora de um dia desejado  
Clarão suave o horizonte inunda  
É talvez a manhã. A noite amarga;  
Como que chega ao termo; e o sol dos livres  
Cansado de te ouvir o inútil pranto,  
Alfim ressurge no dourado Oriente.  
Eras livre, – tão livre como as águas  
Do teu formoso, celebrado rio,*

*A coroa dos tempos*

*Cingia-te a cabeça veneranda;  
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,  
A santa Liberdade,  
Como junto de um berço precioso,  
À porta dos teus lares vigiava.*

*Eras feliz demais, demais formosa;  
A sanhuda cobiça dos tiranos  
Veio enlutar teus venturosos dias...  
Infeliz! A medrosa liberdade  
Em face dos canhões espavorida  
Aos reis abandonou teu chão sagrado;  
Sobre ti, moribunda,*

*Viste cair os duros opressores:  
Tal a gazela que percorre os campos,  
Se o caçador a fere,  
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,  
E vê no extremo arranco  
Abater-se sobre ela*

*Escura nuvem de famintos corvos.  
Presas uma vez da ira dos tiranos,*

*Os membros retalhou-te  
 Dos senhores a esplêndida cobiça;  
 Em proveito dos reis a terra livre  
 Foi repartida, e os filhos teus – escravos –  
 Viram descer um véu de luto à pátria  
 E apagar-se na história a glória tua.*

*A glória, não! – É glória o cativo,  
 Quando a cativa, como tu, não perde  
 A aliança de Deus, a fé que alenta,  
 E essa união universal e muda  
 Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.*

*Um dia, quando o cálix da amargura,  
 Mártir, até às fezes esgotaste,  
 Longo tremor correu as fibras tuas;  
 Em teu ventre de mãe, a liberdade  
 Parecia soltar esse vagido  
 Que faz rever o céu no olhar materno;  
 Teu coração estremeceu; teus lábios  
 Trêmulos de ansiedade e de esperança,  
 Buscaram aspirar a longos tragos  
 A vida nova nas celestes auras.*

*Então surgiu Kosciuszko;  
 Pela mão do Senhor vinha tocado;  
 A fé no coração, a espada em punho,  
 E na ponta da espada a torva morte,  
 Chamou aos campos a nação caída.  
 De novo entre o direito e a força bruta  
 Empenhou-se o duelo atroz e infausto  
 Que a triste humanidade  
 Inda verá por séculos futuros.  
 Foi longa a luta; os filhos dessa terra  
 Ah! Não pouparam nem valor nem sangue!  
 A mãe via partir sem pranto os filhos,  
 A irmã o irmão, a esposa o esposo,  
 E todos abençoavam*

*A heroica legião que ia à conquista  
 Do grande livramento.*

*Coube às hostes da força  
 Da pugna o alto prêmio;  
 A opressão jubilosa  
 Cantou essa vitória de ignomia;  
 E de novo, ó cativa, o véu de luto  
 Correu sobre teu rosto!*

*Deus continha  
 Em suas mãos o sol da liberdade,  
 E inda não quis que nesse dia infausto  
 Teu macerado corpo alumiasse.*

*Resignada à dor e ao infortúnio.  
 A mesma fé, o mesmo amor ardente  
 Davam-te a antiga força.  
 Triste viúva, o templo abriu-te as portas;  
 Foi a hora dos hinos e das preces;  
 Cantaste a Deus; tua alma consolada  
 Nas asas da oração aos céus subia;  
 Como a refugiar-se e a refazer-se  
 No seio do infinito.  
 E quando a Força do feroz cossaco  
 À casa do Senhor ia buscar-te,  
 Era ainda rezando  
 Que te arrastavas pelo chão da igreja.*

*Pobre nação! – é longo o teu martírio;  
 A tua dor pede vingança e termo;  
 Muito hás vertido em lágrimas e sangue;  
 É propícia esta hora. O sol dos livres  
 Como que surge no dourado Oriente.  
 Não ama a liberdade  
 Quem não chora contigo as dores tuas;  
 E não pede, e não ama, e não deseja  
 Tua ressurreição, finada heróica!*

## SANTA LUZIA DE GOIÁS

O professor e pesquisador Carlos Sepúlveda, em prefácio a *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2012) menciona certa viagem de Machado de Assis: *única viagem fora do Rio de Janeiro – foi para Friburgo*. A que vem aqui o ponto assinalado? Mais adiante sua razão se mostrará.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) chegou ao Brasil em 1816 e aqui permaneceu até 1822; nesse período frequentou algumas regiões do País e escreveu relatos sobre lugares por onde andou, gente e coisas vistas. Do corpo dessas relações destaco nesta oportunidade *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goiaz* (Paris: Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur – Libraire de la Société de Géographie; tome premier, 1847 – tome second, 1848). Entre nós a editoração da obra saint-hilaireana não tem seguido a formatação de origem. Assim, a *Viagem à província de Goiás* ganhou publicação isolada, qual a edição da Itatiaia, de Belo Horizonte, e Universidade de São Paulo, que traz a tradução de Regina Regis Junqueira. Dessa publicação de 1975 me valerei doravante.

Eis o que memorizou o cientista viandante dos toscos caminhos brasílicos daquele então:

*Depois de ter deixado o Registro dos Arrependidos, segui pela serra do Corumbá e do Tocantins, mais ou menos na direção*

do Leste, para ir a Vila Boa, capital da Província, depois de passar pelos arraiais de Santa Luzia e Meia-Ponte.

[...] Finalmente, após uma jornada longa e tediosa, avistei Santa Luzia de Goiás, o arraial a que me destinava.

[...] Acabava de ser realizada em Santa Luzia a festa de Pentecostes. Todos os fazendeiros das redondezas estavam reunidos no arraial, e no momento em que cheguei à praça pública ia ser realizada uma cavalhada. O vigário, João Teixeira Alvarez, recebeu-me calorosamente. Sua casa, situada na praça, estava cheia de gente à espera de que o espetáculo começasse. Serviram-se café e bolos, e todo mundo se debruçou nas janelas ...[...]... A cavalhada não tardou a começar. Havia sido traçado na praça, com um pó branco, um grande quadrado, à volta do qual se enfileiravam os espectadores, de pé ou sentados em bancos ....

[...] No dia seguinte o vigário esteve ocupado o tempo todo. Deu confissão a um grande número de fazendeiros pertencentes à sua paróquia mas que moravam a vários dias de viagem do arraial. Esses homens só vinham ao povoado uma vez por ano, e para se confessarem e comemorarem a Páscoa aproveitavam os festejos de Pentecostes, data que é celebrada no Brasil com grande regozijo e solenidade. ...[...]...

... Os principais artigos que os habitantes de Santa Luzia exportam são peles de animais selvagens, couros e sobretudo marmelos cristalizados, de excelente qualidade, que são enviados ao Rio de Janeiro.



1873. Esse, o ano da publicação de *Histórias da meia-noite*, contendo narrativas, escritas ao correr da pena, como advertia aos leitores seu autor Machado de Assis (1839-1908). A primeira das novelas curtas estampadas, *A parasita*

azul, que já saíra em *Jornal das Famílias*, de junho-setembro de 1872.

Atente, leitor, para a abertura do conto machadiano:

Há cerca de 16 anos, desembarcava no Rio de Janeiro, vindo da Europa, o sr. Camilo Seabra, goiano de nascimento, que ali fora estudar medicina e voltava agora com o diploma na algibeira e umas saudades no coração.

E no que lhe foi acrescido:

Nascera rico, filho de um proprietário de Goiás, que nunca vira outra terra: além da sua província natal. Em 1828 estivera ali um naturalista francês, com quem o comendador Seabra travou relações, e se fez tão amigo, que não quis outro padrinho para o seu único filho, que então contava um ano de idade.

[...] Compadre – disse o comendador ao naturalista – se este pequeno vingar, hei de mandá-lo para sua terra, a aprender medicina ou qualquer outra coisa em que se faça homem. No caso de lhe achar jeito para andar com plantas e minerais, como o senhor, não se acanhe; dê-lhe o destino que lhe parecer como se fora seu pai, que o é espiritualmente falando

Leia, ainda, amigo meu:

O tio Jorge andava a perguntar a todos o que pensavam do sobrinho Camilo. O tenente-coronel Veiga agradecia à Providência a chegada do dr. Camilo nas proximidades do Espírito Santo.

[...] No tempo em que esta história se passa uma das mais genuínas festas do Espírito Santo era a da cidade de Santa Luzia.

... Camilo estava em casa do coronel, quando ali apareceu o bando dos pastores, com alguns músicos à frente e muita gente atrás.



[...] É ponto duvidoso, e provavelmente nunca será liquidado, se o tenente-coronel Veiga preferia naquela ocasião ser Ministro de Estado a ser imperador do Espírito Santo.



Machado de Assis, que atingiria a culminação da prosa brasileira e que por suas obras inseriu-se na literatura universal, traduziu autores franceses, para o nosso idioma. Entre eles, Victor Hugo, de quem trasladou para o português *Travailleurs de la mer*.

Jean-Michel Massa, parisiense que em Poitiers defendeu tese sobre esse grande escritor brasileiro, em seu estudo *Machado de Assis tradutor* – entre nós traduzida por Oséias Silas Ferraz e publicada por Crisálida, de Belo Horizonte, em 2008 – registrou haver no catálogo da biblioteca machadina “de 575 títulos de diferentes domínios estrangeiros, apenas 162 não são em francês (17 em italiano, 5 em espanhol, 103 em inglês, 37 em alemão).

Tal circunstância autoriza a ideia de que a narrativa de Saint-Hilaire serviu de base para a ambientação do fazer literário machadiano em Santa Luzia de Goiás.

O mais, leitor e amigo, é ler em *Histórias da meia-noite*, de Machado de Assis, a novela curta a que me reporto.

## RELEMBRANÇA DE JOAQUIM NABUCO

Recife, 1956. Da pensão da Rua do Príncipe sai em direção à Faculdade de Direito, ali perto, na Praça Adolfo Cisne. Naquela manhã receberia a primeira aula de Direito Penal. À hora certa, chegava o Professor Francisco Barreto Rodrigues Campello, de quem até hoje, tanto tempo andado, guardo na mente a figura que trazia à lapela o símbolo de sua fé.

Era catedrático da vetusta Instituição e membro da Academia Pernambucana de Letras. Em 1938, alcançara a cátedra, em concurso, com a tese *Colonização Penal da Selva Brasileira*. Seus familiares o homenagearam, de maneira justa e significativa, com a publicação de *Barreto Campello, trajetória de uma vida* (Recife, 1988).

Tenho a alegria de aqui em Brasília haver entrado em contato com descendentes do Professor Barreto Campello. O advogado João Mendonça de Amorim Filho, seu parente afim, contou-me que certa feita lhe pedira, e atendido fora, que escrevesse sobre o que se lembrava de Joaquim Nabuco, de nome completo Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. E ele escreveu:

*Sempre ouvi, na minha família, os mais calorosos e entusiásticos louvores a Joaquim Nabuco, cujo avô era irmão do meu avô, Cel. Antonio Pedro de Sá Barreto. Para tais louvores concorria, além da voz do sangue, que tanto fala, o fato de minha saudosa mãe e suas duas irmãs serem decididas monarquistas...*



*Não obstante essas freqüentes lembranças de família, só o vi, com vida, uma vez, quando aqui passou de volta dos Estados Unidos.*

*Eu era, então, acadêmico de Direito, talvez secundanista e a Academia foi em peso recebê-lo, quando ele aqui desembarcou, no antigo arsenal da Marinha. O orador por nós escolhido foi o professor Laurindo Leão, famoso orador, cuja palavra era sempre fluente e ardorosa...*

*Nós, os estudantes, à frente o nosso estimado e talentoso professor, o recebemos no pátio daquele arsenal.*

E lhe fez o retrato:

*Era um homem alto, corpulento, corado, de fartos bigodes inteiramente brancos, de figura e atitude esbeltas e dominantes.*

*Respondeu à saudação do nosso orador no seu estilo habitual, sempre fluente, com metáforas significativas e os gestos largos e elegantes, os grandes braços acompanhando elegantemente as ênfases do discurso, feliz de rever a terra natal, de que sempre conservou imorredoura lembrança.*

*A impressão que a sua presença nos causou correspondeu integralmente à imagem que dele tínhamos à distância.*

Inda agora, mais de século distante, Angela Alonso, em *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), retoma o fato ocorrido em 1906:

*A apoteose foi lá onde se fizera ícone. Recife parou. O comércio fechou as portas. Como antes, José Mariano [Carneiro da Cunha], com o Clube do Cupim [sociedade abolicionista] e estudantes, o escoltou pelas ruas, entre vivas, aplausos e flores até o Santa Isabel lotado.*

Agora, o remate do emérito memorialista:

*Não obstante esses fugazes contatos, tenho sempre presente o imorredouro trecho do seu discurso [dele Joaquim Nabuco] sobre*

*a abolição, no qual, no seu estilo grandiloquente, declara ter visto nascer aqui como um fio d'água, mas que, depois, se avolumou a ponto de se comparar à cheia que tudo alaga.*

*Campanha Abolicionista no Recife: Eleições de 1884*, de Joaquim Nabuco, teve sua edição primeira em 1885, no livro guardadas conferências pronunciadas no Teatro Santa Isabel e discursos do grande tribuno em outros espaços recifenses. Prefaciou-o Aníbal Falcão, republicano extremado. Ambos, bacharéis do Recife. Segundo registra Clóvis Beviláqua, em *História da Faculdade de Direito do Recife* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, I vol., 1927), aquele da turma de 1870; o segundo, da de 1879. O Senado Federal reeditou, em 2005, a mencionada produção nabuquiana. A primeira conferência ali constante é a que pronunciara Joaquim Nabuco no dia 12 de outubro.

Confronte, leitor amigo, o tópico último do memento e o trecho da conferência de 12 de outubro, abaixo transcrito, e verificará que a ele aludia o saudoso Professor Barreto Campello:

*Sim, senhores, é diante do movimento abolicionista que vos achais colocados. Para qualquer lado que me volte, vejo o horizonte coberto pelas águas dessa inundação enorme. Vi essa grande corrente, que hoje alaga o país como um rio equatorial nas suas cheias, quando ela descia como um fio de água cristalina dos cimos de algumas inteligências e das fontes de alguns corações, iluminadas umas como outras pelos raios de nosso futuro. (Aplausos.)*

*Eu o vi, esse rio já formado, abrir o seu caminho como o Niágara pelo coração da rocha, pelo granito de resistências seculares; (Muito bem!) vi-o quando, depois das cataratas ele ganhou as planícies descobertas da opinião (continuam os aplausos), desdobrou-se em toda a sua largura, alimentado por inúmeros afluentes vindos de todos os pontos da inteligência, da honra e do sentimento nacional; mudando de nome no seu curso, como o Solimões - cha-*

*mando-se primeiro Ceará, depois Amazonas, depois Rio Grande do Sul (os aplausos cobrem a voz do orador) e hoje o vejo prestes a despejar-se no grande oceano da igualdade humana, dividido em tantos braços quantas são as províncias, levando em suas ondas os despojos de cinco ministérios e a represa de uma legislatura (aclamações) e vos digo, senhores: não tenhais medo da força dessa enchente, do volume dessas águas, dos prejuízos dessa inundação, porque assim como o Nilo deposita sobre o solo árido do Egito o lodo de que saem as grandes colheitas, por forma que se disse que o Egito é um presente do Nilo, assim também a corrente abolicionista leva suspensos em suas águas os depósitos de trabalho livre e de dignidade humana, o solo físico e moral do Brasil futuro do qual se há de um dia dizer que ele na sua prosperidade e na sua grandeza foi um presente do abolicionismo.*

2008.

## O JOVEM E O POEMA

**J**oaquim Nabuco – Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo – fez-se figura estelante da vida pública nacional como político, orador e memorável estilista; e ainda publicou versos.

Graça Aranha em *Machado de Assis e Joaquim Nabuco – comentários e notas à correspondência entre estes dous escritores*, de 1923, editado por Monteiro Lobato & Cia (Brasiliiana Digital) referindo-se ao segundo disse:

*A campanha pela Abolição o havia revelado ao Brasil e a humanidade, sensível às cousas brasileiras. O heroísmo da sua mocidade tinha se cumprido. Nabuco renunciara ao domínio, à posição, ao repouso, rompera com a classe dos senhores, a qual pertencia, e tornara-se o apóstolo da libertação dos escravos.*

De sua produção versífica destaco nesta ocasião *Amour et Dieu* – Paris, Imprimerie de J. Claye, 1874 (Brasiliiana Digital), de cuja peça derradeira transcrevo este quarteto:

*Je parle une langue étrangère  
Dans mes vers; je ne sais pourquoi.  
Peut-être pour dire à ma mère,  
Le poete, ce n'est pas moi.*

Dez anos antes Nabuco de Araujo, o pai, estimulava-o a versejar. Angela Alonso em *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) especifica que ele promovera edição luxuosa, no ano de 1864, de

*um poema em que o filho o homenageava – O Gigante da Polônia.*

A criação nabuqueana chegara às mãos de Machado de Assis e o então folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro*, na edição de 31-01-1865, a propósito grafou:

*...Já que falo em poetas escreverei aqui o nome de um jovem estreante da poesia, a quem não falta vocação, nem espontaneidade, mas que deve curar de aperfeiçoar-se pelo estudo. É o Sr. Joaquim Nabuco. Tem 15 anos apenas. Os seus versos não são de certo perfeitos: o jovem poeta balbucia apenas; falta-lhe compulsar os modelos, estudar a língua, ultimar a arte; mas se lhe faltam os requisitos que só o estudo pode dar, nem por isso se lhe desconhece desde já uma tendência pronunciada e uma imaginação viçosa. Tem o direito de contar com o futuro. (GA, op. cit.).*

E o adolescente escreveu ao periodista:

*Não sou poeta; as minhas toscas composições, escritas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o título pomposo de – poeta, – que por extrema bondade, e complacência, dignou-se-me aplicar, poderia esmagando a minha nula valia, encher-me de um orgulho sem fundamento, que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestrutível convicção de que ele verdadeiramente me não pertence, e de que me foi aplicado por um poeta, que, talvez por simpatia ou por qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de admiração, me deu títulos superiores às qualidades que realmente eu possuo.*

*Escrevo versos, é certo; porém estes versos, sem cadência e sem harmonia, não podem elevar o seu autor à altura de poeta,...*

Não obstante, decorrida uma década Nabuco publicaria na capital da França o poemário *Amour et Dieu*.

Findava o século XIX quando apareceu *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. Gilberto Freire preludiou a 2ª

edição dessa autobiografia (Brasília, Senado Federal, 2001). Do mencionado lavor nabuquino colho:

*Recordo-me de que nesse tempo (aos quinze e dezesseis anos...) tive uma fascinação por Pedro Luís, cuja ode à Polônia, Os Voluntários da Morte, eu sabia de cor.*

Em setembro de 1939 a Alemanha invadira a Polônia. A 6 do mês seguinte completo era o domínio nazista acolá. Em maio de 1942, Tadeu Skowronski, no proêmio de *Páginas Brasileiras sobre a Polônia*, obra por ele organizada e editada pela Freitas Bastos, do Rio de Janeiro, vozeou:

*A Polônia sucumbiu, mas não foi vencida... Li o poeta de “Terribilis Dea” – Pedro Luiz Pereira de Souza, as estrofes do jovem Joaquim Nabuco, as poesias inflamadas de Castro Alves, reli as palavras proféticas de Rui Barbosa...*

Da seleta do Ministro polônio extraio o poema do jovem:

O GIGANTE DA POLÔNIA  
(Trechos de uma ode)

.....

*Anjo tutelar, propício nume  
Do Polaco terreno, ufano logra  
Ovações mil a mil da pátria cara!  
Vístula fero, da Polônia o guarda!*

.....

*O Vístula espumoso é incentivo  
Do brio, do denodo e da braveza,*

*Que ao Polaco assinala um posto d'honra  
Marcando dos heróis o lugar primo!*

---

*Sentinela fiel, guarda em vigília,  
Do morticínio atroz ali sangrento  
Ele foi testemunha. Enraivecido,  
Suas águas com sangue misturadas,  
Para os mares do norte arroja afoito! ...  
Elas são, bem que tácito, um protesto,  
Que na mente dos povos alto clama.  
Para os bravos Polacos d'hoje, e d'ontem,  
Para os da fé valentes defensores,  
Vingança!*

*Hidra que os Russos assoberba.  
Na história a Polônia se apresenta;  
Não lhe paga o presente o seu passado,  
Quando a orbe do Cossaco ameaçado  
Com o sangue dos seus salvou a custo,  
Seus atos de bravura o mundo espantam,  
Seus feitos de heroísmo ele contempla,  
Seu presente brilhante o maravilha! ...*

*Um bárbaro colosso transportado  
De inóspitas paragens para a Europa,  
Chamar-se de Europeu indigno povo! ...  
Inerte e rude massa sem cultivo,  
Sem crença, sem amor, letras, nem artes,  
Eis ao que se resume o grande império,  
Que o oriente da Europa abrange largo!  
Prolongada extensão possui ele hoje;  
Despótico autocrata as leis lhe dita;  
Seu exército imenso é de carrascos ...*

---

*Entretanto os polacos não trepidam  
Em, nas lanças agudas dos inimigos.*

*Morte de bravos ir buscar, pujantes,  
Não lhes assusta o cadafalso erguido,  
Nem da morte o cortejo os intimida.  
As geladas campinas da Sibéria,  
Onde mil infelizes se lamentam,  
Onde chora a mulher seu caro esposo,  
Onde o filho pranteia o pai ausente;  
Os pesados grilhões, fortes cadeias,  
De seus cansados membros – opressores:  
A vista aterradora dos suplícios,  
E a presença constante dos algozes,  
O alento desses bravos não comovem,  
Nem no peito tão pouco a chama abafam  
Nem a voz da consciência nalma calam!  
Em sagrado holocausto, n'ara pátria,  
Cada dia mais vitimas se oferecem! ...  
Seu sangue fertiliza o solo bravo ...  
Novos, brotam do chão guerreiros fortes ...  
Pela pátria se finam – ai vêm novos.  
A Polônia de Antéus é terra fértil! ...  
Um constante lidar entre dois povos!  
Dois povos, dois anelos mutuados!  
Este, a morte, o horror, a tirania;  
Aquele, a religião, a pátria e a vida!  
Um, combate para o jugo impor, odioso,  
Outro, para dele libertar a pátria;  
Um, pretende apertar grilhões de escravo,  
Outro, o elo romper, que o prende à Rússia!  
Por ser tirano aquele, fere e mata;  
Este, ali pela pátria morde o solo!  
A morte desses bravos não choremos.  
Porque, noutra vida, um Deus existe,  
Que sabe premiar os grandes feitos ...  
Um Deus que tem para os bons a Eternidade,  
Um Deus que tem para os maus torturas grandes.*



## JORGE DE LIMA E JORGE MEDAUAR

O *Mundo do Menino Impossível*, de 1925, marca sua [de Jorge de Lima] presença no Movimento Modernista. Dessa fase enfatizo *Essa negra Fulô*.

É oportuno aqui redizer o pensamento de Alceu Amoroso Lima, exposto em *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*, no sentido de que o fazer literário de inspiração religiosa foi um movimento próprio do Modernismo, cujo advento, em 1922, coincidiu com uma profunda renovação dos nossos valores espirituais, ao qual se ligaram definitivamente os nomes de Leonel Franca e de Jackson de Figueiredo.

Em 1929 *A ordem*, revista então dirigida por Tristão de Ataíde e Perillo Gomes, editou *in memoriam*, páginas de ou sobre Jackson de Figueiredo, seu fundador, que tragicamente falecera no ano anterior. Ali está publicado *Poema (À Memória de Jackson)* de Jorge de Lima, de que lhes passo estes versos:

*Nossa Senhora, minha madrinha,  
tu vês as coisas verdes, não é?  
Meus olhos pretos, coitados deles!  
Teus olhos verdes, felizes deles,  
minha madrinha, Nossa Senhora da Conceição!  
Nossa Senhora, dá-me teus olhos  
para eu ver com eles meus pobres olhos.*



*Coitados deles, minha madrinha,  
só vêem as coisas como elas são.*

*Nossa Senhora, minha madrinha,  
pinta meus olhos, que eu quero ver  
verdes os dias que inda virão.*

.....

Do patrono da cadeira outrora ocupada por Jorge Medauar, surgiram, na década de trinta, *Tempo e Eternidade*, de parceria com Murilo Mendes, e *A túnica inconsútil*; na que se lhe seguiu, *Mira-Celi*.

A poética de Jorge de Lima é densa e é bela!

A Universidade Estadual de Santa Cruz, do Estado da Bahia, publicou, no ano 2000, *Ensaio*, de Jorge Medauar, contendo *Minhas Memórias de Jorge de Lima e Personagens Árabes na obra de Jorge Amado*, acrescido o volume de *Bandeira versus Medauar: uma escaramuça poética*, texto de Hélio Pólvora. No primeiro desses trabalhos o ensaísta se revela grande admirador do poeta de *Tempo e Eternidade* (belíssimo título – diz ele) e afirma:

*um poeta tão criador, versátil e fecundo como Jorge de Lima, de que a temida autoridade crítica de Agripino Grieco afirmava, para que não restasse dúvida: “É poeta, poeta, poeta”, e que pressentira sua eternidade, nunca será esquecido: crescerá sempre, por mais que o tempo passe.*

*E tê-lo conhecido, como o conheci pessoalmente, é mais do que um memorável acontecimento de importância literária: na verdade é um privilégio.*

Ao tempo em que Ives Gandra da Silva Martins ocupava sua Presidência, o Clube de Poesia e o SESC, presidido o respectivo Conselho Regional por Abram Szajman,

promoveram lá em São Paulo, no ano de 1995, a exposição comemorativa *Geração de 45/50 anos*.

Bem antes Péricles Eugênio da Silva Ramos, em *Do barroco ao modernismo*, na 2ª ed., de 1979, escrevera:

*Por volta de 1945, alguns poetas que estavam surgindo aceitaram o convite de trabalho que era a pregação crítica de Mario de Andrade e procuraram atingir, com o exemplo de Valery uns (João Cabral de Melo Neto), com a estética de Croce outros (Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos), uma poesia de expressão nítida, em que “o sentimento se resolvesse em imagens”. Desprezava-se portanto a anedota, e desdenhava-se a expressão não comedida... Foram os críticos como Álvaro Lins, Sérgio Milliet e Alceu Amoroso Lima os primeiros a apontar a existência dessa poesia de expressão disciplinada – e os poetas novos aceitaram a palavra da crítica, passando a designar-se como “geração de 45”, segundo o rótulo imaginado por Domingos Carvalho da Silva.*

Naquela mostra evocatória dos poetas da Geração de 45 estão nomes que se liam com esta solenidade: Anderson Braga Horta e Lêdo Ivo, ocupantes, respectivamente, das Cadeiras III e XXIII desta Instituição; Jorge de Lima, Patrono da de nº XVI, e Jorge Medauar, seu fundador; e também Fernando Mendes Vianna, que nos deixou versos e saudades na Academia Brasileira de Letras e na Associação Nacional de Escritores. Permitam-me, senhores, que eu ajunte aos mencionados um outro que lá se acha: o de Carlos Pena Filho, de quem fui contemporâneo na vetusta e querida Faculdade de Direito do Recife.

*(Texto extraído de Elogio de Jorge Medauar, discurso de Fontes de Alencar ao assumir a cadeira XVI, da Academia de Letras do Brasil, em 2009).*

## LAMPIÕES DE RUA

**M**eava-se o Século XIX. Os decênios que se seguiriam, ricos de pensamentos novos e fatos sem precedentes, assistiriam a grandes e fortes mudanças na vida nacional brasileira. Logo no começo da nova metade centurial a impulsão empreendedora do Barão – e depois Visconde com grandeza, de Mauá dotaria a Capital do Império de iluminação a gás.

Na antiga Capital, lá na Guanabara, Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) produziu *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* e *Memórias da Rua do Ouvidor*. Mais tarde, Luiz Edmundo (1880-1961) enriqueceu a nossa literatura dando a lume *O Rio de Janeiro do meu tempo*, de 1938; ele que já nos dera *O Rio de Janeiro no tempo dos Vices-Reis*. A propósito dos painéis traçados nesse último, a apóstrofe de Martins Fontes a seu autor em *Nós, as Abelhas*:

*Príncipe! o filho de Apuleio  
E o irmão de Bastos Tigre, – és tu!*

No capítulo relativo à Praça Tiradentes o segundo dos memoristas traçou este quadro:

*Ouvem-se vozes, berros, gritos, assobios, que vêm, num coro escandaloso, dos lados da Travessa Silva Jardim e, logo, a figura macabra de um homem de cabelo em pé, olho trágico, a correr como um doido, perseguido por um bando composto de atrevidos garotos. Traz ele, na mão, um varapau enorme, em cuja extremidade superior há uma porção metálica que faúlha.*

*Ouvem-se então, distintamente, os gritos:*

*– Ó Profeta! Olha, o Diabo! Mostra-lhe a Cruz!*

*É o acendedor de lampião, que, sob a surriada de vadios, faz léguas a correr. Diante de cada combustor, serenamente, pára, enfia o varapau numa fenda e acende o bico de gás. Quando parte, o coro de vozes insiste, de novo a persegui-lo:*

*Profeta! Olha o Diabo! Olha a Cruz!*

*É tradição no Rio de Janeiro essa pilhéria de mau-gosto, feita ao pobre acendedor de lampiões, um homem que recebe da Societé Anonime du Gaz uma miséria, e que vive a arrebentar-se, sem glória, sem estímulo, pelas ruas da cidade, a correr, a correr, léguas e léguas...*

Há um soneto clássico que se ocupa dessa figura. Digo-lhe os dodecassilábicos:

*Lá vem o acendedor de lampiões da rua!  
Este mesmo que vem infatigavelmente,  
Parodiar o sol e associar-se à lua  
Quando a sombra da noite enegrece o poente!*

*Um, dois, três lampiões, acende e continua  
Outros mais a acender imperturbavelmente,  
À medida que a noite aos poucos se acentua  
E a palidez da lua apenas se pressente.*

*Triste ironia atroz que o senso humano irrita:  
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,  
Talvez não tenha luz na choupana que habita.*

*Tanta gente também nos outros insinua  
Crenças, religiões, amor, felicidade,  
Como este acendedor de lampiões de rua!*

Tal composição poética tem o título de *O Acendedor de Lampiões*, e integra-se à coletânea *XIV Alexandrinos*, publicada em 1914; mas, o soneto data de 1910 porque escrito e publicado aos 17 anos, como esclareceu a João Condé o seu criador, Jorge de Lima, o Patrono da Cadeira XVI, que assumo nesta Casa.

*(Texto extraído de Elogio de Jorge Medauar, discurso de Fontes de Alencar ao assumir a cadeira XVI, da Academia de Letras do Brasil, em 2009)*

## O POETA DA PALMEIRA DE MÁRMORE

*... Do alto da barreira dominava o Cais da Sagração, olhava a Praia do Caju, e, estendendo o olhar por cima do Convento de Santo Antonio, deliciava-se mirando o gracioso Largo dos Remédios, onde Gonçalves Dias sobre a palmeira de mármore espera ouvir o sabiá, que nunca vem.*

(Graça Aranha – O Meu Próprio Romance)

*... Em frente, em linha reta, alonga-se a Rua dos Remédios pontilhada de lampiões. Lá ao fim, depois de um aclave suave, abre-se o Largo dos Amores, com a estátua de Gonçalves Dias voltada para o mar.*

(Josué Montello – Os Tambores de São Luiz)

**A**mbos os autores citados referem-se ao Monumento a Gonçalves Dias, que tem base em forma de palmeira estilizada e a estátua do poeta a encimá-la, por inteiro em alvo material mármoreo, tendo no sopé quadrifronte as figuras de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gomes de Souza e João Lisboa; obra do estatuário lusitano Pedro Carlos Quadrio dos Reis, inaugurada em 7 de setembro de 1873, qual informa Jomar Moraes, da Academia Maranhense de Letras, em seu laureado livro *Gonçalves Dias – Vida e Obra*.

D. Luís de Vasconcelos, 4º vice-rei do Brasil aterrou a Lagoa do Boqueirão, que ficava próxima aos Arcos da Lapa,



lá no Rio de Janeiro, e no seu espaço ergueu o Passeio Público, segundo projeto do Mestre Valentim. Quando alvorava o Novecentos ali era entregue à Cidade a herma do poeta da palmeira de mármore, orando na ocasião Machado de Assis, – aquele que *prosava como Luís de Souza e cantava como Camões* na expressão de Rui Barbosa, e disse então o Presidente da Academia Brasileira de Letras, depois de lembrar o que enunciara Renan a propósito do cantar de um rouxinol quando das exéquias de George Sand:

*...“Ah! Eis o verdadeiro discurso!” disseram eles [os amigos] consigo. O mesmo seria aqui se cantasse um sabiá. A ave do nosso grande poeta seria o melhor discurso da ocasião. Ela repetiria à alma de todos aquela canção do exílio, que ensinou aos ouvidos da antiga mãe-pátria uma lição nova da língua de Camões. Não importa! A canção está em todos nós, com os outros cantos que ele veio espalhando pela vida e pelo mundo, e o som dos golpes de Itajubá, a piedade de I-Juca-Pirama, os suspiros de Coema, tudo o que os mais velhos ouviram na mocidade, depois os mais jovens, e daqui em diante ouvirão outros e outros, enquanto a língua que falamos for a língua dos nossos destinos.*

Isso foi no dia 2 de junho de 1901.

O rio Itapicuru nasce e corre na terra maranhense e deságua na baía de São José a leste da ilha de São Luís. Na margem direita, já ao final do seu médio curso, no século XVIII surgiu ali a povoação de Aldeias Altas, que nos inícios da centúria seguinte passou a Vila de Caxias das Aldeias Altas e nos começos da que lhe veio empós, elevada a cidade, o vilarinho de outrora ficou sendo Caxias.

Em Caxias nasceu a 10 de agosto de 1823 Antonio Gonçalves Dias. Em maio de 1840, o jovem Antonio iniciaria o curso jurídico no famoso Instituto conimbricense.

Bacharelar-se-ia em 1844. Outras vezes volveria o poeta à Europa. Da última, em agosto de 1864, de lá regressa pelo vapor Ville de Boulogne, que soçobra quando já avistadas terras maranhenses. Diz Jomar Moraes, o autor do livro donde extraio alguns desses dados:

*Madrugada de 3 de novembro: o navio se parte contra rochedos, no Baixio dos Atins. Salvam-se todos, menos o poeta, cujo corpo não é encontrado.*

A poética de Gonçalves Dias é um dos fundamentos da literatura brasileira. Quando do centenário de sua morte o Estado de São Paulo promoveu a edição de *O Indianismo de Gonçalves Dias*, trabalho de Cassiano Ricardo. A propósito do indianismo gonçalvino escreveu o monografista:

*Não estava ele importando o que já pertencia ao seu sangue.( ... )*

*Viajasse pelo Rio Negro, ou residisse em Paris, ou em Coimbra, ou em Dresde, o índio residia dentro dele; em seu sentimento, na sua imaginação poética.*

*Não lhe vinha de torna-viagem, como pra outros indianistas do seu tempo ( ... )*

Ao proemiar coleção de suas poesias a que intitulou *Primeiros Cantos*, de 1846, o poeta afirmou:

*Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrficação portuguesa, e usei deles como me parecem quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.*

*Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostos em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Doiro e no Teia – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas da América.*

O poemário contém *Poesias Americanas e Hinos*. Nesses últimos, outras notáveis peças do estro de Gonçalves Dias; e destaque delas a que exhibe epígrafe de Edouard Turquety, o cantor de *Amour et Foi*, editado em Bruxelas, Bélgica, no ano de 1834, em que se acha *L'Océan*, fonte do mote utilizado pelo grande poeta brasileiro.

Dou-lhes, leitores, a primeira estância do poema turquetiano:

*Océan, Océan, te voilà! – Mes pensées  
Redemondaient partout tes plages hérissés,  
Mon ame aurait voulu t'atteindre à chaque élan:  
Te voilà donc! – Frappé de ta grandeur farouche,  
Je tremble... Est-ce bien toi, vieux lion, que je touche,  
Océan, terrible Océan?*

E lhes passo estrofes de Gonçalves Dias em

### O MAR

*Oceano terrível, mar imenso  
De vagas procelosas que se enrolam  
Floridas rebentando em branca espuma  
Num pólo e noutra pólo,  
Enfim ... enfim te vejo; enfim meus olhos  
Na indômita cerviz trêmulo cravo,  
E esse rugido teu sanhudo e forte  
Enfim medroso escuto!*

.....  
*O que há de mais forte do que tu? Se eriças  
A coma perigosa, a nau possante,  
Extremo de artifício, em breve tempo  
Se afunda e se aniquila,  
És poderoso sem rival na terra;  
Mas lá te vás quebrar num grão d'areia,*

*Tão forte contra os homens, tão sem força  
Contra coisa tão fraca!*

*Mas nesse instante que me está marcado,  
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre  
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue  
Teu sonoro rugido.*

*Então mais forte do que tu, minha alma,  
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará num relance o circ'lo estreito  
Do finito e dos céus!*

O mar também está no soneto de Gonçalves Dias lavrado em decassílabos de transbordante lirismo que Laudelino Freire inseriu em *Sonetos Brasileiros*:

*Baixel veloz, que ao úmido elemento  
A voz do nauta experto afoito entrega,  
Demora o curso teu, perto navega  
Da terra onde me fica a pensamento!*

*Enquanto vais cortando o salso argento,  
Desta praia feliz não se desprega  
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)  
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.*

*Baixel, que vais fugindo despiadado  
Sem temor dos contrastes da procela,  
Volta ao menos, qual vais tão apressado.*

*Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!  
E o pranto que ora verto amargurado,  
Possa eu então verter nos lábios dela!*

## DOIS JORNALISTAS NA CADEIRA DE GONÇALVES DIAS

**A**colá, no espaço central da antiga província gonçalviana, o rio Corda conflui com o Merim e o cearense Manoel Rodrigues de Melo Uchoa ali plantou a cidade que recebeu o nome de Barra do Corda, onde nasceria em 1927 Wolney Milhomem, seu bisneto, o fundador da Cadeira XXIII da Academia de Letras de Brasília, instituída sob a égide do autor dos famosos *Cantos* e de *Os Timbiras*. Teve ele intensa atividade cultural em muitas plagas. Foi jornalista. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Cassiano Ricardo, Caio Porfirio Carneiro e Jorge Medauar loaram sua coleção de poemas intitulada de *O Estroóina das Horas*. Em *O Humanista Vitor Meireles* revisitou ele a criação pictural do grande artista brasileiro nascido na Desterro dos idos de 1832, de Santa Catarina, designadamente, dentre outras criações, *Primeira Missa no Brasil*, *Moema*, *Batalha Naval de Riachuelo* e *Batalha dos Guararapes*. No livro mencionado há o capítulo *O Artista e a Atualidade*, em que expõe:

*O estilo acadêmico que trouxe da escola européia do Século XIX não lhe perturbou as opções livres.*

*... Nem sempre concordou com os mestres do Velho Mundo que o iniciaram no alto sacerdócio...*

*Ele não desejou que as batalhas de Riachuelo ou Guararapes fossem restritamente choques de rancor. E conteve as expressões de tormento e desespero dos que se encontraram, defendendo princípios ou ideias. Caráter marcadamente nativista, o humanismo do pintor busca o destaque da honra e dos sentimentos brasileiros, enquanto – por via do pincel – socorre o vencido, evitando-lhe uma posição que pudesse adquirir diante da história a conotação de aniquilamento comum.*

Em outro tempo, alhures, anotei conceitos de João Ribeiro e de Rui Barbosa a respeito de jornalista e da imprensa. Fi-lo reportando-me a trabalho de Joaquim Ribeiro sobre seu pai e Rui, obra publicada no Rio de Janeiro em 1958, que traz narrativa do encontro entre ambos. Reconto-a:

*Dizia Rui que fora numa página de meu pai que encontrara a melhor definição de jornalista.*

*E repetiu de cor o trecho:*

*O jornalista é o que governa sem ser governo, é o juiz sem lugar entre os magistrados, é o tribuno sem cadeira nos parlamentos, é enfim, um suplemento que a civilização deu às mesmas fórmulas imperfeitas de escolha e de organização social.*

O autor de *Cartas Devolvidas* com acuidade qualificou o periodista. Rui, a imprensa. Eis a formulação ruiana:

*A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe; enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonnegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça.*

Prados, em Minas Gerais, é cidade do Século XVIII, aquela em que nasceu e viveu Hipólita Jacinta Teixeira de

Melo. Na Introdução ao Volume 9 dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* o comentador Tarquínio J. B. de Oliveira consignou que os

*Autos da Devassa... destacam, em vários testemunhos e inquirições, a figura de D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, (...) sobretudo a partir do momento em que os Inconfidentes do Rio das Mortes se cientificam da traição de Joaquim Silvério dos Reis. Os avisos ao marido, em Vila Rica, e ao Vig.º Carlos Correia de Toledo, quando da notícia da prisão de Tiradentes no Rio de Janeiro, foram de sua pena.*

Hipólita Jacinta Teixeira de Melo era casada com o Inconfidente Francisco Antonio de Oliveira Lopes, um dos onze condenados à morte, mas também do rol dos que receberam o benefício da comutação da pena máxima em degredo por toda a vida para Bié, na região central de Angola. Anota o aludido comentarista que o Visconde de Barbacena determinou o seqüestro de todo o patrimônio do casal sem respeito à meação da mulher do Inconfidente.

Fique aqui de homenagem à valorosa mulher brasileira o registro alusivo à heroína Inconfidente.

Lá em Prados nasceu Luiz Adolfo Pinheiro no ano de 1940. Jornalista, a mídia não guardou segredo para ele. Diplomado em Filosofia, já participara da *Antologia dos Novos* (1966), do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, quando aqui chegou nos idos de 1970. Foi incluído na seleta *Cronistas de Brasília* organizada por Aglaia Souza.

Napoleão Valadares é autor do *Dicionário de Escritores de Brasília*, e nele expõe o repertório bibliográfico do jornalista pradense: *A consciência nacionalista*, 1971; *Brasíliadas*, 1985; *Jânio, Jango & Cia*, 1988; *Tocata e Fuga*, 1991; *3 x 30 – os bastidores da imprensa brasileira*, 1992; *A república*



dos golpes (de Jânio a Sarney), 1993; JK, Jânio, Jango – 3 jotas que abalaram o Brasil, 2001.

Luiz Adolfo Pinheiro recebeu, em 1992, o Prêmio José de Alencar, da Academia Brasileira de Letras.

José Carlos Brandi Aleixo, PhD em Ciência Política, outrora professor titular da Universidade de Brasília e hoje seu Professor Emérito, a respeito de Luiz Adolfo Pinheiro e do último dos seus livros enunciados escreveu:

*Muitas viagens dentro e fora do Brasil, entrevistas várias com personalidades e o hábito de leituras prolongadas proporcionaram a ele matéria precisa e inspiração para numerosos livros, artigos e reportagens. Algumas foram objeto de significativos prêmios. O autor tem demonstrado empenho no estudo das últimas cinco décadas de nosso País, período do qual foi testemunha ocular.*

O meu conterrâneo Joel Silveira, que foi venturoso correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira no Segundo Conflito Mundial, teve não poucas de suas grandes reportagens transformadas em livro.

Luiz Adolfo Pinheiro afigura-se-me qual participante daquele grupo de profissionais da Imprensa que modelaram, na segunda metade do século recém-fundado, um novo aspecto do jornalismo brasileiro.

2009.

## DE PROSAÍSTAS E POETAS

### I

**H**onoré de Balzac (1799-1850) – conhecido criador do romance moderno, o fecundo autor de *A Comédia Humana* – em *A Mulher de Trinta Anos* (tradução de Paulo Neves) assim disse daquele último desfile:

*Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. Dois dias depois, Napoleão partia para aquela campanha durante a qual ia perder sucessivamente seus generais Bessières e Duroc, ganhar as memoráveis batalhas de Lutzen e de Bautzen, ver-se traído pela Áustria, pela Saxônia, pela Baviera, por Bernadote, e disputar a terrível batalha de Leipzig.*

*...Ordens de comando propagaram-se de fila em fila como ecos. Gritos de "Viva o imperador!" foram lançados pela multidão entusiasmada. Tudo enfim vibrou, agitou-se, estremeceu. Napoleão estava a cavalo... Os muros das altas galerias do velho palácio pareciam também gritar: Viva o imperador! Não foi algo de humano, foi uma magia, um simulacro da potência divina, ou melhor uma breve imagem desse reinado tão fugaz... Entre tantas emoções por ele excitadas, nenhum traço de seu rosto pareceu se comover.*

A poética hugóica (1802-1885) encantou fortemente o poetas do século XIX, sobretudo o seu verso altíssimo que retumbou no nosso condoreirismo. A doce lírica, contudo, perdura entre nós em virtude da vernaculização de versos

seus por compatriotas nossos, dentre os quais Tobias Barreto, no século XIX – v. *O Tradutor Ignoto*, no *Jornal da ANE* de nº 42 –, e deste nosso tempo, Anderson Braga Horta, José Jeronymo Rivera e Fernando Mendes Vianna.

De enorme significância também é sua criação em prosa. *Os Miseráveis*, de 1862, traz prefácio do próprio Hugo – forte brado contra a ignorância e a miséria do mundo. No Livro I da 2ª parte da obra, *Waterloo*. Em dado momento da narrativa – na versão de Regina Célia de Oliveira – o prenúncio dramático:

*Todos conhecem o pungente equívoco de Napoleão; Grouchy era esperado, mas foi Blücher quem veio; a morte em lugar da vida.*

*O destino dá essas voltas. Esperava-se o trono do mundo, avistou-se Santa Helena.*

E o gênio do romancista fê-lo traçar mais este quadro singular:

*Ao cair da noite, em um campo nas imediações de Genappe, Bernard e Bertrand seguraram pelo casaco, e fizeram parar, um homem desvairado, pensativo, sinistro, que, arrastado até ali pela torrente da derrota, acabava de descer do cavalo, e, depois de enfiar o braço pela rédea, olhos perdidos, voltava sozinho para Waterloo. Era Napoleão tentando ainda avançar, gigantesco sonâmbulo desse sonho arruinado.*

## II

Em alusão ao tempo da mocidade de Joaquim Nabuco observou Graça Aranha, em obra de 1923, que os jovens poetas do romantismo, formantes da dianteira literária, eram atrasados em relação ao agitação ideativo, e cresceu que já *Baudelaire havia, desde 1857, transfigurado a musicali-*

*dade da poesia, Verlaine dava ritmo à melancolia universal, Walt Withman antecipava o fulgor dionisíaco de Rimbaud.*

Entre os moços que então aqui poetavam, Pedro de Calasans (1836-1874), nascido lá no meu Sergipe. Clóvis Beviláqua em *História da Faculdade de Direito do Recife*, que diz do primeiro centenário da veneranda Instituição, nomenclaturando os bacharéis de 1859, ao nome de Calasans acrescentou: *excelente poeta*. São obras dele: *Páginas Soltas*, *Últimas Páginas*, *Ofenísia*, *Wesbade*, *Uma Cena de Nossos Dias*, *Camerino* e *Cascata de Paulo Afonso*; a terceira, publicada em Bruxelas, no Reino da Bélgica; a quarta e a quinta, em Lípsia, na Alemanha. Para Domingos Carvalho da Silva ele influenciou *Castro Alves ou ... pelo menos, o impressionou*. Um dos poemas de *Castro Alves traz uma epígrafe de Calasans (A Presença do Condor – Clube de Poesia de Brasília, 1974)*. Remete-se o ensaísta a versos recoltados do poema *Sete Sonos*.

O Sesquicentenário do poeta ficou marcado pela publicação, que o Estado de Sergipe promoveu, de *Verso e Prosa* de Pedro de Calasans (Organização, introdução e notas de Jackson da Silva Lima).

Lamartineano, essa sua tendência dos primeiros tempos evidenciava-se no poema *Escuta*, de que reproduzo os versos iniciais:

*Se para amar-te for mister martírios,  
Com que delírios saberei sofrer!*

O referido historiógrafo, autor, dentre outras obras, de *História da Literatura Sergipana* (I e II), ao repertoriar as produções do celebrado vate frisou:

*Seu lugar na literatura pátria é assegurado pelo íntimo convívio com as musas (...) Muitas são as facetas dessa presença estética*

(...): *abolicionismo, ultra-romantismo, literatização do popular, realismo crítico-social, sátira e ironia, experimentação lúdico-verbal.*

Em relação ao campo de ação último, Jackson da Silva Lima em seu repertório realça a composição poética *Lucidus Ordo*, que se acha em *Ecos da Juventude* (manuscrito). Calasans buscou o título em Horácio (*Ars Poetica – Epistula ad Pisones*) precisamente no verso que Dante Trigale assim traspassou para o português: *a quem escolher a matéria segundo suas forças, nem a facúndia, nem a lúcida ordem o abandonarão* (São Paulo: Musa Editora, 1993).

Agora, caro leitor, o soneto:

## LUCIDUS ORDO

*Meu tinteiro por tampa tem o busto  
De um vendilhão saxônio atido ao copo;  
Pode-se compará-lo, e até sem tropo,  
A um Bernardo roaz, rolho, robusto!*

*Lacre, lápis, papéis, penas! – a custo  
Com o que procuro raras vezes topo!  
Autos, Byron, Lobão, Ortiz (Jacopo),  
Poesia e direito: o belo e o justo!*

*Marca a espátula ebúrnea o velho Aufran;  
Descansa Mackeldey sobre Stendal;  
Marca um cigarro as folhas de Ortolan!*

*Repousa meu cachimbo sobre Stäel  
A Bíblia acotovela o D. Juan...  
Ordem lúcida assim – ninguém viu tal!*

## ALBERTO DE OLIVEIRA

**B**enjamin Franklin Ramiz Galvão (1846, Rio Pardo, RS – 1938, Rio de Janeiro) foi médico, professor e filólogo. O insigne humanista escreveu o valioso *Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prosódico das Palavras Portuguesas derivadas da língua grega*, editado em 1909 pela Livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro, e republicado em 1994 pela Livraria Garnier, dessa feita com preâmbulo de Paulo Brossard de Souza Pinto. O notável helenista averbou do adjetivo parnasiano esta concepção:

*diz-se do poeta, que procura antes de tudo a delicadeza e a perfeição da forma do verso // De Παρνασσός Parnaso + suf. ano.*

Da França chegara ao Brasil a nova tendência. Acolá, e aqui também, Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme e José Maria de Heredia, entre outros corifeus dela, eram mitificados. A respeito de S. Prudhomme merece anotada a observação de Antonio Soares Amora no sentido de que ele e Verlaine

*iniciaram sua carreira literária na Escola Parnasiana; mas a concepção poética dos parnasianos, seu espírito positivista, sua preocupação da técnica rigorosa, da “impassibilidade”, não condiziam com o temperamento desses poetas; e Sully Prudhomme buscou uma direção poética diversa, talvez mesmo antitética...*

*(Teoria da Literatura, São Paulo: Editora Clássica-Científica, 5ª Ed., 1964)*

Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac compõem a tríade coroada do parnasianismo brasileiro. Anderson Braga Horta, premiado poeta brasileiro, também exerce a crítica literária; e nessa área igualmente é senhor do seu mister. Em *O Parnaso Revisitado*, parte de *Sob o Signo da Poesia* (Brasília: Thesaurus, 2003), ao dizer de *Introdução à Estética Parnasiana*, de Danilo Lôbo et ali, ressaltou

*a demonstração do relativismo das oposições que, não raro dogmáticamente, vemos estabelecer entre estilos de época (Classicismo x Barroco, Romantismo x Realismo ou Parnasianismo).*

Recentemente a Thesaurus publicou de Pedro Salinas – fulgente vate da Geração de 27 da Espanha – *A voz a ti devida*, edição bilíngüe, com a excelente tradução de José Jeronymo Rivera. O belo poema nessa edição bilíngüe está precedido de estudo efetuado por José Antonio Pérez-Montoro, também objeto da ação do mesmo trasladador.

Antonio Mariano Alberto de Oliveira apresentou-se na *Revista Americana*, o periódico dirigido por A. G. de Araujo Jorge, que lhe publicou o soneto *Crescente de Agosto* (v. XIV, outubro – 1916).

Em Saquarema, RJ, nascera o Poeta, no ano de 1857; seu falecimento ocorreria em 1937, na cidade de Niterói. Estreara-se com *Canções Românticas* (1878).

Dele adviriam ainda *Meridionais, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas, Poesias Completas* (4 séries), afora outras publicações. Ademais, foi o fundador da Cadeira 8, de que patrono Cláudio Manuel da Costa, da ABL.

Em 1944 a Academia Brasileira de Letras imprimiu, em louvação do autor de *Vaso Grego*, o livro *Póstuma*, com apresentação de Aloysio de Castro. A primeira peça do tomo é um texto em prosa, de 1929, - *Começo de Vida* – em que o aedo narra a boa e forte influência recebida do irmão José Mariano em sua formação literária. O intérprete da Instituição assim concluiu seu escrito:

*Publicando este volume por homenagem, a Academia evoca Alberto de Oliveira, que distanciado da morte deixou vida na saudade. Todos aqui o tínhamos por Mestre e o vimos, como no voto de Horacio, tocar as estrelas com a frente.*

Ainda no século que passou, na década de setenta, o comerciante de livros Carlos Ribeiro entregou a Nilo Aparecida Pinto – da Academia Mineira de Letras e que seria sucedido na Cadeira 34, sob égide de Thomaz Antonio Gonzaga, da Casa de Alphonsus de Guimarães, por Juscelino Kubitschek – o encargo de organizar o livro *Lírica*, de Alberto de Oliveira. Fez-lhe o proêmio Xavier Placer, advertindo que na seleção de poemas o leitor teria o poeta

*em sua marca peculiaríssima de genuíno romântico – entendida a palavra fora de conotações de Escola – e surpreendido em seus melhores momentos. [...] Decerto, em todos estes poemas depara-se alto requinte de forma. Que não basta, entretanto, para classificá-lo parnasiano. [...] Tem você, pois, aqui, um A. de O. diferente, exatamente o que resistiu e chegou até nós no que apresenta de perene.*

Já agora entrego ao leitor amigo os quatorze dodecasílabos albertianos de



## CRESCENTE DE AGOSTO

*Alteia-se no azul aos poucos o crescente;  
O ar embalsama, os cirros leva, o escuro afasta;  
Vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta  
E emborca a urna de luz nas águas da corrente.*

*Na escumilha da teia, onde a aranha indolente  
Dorme, feita de luz, uma pérola engasta  
Faz aos lírios mais branca a flor cheirosa e casta  
Mais brancos os jasmims e murta redolente.*

*Faz chorar um violão lá não sei onde... A ouvi-lo,  
Na calada da noite um não sei quê me invade!  
Faz que haja em tudo um como espasmo doce e enlevo...*

*Faz as cousas rezar ao seu clarão tranqüilo,  
Faz nascer dentro em mim uma grande saudade,  
Faz nascer da saudade estes versos que escrevo.*

## HEROICIDADE E POESIA

No ano de 1906, entre a eleição de Afonso Pena, em março, e sua posse na Presidência da República, em novembro, fatos graves ocorreram na vida política de alguns Estados, destacadamente Mato Grosso e Sergipe. Cinjo-me ao acontecido em Sergipe.

Clóvis Beviláqua, referindo-se a Fausto Cardoso, que seguira em julho desse ano para sergipanas plagas, disse que ele desempenhara *com brilho excepcional* o mandato de deputado federal, tendo tomado parte na discussão do Código Civil propugnando pelo divórcio. Encontraram-se naquele julho na Bahia. Clóvis narrou, em 1927, ainda amargurado, a tragédia de que Fausto fora vítima.

Fausto Cardoso escrevera em *Taxinomia Social*, de 1898, que a liberdade

*“foi amalgamada na história com o cimento dos séculos e o sangue dos homens. E quantos a quiserem possuir hão-de-conquistá-la pelo mesmo caminho”.*

Antes, em 1894, publicara *Concepção Monística do Universo*, com prefácio de Graça Aranha, que pouco depois seria o fundador da cadeira nº 36, Tobias Barreto seu patrono, da Academia Brasileira de Letras. No ano subsequente, Sousa Bandeira, também da Escola do Recife, sobre esse livro diria:

*Discípulo de Tobias Barreto, o Dr. Fausto Cardoso pertence ao número dos que ouviram a palavra do grande mestre, graças à qual pôde familiarizar-se com as doutrinas modernas, e possuir-se do entusiasmo comunicativo que ele sabia ter pelas "idéias novas que voam de outros mundos e vêm fazer seu ninho em nossas cabeças." Fortemente saturado das doutrinas de que o pranteado mestre se tornou estrênuo propagandista, conservou, porém, o Dr. Fausto Cardoso toda independência e a originalidade do seu belo talento, e continuando a aprofundar sozinho o estudo das teorias em que fora iniciado, ostenta-se hoje com a envergadura de um espírito fortemente culto e extremamente ousado.*

O tempo andando, quando da inauguração da sua estátua na praça que lhe leva o nome, em Aracaju, discursou Gumersindo Bessa dizendo:

*Esta apoteose de hoje não se a consagra ao poeta, ao orador, ao filósofo, ao professor laureado; mas ao herói, ao homem abnegadamente generoso, leoninamente valente, para quem o sacrifício era uma volúpia, que, tendo consumado uma revolução incruenta, e vendo-a sossobrar, preferiu submergir-se com ela a salvá-la a preço do sangue alheio ou de uma vilania própria.*

Francisco Rollemberg, que já representou o Estado e o povo de Sergipe nas duas Casas do Congresso Nacional, quando Deputado escreveu a Introdução a *Discursos Parlamentares de Fausto Cardoso*, dando na aludida peça por menores da Revolta de 1906, inclusive da absurda morte do seu líder.

Jackson da Silva Lima, competente estudioso dos labores culturais dos sergipanos, recolheu, em jornais e revistas de outrora, o quanto pôde do produzido por Fausto Cardoso na área da poesia. *Esparsos e inéditos* (Fausto Cardoso – Vol. I – Poesia) – obra editada pelo Governo do Estado de

Sergipe em 1980 – é a resulta do seu labor. E dessa coletânea é *O Poeta*, soneto que aqui reproduzo:

*Quando surges sonhando e tua lira canta,  
Inveja abrindo vai, como esfaimado corvo,  
As asas negras pelo abobadado e torvo  
Horizonte, em que o Deus da rima se levanta!...*

*Reatas a obra imortal da caravana santa  
Dos teus mortos irmãos, vencendo o mesmo estorvo,  
Tragando o mesmo fel, haurindo o mesmo sorvo  
Do veneno letal, que aos cobardes quebranta!*

*Ornas a Terra e a Terra, ingrata, te apedreja,  
Porque o Infinito tens na mente e o pões no verso,  
A sustentar, cantando, intérrima peleja.*

*É um louco! – brada o mundo em tua luz imerso,  
Mas segue o raio astral, que pelo Azul dardeja  
Doirando as almas como o sol doira o Universo!*

## O POETA JOÃO RIBEIRO

**N**a vetusta cidade de Laranjeiras, em plaga sergipense situada à margem do flúmen Cotinguiba, que se derrama no rio Sergipe e esse, após curta distância, na imensidão atlântica, nasceu há cento e cinqüenta anos **João** Baptista **Ribeiro** de Andrade Fernandes, que iria falecer no Rio de Janeiro em 1934.

A povoação setecentista – Laranjeiras – desenvolvera-se e no século seguinte, precisamente naquele ano de 1860, recebeu a visita do Imperador Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina.

João Ribeiro foi filólogo, historiador, dicionarista, poliglota, professor, jornalista, tradutor, crítico literário, folclorista. E poeta também. Em posfácio à edição de 1902 [Rio – Jacintho Ribeiro Santos - Editor] da sua coletânea de poesias, de que me valho, registrara:

*Em 1883 e 1884 publiquei os dous opúsculos Dias de Sol e Avena e Cythara; destes provém a edição feita mais tarde dos meus Versos, 1890, que foi a reimpressão dos dous livrinhos antecedentes. Agora, pois, o presente livro representa a terceira edição dos mesmos versos, aumentados, como das outras vezes, de composições inéditas.*

Em 1898 ao assumir na Academia Brasileira de Letras a Cadeira nº 31, outrora ocupada pelo poeta Luís Guimarães Junior, em sua fala de estréia o laranjeirense observou:

*A grandeza e a sublimidade da poesia está em que ela repele o concurso árido e esterilizante das coisas; ela é, toda ela, sonho e emoção – emoção e sonho que para os outros desmaiam, esvaem-se, ao primeiro sopro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um mistério veemente e súbito, petrificam-se tomadas pela surpresa tempestuosa do ritmo que age como um estranho cataclismo.*

José Veríssimo, que o recebeu na ABL, exemplificou sua poética com peça tirada ao *Museon*, grupo de sonetos que vieram alguns anos antes dos de Heredia, e integram o livro de 1890. Aqui a reproduzo, feita a necessária atualização ortográfica:

*Do mar e das espumas tu nasceste,  
Ó forma ideal de todas as belezas,  
Inda teu corpo, mal vestindo-o, veste  
Um colar de marítimas turquesas.*

*Milhares d'anos há que apareceste  
Outros milhares d'almas sempre acesas  
No teu amor, lá vão seguindo presas  
Da tua garra olímpica e celeste*

*Beijo-te a boca e sigo embevecido  
Ondas sobre ondas, pelo mar afora,  
Louco, arrastado qual os mais têm sido,*

*Ora te vendo as formas nuas, ora  
Toda nua a sentir-te em meu ouvido  
Do eterno som dos beijos meus sonora.*

Em *Páginas Escolhidas* [H. Garnier, Livreiro – Editor, Tomo Segundo, 1906] João Ribeiro inseriu sonetos seus, dos quais um, o acima transcrito, sob o título de *Venus*; e outro, denominado *Monge*, de 1888, cujos decassílabos aqui repi-

to, com observância de mudanças versílicas encontradas na mencionada antologia:

*É forçoso que por um louco tomem  
Quem de perfeito juízo se mostrava?  
Louco, dizíeis vós! mas onde estava  
A apregoada loucura daquele homem?*

*Quem pode ver as dores que se somem  
Dentro no peito e ver a ignota lava?  
Loucos sois vós que as pústulas consomem,  
E tendes a alma das paixões escrava.*

*Louco o dizeis, porque deixara o mundo  
Pelo abismo do claustro hórrido e fundo!  
Insensatos, sabe! para a alegria,*

*É talvez pouca luz a luz do dia,  
Mas a quem fere do infortúnio o açoite  
Essa noite de claustro é pouca noite.*

Em 1929 a *Pequena edição de Sonetos Brasileiros* (F. Briguiet & Cia. – Editores – Rio de Janeiro), organizada por Laudelino Freire, foi reeditada; e dela extraio esta composição de João Ribeiro, que se encontrava no *Museon* e em *Páginas Escolhidas*, nesse livro denominada *A ninfa*:

*Na floresta os crepúsculos eu passo  
A flor colhendo e o saboroso fruto.  
Ouço um rumor, e cauteloso, astuto  
Apalpo as folhas estendendo os braços.*

*Fauno talvez! E horripilado escuto...  
Eis quando surge sob um sol escasso,  
Não, qual imaginara, o deus hirsuto,  
Mas uma ninfa de ligeiro passo*



*Ah! Não fosse eu mortal e fosse dado  
Ao homem ser dos deuses o pecado!  
Se naquele momento um deus eu fosse,*

*Ao vento a flor e o fruto desprezando,  
Minha fora esta deusa, que é, passando,  
Mais que a flor, mais que o fruto, bela e doce.*

Agrippino Grieco (Ah! O mestre Agrippino Grieco) em *Evolução da Poesia Brasileira* (Rio de Janeiro:, Livraria José Olympio Editora, 3ª ed., 1947 ) após perfilar o crítico literário João Ribeiro, avançou:

*Quase chegando a essa extrema velhice (...) vai o Sr. João Ribeiro reencontrando em si mesmo o excelente poeta dos tempos de rapaz, o poeta que fez tão lindas coisas rítmicas no tempo em que tantos se deixavam impressionar pela eteromania romântica de Vitoriano Palhares ou pelo bromureto poético de Teixeira de Melo.*

## LAUDELINO FREIRE

**R**ui Barbosa, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupou ali a Cátedra de que patrono Evaristo da Veiga. Sucedeu Laudelino Freire a Rui Barbosa no ano de 1924. Foi o segundo ocupante da Cadeira nº 10.

Aloísio de Castro o recebeu na Casa de Machado de Assis. No intróito da fala de saudação lembrou o que Plátão insculpira no friso da sua Academia:

*“Aqui não entre quem não for geômetra.”*

Logo cresceu o saudador:

*Ora, muito bem podeis aqui entrar Sr. Laudelino Freire: sois geômetra.*

E mais:

*Tendo professado essa disciplina no Colégio Militar, mostrais que o vosso talento deitou raízes na especulação matemática, para luzir nas múltiplas formas da cultura superior.*

A respeito do seu insigne predecessor o filho da cidade de Lagarto, além do declamado na oração acadêmica inaugurativa, elaborou vários estudos: *Homem prodígio, O Brasil em Haia, Magias oratórias; Rui, Pisa e Lessa; Lampejos e clarões; Peculiaridades de mestre, Adjetivação abundante, Palavras novas, Águia e aquilucho*, todos eles ajuntados em

RUI – *subsídios para o estudo de sua vida e obra*, publicado pela Casa de Rui Barbosa em 1958.

O então novel acadêmico nascera no ano de 1873, e tendo iniciado os preparatórios no Liceu Laranjeirense, situado na velha urbe de Laranjeiras, também, como aque-loutra, da antiga Província de Sergipe, os concluiu na Escola Militar do Rio de Janeiro, *onde fez todos os estudos de mate-máticas superiores*, tudo consoante registrado por Armindo Guaraná em seu *Dicionário Biobibliográfico Sergipano*, pu-blicado postumamente em 1925, às expensas do Governo sergipense.

Faleceu Laudelino Freire no Rio de Janeiro em 1937. Aquela Cadeira nº 10 passou a ser ocupada por Osvaldo Orico que, quando da louvação acadêmica, fez minudente histórico da vida daquele a quem sucedia, inclusive traçan-do, a respeito da luta em defesa do vernáculo, paralelo entre ele e o lusitano J. Leite Vasconcelos.

Combateu com afinco a galicizarlice que na primeira metade do século passado vicejava entre letrados brasilei-ros, cruzada que motivou de Aloísio de Castro a seguinte *boutade* na mencionada oração

*Ganhaste horror ao galicismo e compuseste um substan-cioso Vocabulário, para extinguir a praga de galiparlas e pre-servar a língua contra a tacha afrancesada. Passaste então a ser com isso um homem perigoso, e crede não é sem temor que me desobrigo desta oração, sentindo no ar a palmatória de cinco furos com que me chamareis a bolos por qualquer francesia que me escape.*

A propósito desse galicismar o sapiente João Ribeiro observou com ciência e graça:

*O francês por garbo ou elegância inventa uma palavra in-glesa, por exemplo, o footing, que os próprios ingleses desconhecem; e nós, logo, inconsideradamente, o adotamos...*

*Chegamos até ao cúmulo e à ridiculez de adotarmos pa-lavras tupis... francesas. Um escritor negligente leu mal a palavra “nembi” e dela fez a famosa “inúbia”, usada e repetida pelos nossos poetas indianistas.*

O acervo bibliaco de Laudelino é copioso e diverso. Sua atividade intelectual, fecundante.

Obras didáticas e de história estão entre as laudelinia-nas. E também de antologia. Nesse campo, de 1904 é a seleta *Sonetos Brasileiros* (Rio: M. Orosco & Cia), que em segun-da edição (Rio: F. Briguiet & Cia) continha 500 produções. Dessa foi tirada a *Pequena Edição dos Sonetos Brasileiros*, de 1905, com 105 composições, e em 1929 foi a obra novamen-te editada contendo criações de 122 poetas.

Escritos de jornais e outros esparsos de Laudelino Freire foram compaginados, de 1925 a 1930, em onze volu-mes seriados sob o título de *Notas e Perfis*.

O lagartense que tanto se empenhava nas lides inte-lectuais lá na Capital brasileira de outrora fundou em 1919 a *Revista de Língua Portuguesa* e a dirigiu. No seu primeiro número, em *Intenções*, texto de abertura, da lavra do criador e diretor do veículo de idéias, constava:

*Uma nação que se vê invadida de estranhos idiomas e não sabe resguardar o seu materno do contato absorvente – ou é que corroida já está pelo vírus da degeneração, ou é que lhe não per-passa o organismo o espírito de crença firme no futuro.*

Entre os colaboradores da edição primária do periódico referido, Ramiz Galvão – com o trabalho *O Poeta Fa-*

*gundes Varela*; e mais João Ribeiro, o luso J. Leite de Vasconcelos, Mário Barreto e o próprio fundador e dirigente.

O Museu do Escritor, instituído pela Associação Nacional de Escritores e recentemente inaugurado, tem no seu cabedal exemplar de *Fac-simile da 2ª Ed. (1813) do Dicionário de Língua Portuguesa por Antonio de Moraes Silva (Fotografada por Revista de Língua Portuguesa, sob a direção de Laudelino Freire – Rio: Oficinas de S.A. Litho-Tipografia Fluminense, 1922 – Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil)*.

A respeito dessa obra o erudito João Ribeiro, que considerava Moraes o *maior dos nossos lexicógrafos, tanto de Portugal como do Brasil*, em *Crítica – vol. V – Filólogos* (Rio: ABL, 1961) proclamou:

*Não foi somente um preito de justiça ao nosso glorioso antepassado – foi pari passu a restituição de uma obra-prima que corria afeada e quase destruída por sucessivas edições ineptas que haviam adulterado aquele precioso monumento da erudição nacional. Quem de entre nós, sem medir sacrifícios grandes, se abalaria a tamanha empresa?*

*E ei-la agora abençoada pelo êxito absoluto.*

Na esfera editorial o ocupante da Cadeira nº 10 ideou a *Estante Clássica*, com quinze títulos a começar de Rui Barbosa e findando em Rocha Pita.

Há mais, leitor: Laudelino Freire deixou aos utentes do idioma o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* que A Noite. S. A. – do Rio de Janeiro publicou, em cinco volumes, de 1939 a 1940. A Biblioteca da ANE guarda os respectivos exemplares.

## O CISNE DE OUTRAS MARGENS

O Jornal da ANE estampou de Bernardo Guimarães (1825-1884) a composição *Estrofes*, dedicada ao Dr. F. L. de Bittencourt Sampaio, por ocasião de sua ida a Ouro Preto, em 1875. Eis estância de abertura:

*Eu te saúdo, ó cisne de outras margens,  
Que o vôo teu abates  
Por um momento nestas fundas vargens,  
Ninho de ilustres vates,  
Cujo canto até hoje inda suspira  
Na viração, que pelos montes gira.*

E outra, a terceira:

*Estes vales te acolhem prazenteiros;  
Saúdam-te estes montes,  
Sacudindo os espessos nevoeiros  
Das enrugadas fontes,  
E se ufanam de ver dentro em seu seio  
O cisne, que de estranhas terras veio*

Alphonsus de Guimarães Filho organizou *Poesias Completas de Bernardo Guimarães*, obra que o INL editou em 1958 e aí o livro *Flores de Outono*, donde extratado o poema referido. O exaltante e o homenageado concluíram o curso da Faculdade de Direito de São Paulo, respectivamente, nos idos de 1852 e 1859.

Em *Memórias para a História da Academia de São Paulo* de Spencer Vampré (2º Ed. Brasília, INL, Conselho Federal de Cultura, 1977) repercutem-se as loas de Sílvio Romero e João Ribeiro ao poeta Bittencourt Sampaio no *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (Rio: Liv. F. Alves, 1906) e há realçamento do *Hino Acadêmico*, letra sua e música de Carlos Gomes.

Dessa parceria também resultou a conhecida modinha *Quem sabe?...* Cristina Maristany marcou com êxito o seu tempo na música de câmara e gravou essa criação artística em 1941, registro ainda hoje reproduzido (*Revivendo* RVCD-149). De outra, com Elias Álvares Lobo, a musicalização dos versos de *Bem-te-vi* e *A Despedida*. Esse seu parceiro foi o autor da primeira ópera brasileira, levada à cena em 1860, *A Noite de São João*, com libreto de José de Alencar e sob a regência de Carlos Gomes.

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio nasceu em 1843 na cidade de Laranjeiras, do Estado de Sergipe.

Em 2005 a Secretaria de Estado da Cultura, de Sergipe, sendo seu titular José Carlos Teixeira, reeditou *História de Laranjeiras Católica*, obra escrita por Filadelfo Jônatas de Oliveira, sacerdote que acolá exerceu o paróquiato de 1904 a 1935. Descreveu ele o raiar da cidade em que viera ao mundo, à margem esquerda do rio Continguiba:

*Laranjeiras nasceu aos acordes da música e entre flores  
Nesse perfumado ambiente nasceu esta Cidade, que tanto tem cultivado a música e as letras.*

E o poeta também cantou a urbe continguibense:

*Minha terra é pequena cidade.*

.....

*Entre montes, num vale escondida,  
Assemelha-se à rosa florida  
Do deserto que além desabrochou;*

.....

*Felisbello Freire, um Vulto da Ilustração Brasileira* é texto de Paulo Mercadante inserido em *História de Sergipe* (2ª Ed. Petrópolis, Vozes; Aracaju, Governo do Estado de Sergipe, 1977) do aludido historiógrafo. Mercadante acentua, depois de mencionar Tobias Barreto, Sílvio Romero, Gumersindo Bessa e Fausto Cardoso, que o historiador seria outro vulto de Sergipe à *inquietação do tempo*; e sublinha:

*Em Laranjeiras se instalara o quartel-general das forças republicanas. Com Baltasar de Araújo Góis e Josino Meneses já havia Felisbello Freire constituído o núcleo de combate à escravidão e à monarquia.*

A Professora Maria Tétis Nunes, ocupante da Cadeira nº 39 da Academia Sergipana de Letras, lembra que o notável humanista João Ribeiro *iniciou as atividades jornalísticas, escrevendo em O Laranjeirense, órgão divulgador das ideias republicanas em Sergipe (João Ribeiro Intelectual de Múltiplos Facetamentos - Revista da ASL, nº 34).*

Em certo momento a política atraiu Bittencourt Sampaio e então foi ele deputado geral, por sua província, em duas legislaturas pelo Partido Liberal e Presidente da do Espírito Santo. Em 1870 rompeu com os partidos monárquicos e assinou o *Manifesto Republicano* ao lado de Saldanha



Marinho, Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo, Salvador de Mendonça e outros repúblicos.

De 1860 é a coletânea de versos *Flores Silvestres* (Rio de Janeiro, Liv. Garnier) de Bittencourt Sampaio, em que se destacam, além daqueles musicados e já referidos, os poemas *Hino ao Sol*, *A Cativa* e *A Mucama*. Contém ainda, traduzidos: *Excelsior!* de Longfellow e *O Prisioneiro*, com a indicação de Béranger (creio tratar-se de Pierre-Jean Béranger, cançonetista e poeta francês).

Sílvio Romero já dissera predominar nesse autor

*o lirismo local, tradicionalista, campestre, popular. Por este lado é talvez o melhor poeta do Brasil... Os dotes principais da poesia neste autor são a melodia do verso, a graciosidade que faz primar em pequenos quadros, certa nostalgia pelas cenas, pela vida simples, fácil, descuidosa das regiões da roça e do sertão... (Evolução do Lirismo Brasileiro – Recife: J.B. Edelbrock, 1905).*

Antônio Joaquim de Macedo Soares organizou, em 1869, *Lamartinianas – Poesias de Affonso de Lamartine traduzidas por poetas brasileiros* (Rio de Janeiro: Dupon & Mendonça, Editor). Entre os vates tradutores, Machado de Assis, Castro Alves, Maciel Monteiro, Bittencourt Sampaio, esse com versões de quatro poesias do criador de *Méditations poétiques: Tristeza, Canto de Amor, À Lilla e O Isolamento*. Da traslação bittencourtiana de *O Isolamento* transponho para aqui dois quartetos, o primeiro e o final:

*À sombra do orvalho, às vezes sobre o monte  
Assento-me sozinho e triste, ao pôr do sol;  
Percorre a vista errante o plaino do horizonte  
Que vário se desdobra à luz desse arrebol.*

.....

*Quando secas no outono as folhas caem sem vida,  
Da tarde as roja o vento ao longe pelo val.  
Eu sou bem semelhante a folha emurchecida:  
Oh! Leva-me contigo, horrendo vendaval!...*

Olavo Bilac e Guimarães Junior em *Tratado de Versificação* (São Paulo: 2ª Ed., Portal, 1910) observaram que Bittencourt Sampaio, Trajano Galvão, Gentil Homem, Bruno Seabra, Joaquim Serra e Juvenal Galeano *foram poetas legitimamente nacionais, cultivando o gênero bucólico e campestre, e celebrando, com sentimento – e graça, o encanto original da vida sertaneja do norte do Brasil.*

Do repertório bibliográfico de Bittencourt Sampaio anoto ainda o poema épico *A Nau da Liberdade*, de 1870, e a *Divina Epopéia de São João Evangelista*, em versos heróicos, de 1882.

## CASSIANO NUNES

**G**aspar Teixeira Azevedo ( 1715-1800 ) fradou-se como Frei Gaspar da Madre de Deus. Dentre seus escritos avulta *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicado em Lisboa no ano de 1797. Francisco Adolfo de Varnhagen promoveu, em 1847, sua reedição. Afonso d'Escragnoille Taunay prefaciou a terceira, a de 1919, que o Senado Federal recentemente reeditorou. Narra o memorialista beneditino que Braz Cubas edificou uma igreja

*e junto a ela um hospital com o apelido de Santos, à imitação de outro que em Lisboa tinha o mesmo nome. Este título, [...] depressa se comunicou à povoação, daí por diante entraram a chamar-lhe Porto de Santos.*

No segundo quartel do Oitocentos, a então quase trissecular vila foi elevada a cidade; e acolá nasceria em 1921 Cassiano Nunes. Foi professor, conferencista, teórico da arte dramática e autor de peças teatrais. Ensaísta e poeta. Acadêmico, também.

Ainda naqueles anos vinte lá mesmo em São Paulo apareceu *Navios Iluminados*, romance de Ranulfo Prata (1896-1942) que expõe a saga dos estivadores santistas ante navios que ali de longe chegavam e de lá para distante partiam levando sacas de café e de açúcar.

A poesia cassiânica agasalhou a idéia do porto – saudade da terra em que nascera e viveu largo tempo o poeta, qual refletem estes versos:

SOU DE SANTOS

*Nasci perto do mar  
como Ribeiro Couto*

*Como ele, cantei  
o cais de Paquetá,  
cheio de marinheiros  
estrangeiros,  
aventureiros.*

*Apitos roucos de navios  
me atraíram para outras terras,  
propostas sedutoras.*

*Corri mundo.  
Vim parar no Planalto Central  
onde, solitário, entre livros,  
contemplo os últimos anos.*

*Às vezes, à noite,  
me encaminho para o lado do Eixo  
e me detenho ante os terrenos baldios  
(amplidão) da Asa Sul.*

*Ao longe, os guindastes das construções  
sugerem um cenário de cais.  
E o vento me traz com o cheiro do sal  
o inútil apelo do mar.*

CONTEMPLANDO O PORTO DE NOVA IORQUE

*Amo o que há de ambíguo  
num porto de mar,  
que convida a partir  
e ensina a ficar...*

.....

*Agora, corro mundo ...  
Não importa onde vá!  
Levo comigo a música  
Do cais de Paquetá!*

O lirismo de Cassiano Nunes espelha em

ENSINANDO UM PÁSSARO A CANTAR

*O que tu cantas, pássaro,  
é prata e cristal.  
Sonora matemática  
retinindo em metal.*

*Rumorejo de arroio  
Em demanda de tom.  
Desprovidos de senso  
os arabescos de som ...*

*Capricho bachiano  
em pequeno instrumento  
de penas e de nácar,  
a responder ao vento ...*

.....

Em *Breves Estudos de Literatura Brasileira*, de 1969, reuniu Cassiano Nunes bem elaborados textos e deles ex-celam *Gonçalves Dias e a estética do indianismo*, *A poesia*

*romântica brasileira: tentativa de balanço, Características da poesia modernista no Brasil e Rosa, Rosa de Amor*

Na obra *O Ser do Teatro*, dada a lume em 1980, cuida da tese de Ortega y Gasset exposta em *Idea del Teatro*, conferência proferida pelo pensador espanhol na capital portuguesa. Da composição do praiano capto este tópico:

*Arrabal nos adverte que 'o artista não vive no mundo conceitual mas no mundo da imaginística'. Não se pergunta a um pássaro por que canta, acrescenta ele. 'O ornitólogo é que deve responder'. Não cabe ao dramaturgo explicar a sua peça. O raisonneur do teatro francês do século passado foi arquivado.*

Entre as peças teatrais escritas pelo paulista-brasiliense estão: *As luvas de emas, Nada mudou, Sempre haverá anjos*.

Ademais, cuidou com proficiência da figura do autor de *Urupês* e de *Serões de dona Benta* em *O sonho Brasileiro de Lobato*, *O "Sonho Americano" de Monteiro Lobato* e *A atualidade de Monteiro Lobato*.

Recentemente tive a honra e a alegria de participar do Festival de Abril, promovido pela Universidade de Brasília, sua Biblioteca Central e Espaço Cassiano Nunes, evento de homenagens ao criador do poema

## BICICLETA

*Se eu tivesse uma bicicleta,  
muito bicicletaria!  
Iria à ilha de Creta  
e às matas da cafraria.  
Antes da idade provecta,  
muitas terras correria.*

*Minha ambição predileta  
é ser vento e geografia!*

*Mas não terei bicicleta ...  
Como no tempo em menino.  
A mágoa ficou secreta,  
calar foi sinal de tino.  
Manter posição discreta!  
Meu pai legou-me este ensino ...  
Se eu tivesse bicicleta  
como tem qualquer menino,  
ele acharia um desatino ...*

2011.



## ÁGUA DO CAMARAGIBE

**E**m *Usina Santa Amália*, conquanto o autor tenha dito que se limitara à descrição do ambiente que antecedeu a criação da usina e aos acontecimentos imediatamente posteriores à instalação da fábrica, como registrou no posfácio, creio que Humberto Gomes de Barros foi além da saga do Coronel Laurentino, pois há no seu trabalho recolta de pedaços de vidas humanas e retalhos de cursos das coisas do Alto Camaragibe, lá nas Alagoas.

De verdade, tudo que recolheu e o que acrescentou de sua criação espelha a gente simples do interior forçando em um tempo que se foi. É certo que a presença do Coronel Laurentino marca o compasso da vida em suas terras canavieiras. Todavia, não obscurece a presença de outros viventes, festeiros como em *Mês dos Três Santos* e *Dia de São José* e heróicos qual os vencedores de Pau de sebo e aquele que era *estribeiro no Engenho Amolar* e enfrentou a mula sem cabeça.

Noutra vertente o autor mostra a crença da boa gente de além e de aquém do São Francisco: *Na porta de casa, de pinhão roxo, um arbusto viçoso espanta o azar.*

Destaco de *Usina Santa Amália*, talvez em razão de recôndita nostalgia, os versos de *Transporte*:

*Nos cambitos  
Tornando a cangalha semiarredondada  
Até os fueiros  
Dos carros de bois ai sendo empilhada  
Quase pesando  
Uma tonelada*

É a rota da seda  
 Ou será caravana cruzando o Saara  
 Será carreira de formiga saúva  
 Em missão cortadeira  
 Dos cambiteiros  
 O relho estala simulando um torneio  
 Disputado a bala  
 Do carro de boi  
 O eixo girando  
 Dentro mancal  
 Um gemido emite  
 Parece chorar.

Para enfatizar a importância do trabalho de Humberto Gomes de Barros lembro a valia da coleta de Silvío Romero entesourada em *Cantos Populares do Brasil*, alguns de recolhença na própria terra das Alagoas, como *As Lagartixas* e *Tanta Laranja Madura*. O grande Câmara Cascudo, no prefácio da mencionada obra romeriana, relembra o que dissera Silvio a Coelho Neto:

*Se vocês querem poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos distorcidos, de alpercatas de couro e peça-lhe uma cantiga. Então, sim. Poesia é no povo... Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam, muito medidos, podem ser água, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas, rio que corra, ou mar que estronde. Bacia para gente mimosa, e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.*

Parabéns, Humberto Gomes de Barros, bardo de meu Brasil.

*Gazeta de Alagoas*, Maceio, outubro, 2002.

## HERNÂNI DONATO

**N**ascera em Botucatu aos 12 de outubro de 1922. A 22 de novembro último na Capital paulista falecia o autor de *Peabiru*. O botucatuense que se mostraria sempre incansável deixara de lado os estudos superiores formais e seguiu o caminho dos gentios *pejado de lendas, dúvidas e mistérios, mas alicerçado no testemunho de abundante crônica histórica, ...um caminho pré-colonial, via indígena de penetração, que partia do lagamar santista, galgava o planalto e desbordava no rumo das brenhas do Oeste, ...* E quando o recebeu na Academia Paulista de Letras ainda disse o Acadêmico Francisco Marins:

*Aquele traçado a que se chamou Peabiru, desde Piratininga buscava Sorocaba e dali infletia para a fazenda de Botucatu, na serra, e, além, ia em diretura do Paranapanema, buscando o território das missões para alcançar o Rio Paraguai. Pelos tributários, poderia o aventureiro chegar até às terras dos incas.*

Sua produção cultural é rica e enriquecedora dos que a buscam. Escreveu livros para infantes e adolescentes; foi contista; historiador, ensaísta e tradutor; roteirista cinematográfico e criador de romances.

Aqui em Brasília integrou a Academia de Letras do Brasil ocupando a Cadeira XI, dela Patrono Oswald de Andrade.

Ademais, compôs a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

*Filhos do Destino – História do Café e do Imigrante em São Paulo* – republicado por Edições Melhoramentos, repete a *Introdução à 1ª edição*, de 1950. Eis as palavras do autor:

*Nesta história, que não é bem uma história segundo o entende a maioria dos leitores, os personagens humanos não são os principais. Principais são uma planta, um tempo e uma mentalidade. Uma planta, um lugar e uma época em que, com cinco bilhões de cafeeiros formando a maior lavoura organizada do mundo, São Paulo hesitava entre a agricultura e a indústria. Um tempo em que o movimento de massas humanas, indo para o campo e fugindo dele (o imigrante europeu e o negro recém-libertado), tumultuavam o planalto.*

*A terra de que se fala aqui, existe. Lá está no centro-sul do Estado, junto a um ramal da Sorocabana e ao lado da rodovia São Paulo – Mato Grosso. A gente que desfila nestas páginas é, em parte, como a gente que ali vive. Nem tudo no livro é fantasia.*

E o filho de imigrante traça o panorama da chegada:

*Barra de Santos, 1895.*

*O sol e o vento vêm da terra. O mar é manso e o dia termina. Entre a água e o céu, o horizonte encrespa-se num perfil de montanhas. Os sentidos estão postos nelas (...)*

*Nas escotilhas, pelo cordame, furiosamente comprimida contra a amurada aperta-se a multidão vinda de todos os caminhos ao peso dos fardos eternos: a fome, a guerra, a opressão. Neste minuto são uma só raça: imigrantes; com uma só religião: o amanhã.*

*... Mil novecentos e dezenove. A zona do café. A época do café.*

*... Não veio só. Primeiro trouxe os homens que o trabalham. Depois, o dinheiro, a fartura, o progresso.*

*... Os cafeicultores não pedem. São os senhores do país.*

*Aquela fazenda de café ficou no passado.*

*Anda pela sala e tem os sentidos postos na Capital. Na casa que ambiciona comprar para si e para o pai. Na artéria da elegância paulistana. A Avenida Paulista. Uma avenida de mármore, landôs, árvores decorativas. Avenida sonhada, criada e mantida para a velha aristocracia fugida das fazendas. Um espelho do fastígio cafeeiro – assim escreveu o romancista.*

Outros romances deu-nos Hernâni Donato, entre os quais *Chão Bruto – A Conquista do Extremo Sudoeste Paulista*, de 1956, e *Rio do Tempo*, biografia romanceada de Antonio Francisco Lisboa. Nessa obra donatiana, que é excepcional, o leitor é conduzido pelos caminhos de Minas a Sabará, São João del Rei, Vila Rica, Mariana, Congonhas ... e reencontra figuras valorosas da Inconfidência Mineira; e, sobretudo, o impar Aleijadinho e sua Arte. Vale aqui recordar versos de Carlos Drummond de Andrade, de

## O VÔO SOBRE AS IGREJAS

*Vamos até a Matriz de Antonio Dias  
Onde repousa, pó sem esperança, pó sem lembrança, o Aleijadinho.  
Vamos subindo em procissão a lenta ladeira.*

.....  
*Era uma vez um Aleijadinho,  
não tinha dedo, não tinha mão,  
raiva e cinzel, lá isso tinha,*

era uma vez um Aleijadinho,  
 era uma vez muitas igrejas  
 com muitos paraísos e muitos infernos,  
 era uma vez São João, Ouro Preto,  
 Mariana, Sabará, Congonhas,  
 Era uma vez muitas cidades  
 E o Aleijadinho era uma vez.

2013.

## JOÃO ALBERTO

Faço pausa, caríssimo leitor, em relação à temática de que me tenho ocupado nas últimas edições do *Jornal da ANE*, atinente aos poetas que se apresentaram na *Revista Americana*, do Rio de Janeiro, fundada em 1909 por A. G. de Araújo Jorge. Volto-me hoje para a figura de João Alberto Lins de Barros.

O Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, que viceja sob a presidência do honorável Acadêmico Affonso Heliodoro dos Santos, admitiu-me na cátedra que tem João Alberto Lins de Barros como Patrono, e nela sucedo a José Hélder de Souza, de quem a eminente Branca Bakaj fez o panegírio ao ensejo de sua posse na cadeira que o referido jornalista, poeta e cronista cearense – a cuja memória rendo homenagens – ocupara na Academia Brasileira de Letras.

Na década Vinte do século recém-passado o mundo era caldeira de ideias ferventes que se espargiam por todas as direções da rosa-dos-ventos. Artes e Política foram alcançadas pela irrequietação dos pensamentos.

Em nosso País eclodira, no ano de 1922, o movimento tenentista. João Alberto não participara dos acontecimentos de Copacabana. Mas, considerado comprometido com os rebeldes, depois de um período na prisão, foi servir na região da campanha gaúcha, precisamente em Alegrete.

O Tenente João Alberto, em 1924, integrado com os revolucionários dali engajara-se em lutas nos campos sule-



ros. Quando da Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes, exercitou o comando do seu 2º Destacamento. Ademais, envolver-se-ia também na Revolução de 30.

*Memórias de um Revolucionário*, seu livro de 1953, reeditado pela Biblioteca do Exército em 1997 sob o título de *A Marcha da Coluna*, é precioso documento da história militar brasileira.

A vitória daquela Revolução terminativa da República Velha determinou um novo estágio da vida nacional brasileira, em que João Alberto Lins de Barros iria desempenhar intensa atividade política e administrativa em vários campos.

Com efeito, foi Delegado Militar e Interventor Federal no Estado de São Paulo; Chefe de Polícia do então Distrito Federal; deputado federal constituinte e, depois, deputado estadual constituinte em Pernambuco; e, ainda, Presidente da Comissão de Economia Nacional e do Conselho Federal de Comércio Exterior, entes esses subordinados diretamente à Presidência da República.

Recebeu, entre outras, a missão de Encarregado de Negócios na Argentina e exerceu a Embaixada do Brasil no Canadá; ocupou a então estratégica Coordenação de Mobilização Econômica, e a partir de dado momento cumulou-a com a Presidência da Fundação Brasil Central. Ao tempo da Expedição Roncador-Xingu, que compunha a instrumentária da aludida Fundação, adotou ele a doutrina do notável Marechal Cândido Mariano Rondon relativa aos índios, conforme declarou Orlando, um dos três irmãos Villas-Boras, a *O Estado de São Paulo*, em 1993.

Atuou João Alberto, de maneira fundamental, para a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, de que foi primeiro Presidente, tendo Cesare Mansueto Giulio Lattes

na diretoria científica da Instituição. Em entrevista concedida, em 1995, a Micheline Nussenwaig e Cássio Leite Vieira (*Ciência Hoje*) e Fernando de Souza Barros (Instituto de Física-UFRJ) o famoso cientista narrou:

*Lá [em Berkeley], eu tinha conhecido o Nelson Lins de Barros. Ele era irmão de João Alberto Lins de Barros. O Nelson era um homem muito inteligente [...] Ele e mais quatro irmãos propuseram fazer um centro de física no Rio de Janeiro. O João Alberto, também inteligente, topou logo. Voltei para os EUA e deixei no Brasil uma procuração com o Leite Lopes. Em certa madrugada, em que eu estava procurando mésons em Berkeley, recebi um telefonema de João Alberto, dizendo que tinha fundado o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e que eu era o diretor-científico.*

No Ano Internacional da Física – 2005, o CBPF inaugurou na Urca, na cidade do Rio de Janeiro, o seu moderno *Auditório Ministro João Alberto Lins de Barros*.

Participou, também, do esforço criador da Fundação Getúlio Vargas, entidade hoje guardiã do seu arquivo pessoal.

João Alberto não era um alheio ao universo euterpeano. Eis a propósito texto de Luiz Paulo Horta, mui louvando crítico musical:

*Villa-Lobos encontrara Júlio Prestes, presidente do Estado [de São Paulo] e candidato à presidência da República...; e lhe falara do seu plano de educação musical. Quando o candidato e o regime foram levados de roldão pelo movimento que vinha do sul, Villa comprou passagem de volta a Europa... Villa é procurado por um emissário do novo interventor de São Paulo – João Alberto, pianista amador... De um momento para o outro, o maior compositor, então com 43 anos de idade, entra no campo magnético do maior político do Brasil moderno...*

João Alberto sabia do plano de educação musical, e compra sem pestanejar a ideia. Villa-Lobos já não precisa voltar à Europa. E Getúlio Vargas pôde registrar em seu Diário: ... *compareci ao stadium do Fluminense, onde o maestro Villa-Lobos regeu o coro orfeônico de 15 mil alunas das Escolas da Prefeitura [24/9/1932];*

e mais:

.... *compareço com o Prefeito Pedro Ernesto ao stadium do Vasco da Gama assistindo ao canto orfeônico de 20 mil crianças, regido por Villa-Lobos [7/7/1935].*

Na sessão em que tomei posse no IHG-DF recebi-me o Acadêmico João Henrique Serra Azul, a quem dirigi estas palavras:

*poeta que se não limita a bilaquianamente ouvir estrelas, mas dilucida lendas do céu para nos revelar a poesia dos astros, é alegria enorme ser recebido neste Silogeu por Vossa Excelência – eu, simples terrestre ou, quem sabe, mero terráqueo.*

2008.

## SAUDAÇÃO ACADÊMICA

*Terra do sol, do amor, terra da luz*

.....

*Abre-se ao vento teu pendão natal*

*Sobre as revoltas águas dos teus mares!*

*E desfraldado diga aos céus e aos ares*

*A vitória imortal!*

*Que foi de sangue, em guerras leais e francas*

*E foi na paz, da cor das hóstias brancas!*

Quem o autor desses expressivos versos, que extrato do Hino do Ceará? Thomás Lopes, que teve Fortaleza por berço.

Nosso estimado confrade José Luiz de Moura Pereira publicou recentemente a mui importante obra – *O Brasil Simbólico – Um Atlas da Heráldica Oficial Brasileira*, que traz por inteiro a letra do cântico de louvação ao valor cearense e nótula de ser sua música de Alberto Nepomuceno, que como o novo titular da cadeira I desta Casa de Cultura veio ao mundo na

*Terra do sol, do amor, terra da luz.*

Alberto Nepomuceno também musicou versos do sergipano Hermes Fontes: *Canção da Ausência*, nº. 2 e *Luz e Névoa*, nº.1.

José Martins Fontes, poeta e prosador santista, era filho de Dr. Silvério Martins Fontes nato na heráldica e

mais que quadrissecular cidade de São Cristovão, antiga capital da Província de Sergipe até 1855; ambos médicos e humanistas desprovidos de preocupações argentárias.

Há interessantíssima obra de Martins Fontes: *Nós, as abelhas (Reminiscências da Época de Bilac)*. Após a nomeação dos *himenópteros*, entre eles o fortalezense Thomás Lopes, o soneto do autor, à guisa de introdução:

### NÓS, AS ABELHAS

*Aos poetas de Minha Geração*

*Todos nós trabalhamos, trabalhamos.  
Mas nos matamos em trabalhos tais,  
Que, incrivelmente, nos multiplicamos.  
Sendo impossível trabalhar-se mais.*

*Fisicamente as forças esgotamos,  
Exaurindo tesouros cerebrais:  
De várias formas, em diversos ramos,  
Fizemos cousas sobrenaturais.*

*Cada um de nós num poeta proletário,  
Naturalmente se reconheceria,  
Da arte ou da gleba servidor fiel.*

*Vivemos a cumprir nosso fadário  
Como as abelhas – fabricando a cera,  
Como as abelhas – produzindo o mel.*

E assim narrou naquele seu livro o poeta-cronista:

*O Rio gargalhava, guizalhava, gravochesco. A roda literária, reunida em casa de Coelho Neto, em tertúlias famosas, ou diariamente na Confeitaria Colombo, em seratas memoráveis, deslumbrava*

*a cidade... ( ) um novo soneto de Olavo Bilac recitava-se até nas ruas entre aclamações...*

Atentem, dignos audientes a adjetivação utilizada por Martins Fontes, destacadamente o vocábulo *gravochesco*. Tal palavra (nome próprio Gravoche + esco, sufixo nominal) conduz nosso pensamento a Victor Hugo, figura estelar da literatura francesa do Oitocentos.

É em seu magno romance *Les Misérables*, de 1862, – tradução de Regina Célia de Oliveira – que Gravoche surge:

*...fuzilado, arrelia os disparos. Parecia estar se divertindo muito...  
A cada descarga, respondia com um verso. Visavam-no sem parar,  
nunca o atingiam. Os guardas nacionais e os soldados riam enquanto o visavam. Ele se deitava, depois se erguia e se escondia no canto de uma porta, depois corria, desaparecia, reaparecia, fugia, voltava, respondia à metralha com gestos de desdém e ao mesmo tempo pegava os cartuchos, esvaziava os bolsos e enchia seu cesto. Os insurgentes, ofegantes de ansiedade, o seguiam com os olhos. A barricada estremecia; mas ele cantava. Não era uma criança, não era um homem; era um estranho moleque encantado... Viram Gravoche oscilar, depois caiu. Toda a barricada gritou; ...Gravoche caíra somente para voltar a erguer-se; ... Uma segunda bala ... Dessa vez caiu com a face contra o chão e não se mexeu mais. Essa pequena grande alma acabava de levantar vôo.*

E desta maneira expressou-se mais o poeta de *Sainte Bohème*:

*Minha saudade fulge estrelada – e são as minhas recordações quantas as estrelas do céu, onde ele paira, onde ele reina. Por uma loura manhã de maio, vestidos de claro, risonhos como o dia, atravessamos uma rua do Jardim Botânico, quando, diante de uma roseira enorme, folhuda, toda em flor, Thomás Lopes para, descobre-se, sorri, e irrompe com este brinde: – “Bravo! Poeta! Que brilho! Que forma! Que talento tens tu! Beijo-te com os olhos! Há*

*qualquer coisa de estrela em cada rosa! Thomás Lopes, rua de São Clemente, 140, adorador encantado e penhorado!” – E deixou ficar um cartão de visitas. E prosseguimos através dos rosais da Via Lactea, percorrendo os nossos domínios e espalhando o ouro do nosso sonho...*

Em 1913, na Suíça, faleceu Thomás Lopes, o diplomata e criador do poema a que Alberto Nepomuceno juntou sua música, o hino *Terra do sol, do amor, terra da luz*.

Senhoras e senhores:

Quem hoje se apresenta aqui buscando o setial acadêmico? Sabemos todos muito bem: Francisco Moacir de Melo Catunda Martins, natural de Viçosa do Ceará, filho do probo magistrado Inácio Moacir Catunda Martins, quiariense. Depois de judiciar em várias comarcas do seu Estado natal, o cearense sobressaiu-se na Capital da República como Ministro do Tribunal Federal de Recursos.

O neo acadêmico deu-lhe quatro netos: Taís, artista plástica; Mariana, funcionária do Banco do Brasil; Emanuel, estudante de Direito; e a pequena Françoise.

Graduara-se em medicina pela Universidade de Brasília e se fez especialista em Psiquiatria; na mesma Instituição cumpriu Mestrado; diplomou-se em Psicologia pelo Centro Unificado de Brasília.

Há mais, bem mais, em seu *curriculum vitae*: Mestre e Doutor em Psicologia pela *Université Catholique de Louvain* – Bélgica. E também pós doutorado na *University of Kent* – Inglaterra, bem como na mencionada *Universidad de Louvain*.

Médico Psiquiatra, Psicólogo e Psicanalista, é professor da Universidade de Brasília desde 1977 o agora confrade

de nosso. Como Professor Visitante exerceu o magistério na *Université Catholique de Louvain* – Bélgica, de 1996 a 2004, e, em igual situação, na *University of Warwig* e também na *University of Kent*, ambas na Inglaterra. Participe de alguns cursos da UISS.

Mas, não só. Da escritura científica de sua autoria destacam-se *PSICOPATHOLOGIA I: Prolegômenos* (Belo Horizonte:PUC, Minas,2005 – 340p.) – obra galardoada com o Prêmio da Academia Paulista de Psicologia(biênio 2004-2006), e *PSICOPATHOLOGIA II: Semiologia Clínica* (Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2003 – 396p.).

No volume introdutório de seu trabalho põe em cena Werther, o personagem de Johann Wolfgang von Goethe; noutro passo lança o foco de sua atenção em Fernando Pessoa – o criador do poema *Autopsicografia*, o bardo do oceâneo *Mensagem* – e no estudo *Pathos e simpatia* escreve acerca de seus heterônimos.

E daquela primeira composição pessoana lhes digo este quarteto:

*O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*

Também são frutos do labor intelectual do recente confrade: *O aparentar, o dever, o pensar e o devir: Ensaio analítico-existenciais sobre figuras exemplares do cinema e da literatura* (2007) e *O nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do outro* (1991), os dois da Editora UnB. De igual fonte, *Footanálise: porque o futebol nos é tão vital? Futebol e psicanálise – em contínua referência às Copas do*



*Mundo* (Brasília: Universa, 2010/ Ilustrações: Thaís Catunda – 292 p.)

Naquela Viçosa situada na Chapada da Ibiapaba nos idos de 1859 veio ao mundo Clóvis Beviláqua, o super-homem criador do projeto de Código Civil, tornado *Código Civil Brasileiro* de 1916, que tanto visibilizou o nosso País entre as nações cultas. Nas obras do excelso Clóvis está *Criminologia e Direito*, de 1895, onde explicita :

*No direito criminal, temos ao lado do conhecimento das leis e dos princípios para a aplicação imediata, a ciência que recorre a todos os elementos da história, da estatística, da psicologia, da biologia, da etimologia e de quaisquer outras disciplinas que lhe possam fornecer luzes e documentos. É a isso que se dá o nome criminologia, em cuja esfera também se inclui a filosofia do direito penal.*

Do último trabalho, este dizer de Clóvis sobre Tobias:

*... com seus Menores e Loucos e com vários escritos sobre o direito criminal, todos vazados em moldes que não os que se vendiam a varejo, contribuiu certamente para o advento da criminologia científica entre nós. Este era um jurista e a ele devemos a introdução, no Brasil, das idéias que iam transformando, no velho mundo, a teoria do direito para imprimir-lhe um cunho moderno, experimental, científico.*

O Senado Federal e o Superior Tribunal de Justiça promoveram, em 2003, a reedição da obra tobiática *Menores e Loucos em Direito Criminal*, para a coleção *História do Direito Brasileiro*. Com agrado e honra fiz-lhe o prefácio.

Para memorar o primeiro centenário da Lei de 11 de agosto, que criou dois Cursos de ciências jurídicas e sociais, um na cidade de São Paulo e outro na de Olinda, a Congregação da Faculdade de Direito do Recife – que transferida

fora, ao começo da segunda metade do século XIX, daquela vetusta cidade, hoje Patrimônio Cultural da Humanidade – deliberou que um dos seus professores escrevesse a história da academia. Coube, então, ao Professor Clóvis Beviláqua lavrar a *História da Faculdade de Direito do Recife*, publicada pela vez primeira no ano de 1927.

Nela o imenso Clóvis registrou:

*Sílvio Romero denominou Escola do Recife o brilhante movimento intelectual, que teve por teatro a cidade do Recife, que foi, primeiramente poético, depois crítico e filosófico, e, por fim, jurídico, sendo, em todos eles, figura preponderante Tobias Barreto...*

Senhoras e Senhores:

Ao Acadêmico José Carlos Gentili, Presidente nosso, expresso o meu agradecimento pela honrosa oportunidade de em nome da Academia de Letras de Brasília pronunciar a saudação ao novo confrade.

Bem-vindo, escritor Francisco Martins, que em boa hora nos chega.

No âmbito acadêmico, aqui vivemos nós

*Como as abelhas – fabricando a cera,  
Como as abelhas – produzindo o mel.*

## DISCURSO EM LUZIÂNIA

Sabei, senhoras e senhores da Casa: honra enorme para mim foi ser admitido nesta Ilustrada Companhia. Por isso, alegre, achei-me aos que aqui trabalham e se preocupam neste altiplano com os conhecimentos literários e artísticos.

Ínclita Assembleia:

Quase ao final do século passado, quando da comemoração do Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Centenário de Austregésilo de Athayde, aquele que visitara nos idos de abril de 1989 este Centro Cultural, na Academia Brasileira de Letras destaquei frase de Gilberto Amado, que se acha em *Espírito do Nosso Tempo*, obra de 1933:

*Uma rua de Paris é um rio que vem da Grécia.*

E então considerei, lá na ABL, que a tirada gilbertiana expunha duas vertentes: o helenismo e o viver dos franceses, colocada Paris qual ponto cardeal do Ocidente. Neste instante, aqui, fixo-me no primeiro aspecto aventado. Com efeito, todos somos multidevedores à cultura helênica.

Do Canto Primeiro de *Os Lusíadas* é a estância que redigo :

*Da lua os claros raios rutilavam  
 Pôlas argêntas ondas neptuninas,  
 As estrelas os céus acompanhavam,  
 Qual campo revestido de boninas;  
 Os furiosos ventos repousavam  
 Pelas covas escuras peregrinas.  
 Porém da armada a Gente vigiava,  
 Como por longo tempo costumava.*

.....

Luís de Camões, em seu poema que na nossa época se aproxima dos quatrocentos e cinquenta anos de publicado, nos versos

*Os furiosos ventos repousavam  
 Pelas covas escuras peregrinas.*

diz da mitologia grega. Éolo era o deus dos ventos...

Os antigos gregos estudaram os ares e dividiam a rosa dos ventos em duas orientações, e eles próprios as foram subdividindo até doze rumos. O tempo fluindo, os navegantes lusos chegaram a trinta e dois sentidos. Cuidaram os helenos do ar em movimento.

Emprego eu em sentido metafórico a expressão bons ventos. Esses, os bondosos, trouxeram-me ao planalto central do meu país, a mim, sergipano de Estância, homem do litoral atlântico, mas também com raízes no ensolarado sertão profundo do Nordeste.

Aos Acadêmicos Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira e Jarbas Silva Marques devo a minha presença em Luziânia e o contato agradável e opulento de sua gente. Aos ilustres e dignos Amigos nomeados, o meu agradecimento.

Senhoras e Senhores:

No classicismo de Portugal grande e singular destaque teve Sá de Miranda – (1481/1558) – que vivera um tempo na Itália de Petrarca, e introduziu na poética lusa o verso decassílabo e o soneto.

É de seu discípulo Antonio Ferreira, cognominado o Horácio português, Doutor em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, em que lecionaria, Desembargador da Casa de Suplicação e autor de *Poemas Lusitanos*, o que neste instante reproduzo:

*Não fazem dano as Musas ós Doutores,  
 Antes ajuda às suas letras dão:  
 E com ellas merecem mais favores,  
 Que em tudo cabem, para tudo são.*  
 (Carta II - Livro II)

Acadêmicas e Acadêmicos:

O belo edifício onde mora esta Academia ostenta em seu frontal o nome de José Dilermando Meireles. Ele e sua esposa, a senhora Solange de Camargo Costa Meireles, foram os instituidores da fundação Centro Cultural José Dilermando Meireles.

Tenho por oportuno lembrar, neste ensejo, o que a respeito de seu colega Des. José Dilermando Meireles disse o então Presidente do TJDF, o Desembargador Edmundo Minervino Dias, ao inaugurar em Santa Maria – DF, no ano de 2002, o Fórum que lhe exalça o nome :

*Extremamente metódico e organizado, caminhava os passos de sua própria jornada, sem pressa, sem precipitação, por todos era respeita-*

*do e estimado, e a todos dedicava os mesmos sentimentos. Intelectual das letras, cultor do vernáculo, escritor, poeta, violonista virtuoso.*

Estimada assistência:

Regozijo-me – reitero – de pertencer á Academia de Letras e Artes do Planalto. Entre os fundadores deste honorável Grêmio encontram-se José Dilermando Meireles e Milton Sebastião Barbosa, o Patrono da Cadeira nº 38, a que hoje assumo.

A 7 de março de 1919 em Andradas, micro-região de Poços de Caldas, em Minas Gerais, nasceu Milton Sebastião Barbosa, que seria *Cidadão Luzianense*, na década de setenta do Século XX, por deliberação da Câmara Municipal desta cidade.

Formara-se ele em Direito na turma de 1943 da vistosa Faculdade do Largo de São Francisco, acolá em São Paulo. Era, pois, bacharel das Arcadas, arcaria que tem marcados em mármore nomes de antigos alunos que o Brasil não esquece: Fagundes Varela, Alvares de Azevedo e Castro Alves; arcos de acesso ao pátio interno da Academia, onde em bloco de granito está fixado fragmento (do 7º ao 10º verso) da estrofe de abertura do poema, de 1864, *Capitulação de Montevidéu* de Tobias Barreto:

*Juntemos as almas gratas  
De colegas e de irmãos;  
O vento que acorda as matas  
Nos toma os livros das mãos:  
A vida é uma leitura,  
E quando a espada fulgura,  
Quando se sente bater  
No peito heróica pancada,  
Deixa-se a folha dobrada  
Enquanto se vai morrer...*

Era ele, o poeta, então, estudante de Direito no Recife. Em 1882, após retumbante sucesso no concurso que prestara para Professor da Faculdade, lideraria o movimento intelectual conhecido como *Escola do Recife*, que deixou irisada impressão na história da cultura brasileira. Sílvio Romero, ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, em 1907, referiu-se a Tobias como *um dos mais conspícuos chefes intelectuais da nação...*

Distintíssimos ouvintes:

Milton Sebastião Barbosa, cidadão prestante e jurista de valimento, exercitou o magistério jurídico e participou da elaboração de projeto legislativo pertinente a Direito de Autor. Exerceu o Ministério Público no antigo Distrito Federal. A partir de setembro de 1960 exercitou igual múnus na nova unidade federativa resultante da interiorização da Capital da República.

Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios em 1967, exerceria no biênio 1974/76 a Presidência da Corte. Em 1998 o Tribunal de Justiça inaugurou no seu conjunto predial o Fórum Des. Milton Sebastião Barbosa.

De mais a mais, devo acentuar que houve paralelismo entre o seu fazer profissional no campo do Direito e sua atuação como compositor musical. Nessa área de atividade ficou bem conhecido por seu pseudônimo Cid Magalhães. Suas criações foram gravadas por vários artistas celebrados. Do seu repertório a composição musical *Brasília, Cidade Céu* recebeu aplausos mil e alcançou notabilidade.

Senhor Presidente e demais Acadêmicos:

Amigas e Amigos:



As Musas, as nove filhas de Júpiter e Mnemósine, eram protetoras das ciências, das letras e das artes, donde boa razão teve o poeta quinhentista Antonio Ferreira:

*Não fazem dano as Musas aos Doutores,  
Antes ajuda às suas letras dão:*

.....

2010.

## ALOCUÇÃO QUANDO DO RECEBIMENTO DA MEDALHA-PRÊMIO – 50 ANOS DE SERVIÇO PÚBLICO

Senhor Presidente, Ministro Nilson Naves; Srs. Ministros da Casa, a todos a minha saudação, na pessoa do nosso querido Ministro José Dantas; meu conterrâneo, Ministro Carlos Ayres de Britto, do Supremo Tribunal Federal; Ministro Aldir Passarinho, que presidiu o colendo Supremo Tribunal; meus familiares, senhores advogados, queridos funcionários da Casa, membros do Ministério Público: é visível, o que aqui se passa perturba a minha emotividade.

Sr. Presidente, recordo-me de Horácio, na sua *Epistula ad Pisones*, em que dava conselhos aos membros da família Pisão, e, nesses conselhos, dizia o poeta latino que quem vai falar tem que conhecer o limite das suas forças, para que a facúndia, isto é, a facilidade de comunicação, não lhe deserte, nem a ordem das coisas lhe desapareça. Horácio, antes do nascimento de Cristo, dizia o quanto podia o orador ser perturbado pelo choque das emoções. É o que agora ocorre comigo. Tentarei sair dos romanos e, numa linguagem dos nossos dias, logar novas estações. E o decorrer desse tempo meu, que já não é pouco, Sr. Presidente, não deletou o momento em que comecei a magistratura, e a tela que me ocorre é a da chegada à cidade

de Tobias Barreto, outrora Nossa Senhora Imperatriz dos Campos do Rio Real, para assumir a comarca. Era um fim de tarde, a comarca era distante da capital, e o Rio Real que eu conhecia era o rio da foz ou a foz do rio; depois de receber todos os seus afluentes e por ter o estuário tão amplo, deu-se-lhe o nome de Rio Real. Do lado esquerdo, o Estado de Sergipe, a Praia do Saco; à margem direita, o Mangue-seco, da terra do nosso querido Ministro Peçanha Martins. Mas o Rio Real que encontrei no sertão era um filete d'água, e somente nos dilúvios do verão tinha preenchido o seu leito pelas águas. Então, ali me demorei. Foi uma época de aprendizagem, e eu era bem jovem; passei a outras comarcas do Estado.

Faço essa referência à magistratura porque desse mais de meio século de serviço público, Sr. Presidente, acima de quatro décadas nele se situa. Quando já estava na comarca de Maruim, bem próxima de Aracaju, usei ingressar no magistério superior, na Faculdade de Direito de Sergipe. Poucos dias depois, o Diretor da Faculdade pediu-me um trabalho para a Revista da Instituição e, quando lho entreguei, disse-me ele: *“Deixe aqui que vou ver se está digno da Revista”* – o Diretor da Faculdade era o Prof. Gonçalo Rollemberg Leite, irmão da Desembargadora Clara Leite Rezende. E o estudo foi publicado no nº 13 da Revista da Faculdade.

O meu viver tem duas vertentes: a magistratura e o magistério superior. É claro que a vida de magistrado não me foi – e repetirei verso de Abelardo Romero – *“regata de nuvens no azul do céu”*; houve instantes tensos, que, com a ajuda de Deus, os superei. Cheguei ao Tribunal de Justiça do meu Estado e, dali, vim para o STJ – ventos bondadosos trouxeram-me ao Superior Tribunal de Justiça. Nunca,

nunca e nunca me deixei dominar por aquela fúria do iconoclasta, de que fala Augusto dos Anjos nos seus versos:

*“E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!”*

Jamais quebrei a imagem do meu sonho de magistrado e chego a este instante de minha vida, abrindo ou começando outro sonhar, mas guardando n'alma o quanto me foi útil e boa a vida de magistrado, e, por tudo isso, Sr. Presidente, expresso, *ex corde*, o meu agradecimento por esta solenidade, mas devo dividir a homenagem com os meus familiares, porque, sem eles, certamente não teria aqui chegado. Muito obrigado a todos.

## COROA DE SONETOS

O inglês John Donne (1572-1631) foi poeta e sermonista anglicano. Em sua *História da Literatura Ocidental* (3ª ed., Senado Federal, vol. II, pp. 784/785) Otto Maria Carpeaux diz que a crítica do nosso tempo o vê como *maior poeta barroco, ao lado de seu contemporâneo Góngora*; e assinala ter sido ele *homem de transição entre duas épocas, imbuído de escolástica e erudição medievais, e fortemente impregnado dos conceitos da nova geografia, astronomia e filosofia*.

Geir Campos (1924-1999), de multifacetado labor cultural, letrou o *Hino a Brasília*, que tem música de Neusa França. De sua bibliografia destaco nesta ocasião *Coroa de Sonetos*, obra de 1953.

Augusto Meyer, incumbido da prefação correspondente, aí falou de *um monstruoso soneto de quinze cabeças*; e logo acresceu: *apenas por gosto, o poeta Geir Campos, com a serena perícia de um domador de feras, acaba de mostrar que a hidra existe, cautelosa e retorcida, coisa para olho dos nossos gulosos de poesia. Hidra não me parece má comparação no caso: a cada golpe que lhe atiramos, renasce vitorioso o soneto*. O prefaciador definiu essa figura: *Compõe-se a coroa de quinze sonetos, repetindo obrigatoriamente o último verso, que serve de verso inicial ao soneto seguinte; o último da série, coroação do poema, recapitulando as repetições, compõe-se dos versos que passaram de soneto a soneto, fechando assim com legítima chave de ouro o encadeamento*. E ofereceu ao

legente a seguinte conclusão: *Trata-se, portanto, de uma façanha, verdadeiro salto mortal encadeado (...)*

Outros também cuidaram dessa ourivesaria. Desse rol, Afonso Felix de Sousa (1925-2002) que traduziu *La Corona* e, ainda, os *Holy Sonets* de John Donne; conjugados, sob o título de *Sonetos de Meditação* foram publicados (Rio de Janeiro: Philoblion, 1985. Edição bilíngüe). O próprio interpretante preambulou sua produção, e disse que a *Encyclopedia of Poetry and Poetics*, da Universidade de Princeton, dá como estalão da forma poética de que me ocupo, o conjunto de sete poemas – *La Corona* – do autor inglês referido. E aduziu que o surpreendera a circunstância de o britânico, *que se inspirara nos mistérios consubstanciados no conhecido Rosário, não ter composto uma coroa completa, visto serem exatamente quinze as passagens relacionadas com Cristo e a Virgem Maria que constituem os mistérios gozosos, gloriosos e dolorosos*. E ajuntou: *O próprio verbete informava, porém, que Donne escreveu a coroa nos moldes do que se fazia na Itália na origem do desenvolvimento do soneto*.

Do texto introdutivo é ainda esta observação: *Depois de pedir, no soneto de abertura, que seja coroado com a coroa de espinhos de Cristo, “coroa de glória” (assim mesmo, valendo-se várias vezes da palavra coroa e do verbo coroar), agrupa seis outros sobre os mistérios a serem meditados na oração do Rosário : Anunciação, Nascimento de Jesus e Visita ao Templo (mistérios gozosos); Crucificação (mistério doloroso); Ressurreição e Assunção (mistérios gloriosos)*.

O tradutor e também poeta Afonso Felix de Sousa desta forma encerra seu escrito preludeal : *A força da poesia de John Donne, nestes sonetos, comprova mais uma vez a eficácia do gênero como veículo de comunicação poética (...)* Afinal, com esta chave, ainda no dizer de Wordsworth,

*Shakespeare abriu o coração e Camões suavizou a amargura do exílio.*

Eis a tradução afonsina de *La Corona*:

## 1. LA CORONA

Concede-me a coroa de prece e de louvor  
Tecida em minha humilde e devota tristeza,  
Tu que tens, ou melhor, és a própria riqueza,  
E mudas o passado imutável, Senhor;  
Mas não uma coroa de louros sobre a testa,  
Que eu leve como prêmio por meu estro sincero,  
Mas a tua, a de espinhos, que me coroe eu quero,  
Pois sendo ela de Glória, sempre a florir, não cresta.  
Se o fim coroa as obras, coroas nosso fim,  
Porque no fim começa nosso eterno repouso;  
O fim primeiro e extremo, tu o guardas zeloso,  
Com grande sede o espero, para ele ao mundo vim.  
Agora que a alma e a voz sobem ao céu é certo:  
***A salvação de quem a deseja está perto.***

## 2. ANUNCIAÇÃO

***A salvação de quem a deseja está perto;***  
Quem anda pelas terras que este mundo comporta,  
Quem não pode pecar – e os pecados suporta,  
Quem não pode morrer – e a morte é seu fim certo,  
Deixa, Virgem fiel, que Todos se acalentem  
Na prisão de teu ventre; e lá, embora não  
Possam pecar, e nem lhes dês a carne, vão  
Tê-la, para que a força da morte experimentem.



Nem criado era o tempo nas esferas, Senhora,  
 E estavas já na idéia de Deus, teu Filho, e Irmão;  
 Ele, a quem concebeste, te concebera, e agora,  
 Criadora do Criador, de teu Pai és a mãe.  
 Luz na treva, enclausuras em pequeno guardado  
***A imensidade toda no ventre abençoado.***

## 3. NATAL

***A imensidade toda no ventre abençoado,***  
 Agora deixa o ventre, bem amada clausura  
 Onde, por seu querer, se fez uma criatura  
 Frágilima, e eis no mundo nosso Deus encarnado.  
 Mas, oh! Para ti, e ele, não há no albergue um pouso?  
 Na manjedoura estava, e vindo do Oriente,  
 Estrela e Magos põem a família ao corrente  
 Do decreto de Herodes, general invejoso.  
 Minha alma, que teus olhos de fé por ele passes:  
 Ele enche o espaço todo, e não tem um abrigo?  
 Não era alta piedade dele para contigo  
 Que lhe fosse preciso que dele te apiedasses?  
 Beija-o, e com ele foge para o Egito, vai, parte  
***Com sua doce mãe, que a imensa dor reparte.***

## 4. NO TEMPLO

***Com sua doce mãe, que a imensa dor reparte,***  
 Volta José; vede onde está o vosso filho:  
 Soprando, e revelando o espírito e seu brilho,  
 O que havia outorgado aos Doutos diz com arte;  
 O Verbo até há pouco não dito, de repente  
 É dito entre prodígios, e assim, fora de um rito,

Tudo o que estava, e que viria a ser escrito  
 Podia uma criança saber profundamente?  
 Sua mente divina chocava com a idade,  
 E nem havia o tempo o tornado maduro,  
 Mas com longa missão à frente é, na verdade,  
 Com o Sol que se lança no trabalho futuro.  
 Na manhã dos seus dias começou, soberano,  
***A exceder com milagres todo o poder humano.***

## 5. CRUCIFICAÇÃO

***A exceder com milagres todo o poder humano,***  
 A alguns inspirou fé, em outros gerou ira,  
 Pois o ambicioso odeia o que a boa alma admira,  
 E essas duas reações põem-no em primeiro plano;  
 Mas, oh! a maioria é dos maus, que desejam  
 E podem, ai, e fazem, quanto ao imaculado,  
 A quem pertence o Fado, que se prescreva o Fado  
 De modo que num palmo, ou polegada, sejam  
 Contidas muitas vidas. Condenado, suporta  
 A cruz, e a dor, e a estrada do Gólgota percorre;  
 Quando a cruz o suporta, mais dor suporta, e morre.  
 Agora, sobre a cruz, a te alcançar exorta-me;  
 Como com tua morte o homem levou a palma,  
***Com gotas de teu sangue, molha-me a árida alma.***

## 6. RESSURREIÇÃO

***Com gotas de teu sangue, molha-me a árida alma,***  
 Pois uma gota apenas (minha alma, além de dura  
 Como pedra, aos instintos da carne se mistura)  
 Livra-la-á da aspereza, dando-lhe alento e calma,

E a vida, apta por esta morte, é que ordenar deve  
 A morte, morta já com tua morte; e ao medo  
 De que uma ou outra morte traga aflição, não cedo  
 Se em teu pequeno livro, Senhor, meu nome inscreves.  
 No longo sono a carne não se deteriora,  
 Mas feita, então, do quê e para quê foi antes,  
 Nem pode de outro modo vir a alcançar a glória.  
 Que os pecados e as mortes de mim passem distantes;  
 De ambos desperto, eu possa erguer-me em euforia  
*Saudando o derradeiro e imorredouro dia.*

## 7. ASCENSÃO

*Saudando o derradeiro e imorredouro dia,*  
 Alegrai-vos por este Sol e Filho subindo,  
 Vós cujas justas lágrimas de um sofrimento infindo  
 Lavaram ou queimaram vosso corpo, alegria!  
 E contemplai o Altíssimo, partindo para a altura  
 Ele ilumina as nuvens enquanto as vai singrando;  
 Não vai, ao ascender, sozinho se mostrando,  
 Mas é quem vai primeiro ao céu, e lá fulgura.  
 Áries, golpeaste o céu para que eu o conquiste,  
 Cordeiro, com teu sangue mostraste o que a alma aspira,  
 Tocha, ao te acenderes que o meu caminho aviste.  
 Oh, com teu próprio sangue extingue a justa ira,  
 E se teu sacro Espírito foi meu inspirador,  
*Concede-me a coroa de prece e de louvor.*

Afonso Felix de Sousa foi um dos cofundadores da ANE.

## O POETA DE ARCHOTES E ORÓS

Organizada pelo erudito Nonato Silva veio a lume, em 2012, *Poetas da Construção de Brasília – Origem da Literatura Brasiliense*. Apresenta-a o jornalista e acadêmico Jarbas Silva Marques. Em sua seleta o benemérito ideador da Revista *Brasília* mostra dois segmentos: a) poesias publicadas no mencionado periódico; e b) as que ali não tiveram divulgação. Entre as da primeira seção, *Hino à Cidade de Brasília* – de Clodaldo de Alencar:

*No planalto central da Terra Brasileira,  
 abres, como heliotrópio, em milagre divino,  
 as pétalas da luz cujo excelso destino  
 é a focalização de uma Nação inteira !*

*E o Progresso virá, cantante e cristalino,  
 Como água perenal descendo a cordilheira,  
 Com colaboração dessa gente estrangeira,  
 Deslumbrada ao fulgor de um clarão matutino ...*

*No teu leque gigante e aberto, das estradas,  
 hão de tremeluzir reticências doiradas  
 de veículos mil, em vaivéns trepidantes.*

*E serás – ó Brasília – aos olhares do mundo,  
 não apenas matriz de trabalho fecundo,  
 mas também a Canaã dos Êxodos constantes!*

Clodoaldo de Alencar (1903-1977), quixadaense, chegou a Sergipe acompanhando Gracco Cardoso, sergipano de Estância, mas com vivência na política cearense, tornado ao chão de nascença para ocupar a Presidência do Estado nos idos de 1922. O jovem filho da *terra do sol, do amor, terra da luz* – à letra o verso de Thomás Lopes (1879-1913) no *Hino do Ceará* – desde ali fixara-se em Sergipe, o terreno que Santa Rita Durão assim celebrou em Caramuru – Canto VI, estrofe LXXVI:

.....

*Palmas, mangues, mil plantas na espessura,  
Não há depois do céu mais formosura.*

Autodidata e poeta, em 1933 entregou ao público *Archotes* (Aracaju: Editora Casa Ávila) de que extraio *Violino de Luz*:

*Silêncio ! ai vem essa que é seda, pluma  
e limalhas de sonho... pois é leve,  
leve, tão leve, que nem mesmo a neve  
a poderá beijar de forma alguma.*

*De branco; branca como a branca espuma...  
branca, tão branca, que se não descreve  
É a reticência de uma frase breve...  
Seduz, comove, encanta e, até, perfuma.*

*O que mais, no entretanto, me extasia,  
não é o olhar , o ritmo de arminho  
que tem na voz de célica harmonia,*

*é o corpo, ondeando em plena mocidade  
- violino luminoso ao luar de linho,  
solando a valsa da Felicidade..*

Em 1957 Clodoaldo de Alencar alçado membro da Academia Sergipana de Letras, saudou-o, quando de sua posse, o renomado Hunald Santaflôr Cardoso, que relembrou o aplauso entusiástico recebido pelo poeta quando surgiu *Archotes*, louvação de prestigiados críticos como João Ribeiro e Carlos Chiacchio.

No ano de 1961 publicou *Orós* (Aracaju: Livraria Regina), poemário que contém *A Pérola*, obra de extremo esmero, a respeito da qual Anderson Braga Horta, insigne no sonetear, escreveu:

*Clodoaldo de Alencar lavrou uma obra prima. Ouvido, soou-me magnífico o soneto. Lido, continua esplêndido.*

Eis o louvado quatorzeto:

*Na montra azul do mar, sobre o lençol de argila,  
que a tintura do lodo há milênios encarde,  
- desde que nasce a aurora e morre, em sangue,  
[a tarde,  
sob a equórea pressão a pérola cintila.*

*A onda, espúmea e revel, que ora avança e  
[vacila,  
no evasivo correr de alva Ninfa em alarde  
e em cujos ombros nus o ouro dos astros arde,  
não lhe rouba, sequer, a postura tranqüila.*

*O estojo em que ela fulge o homem-do-mar  
[presume  
e, num mergulho audaz, vai procurá-la em torno  
às rosas de coral dos jardins sem perfume*

*Depois, rompendo o leque a mil sargaços, bóia,  
trá-la, fá-la viver presa a colo alvo e morno:  
- jóia fina a pompear no engaste de outra jóia.*

A essas coleções sobreveio *Os Mais Belos Troféus de Heredia* (Aracaju: Livraria Regina, edição bilíngüe, 1968) em que se acham, vertidos para a língua portuguesa por Clodoaldo de Alencar vinte e oito sonetos extraídos de *Les Trophées* (Paris: Librairie Alphonse Lemesse, 1893) de José-Maria de Heredia. O grande poeta em Cuba nascido, mas titular da Academia Francesa, ofereceu sua obra a Leconte de Lisle. Daquele conjunto de produções parnásicas mostro dois sonetos heredianos e respectivas traduções clodoaldinas:

## A UNE VILLE MORTE

*Cartagena de Indias*  
1532 – 1583 – 1697

*Morne Ville, jadis reine des Océans!*  
*Aujourd'hui le requin poursuit en paix les scombres*  
*Et le nuage errant allonge seul des ombres*  
*Sur ta rade où roulaient les galions géants.*

*Depuis Drake et l'assaut des Anglais mécréants,*  
*Tes murs désemparés croulent en noirs décombres*  
*Et, comme un glorieux collier de perles sombres,*  
*Des boulets de Pointis montrent les trous béants.*

*Entre le ciel qui brûle et la mer qui moutonne,*  
*Au somnolent soleil d'un midi monotone,*  
*Tu songes, ô Guerrière, aux vieux Conquistadors;*

*Et dans l'énerverment des nuits chaudes et calmes,*  
*Berçant ta gloire éteinte, ô Cité, tu t'endors*  
*Sous les palmiers, au long frémissement des palmes*

## A UMA CIDADE MORTA

*Pobre Cidade, outrora Imperatriz dos Mares!*  
*Tem, hoje, o tubarão, em paz, as tuas ruínas*  
*e a nuvem, que erra, alonga as sombras peregrinas*  
*sobre o túmulo azul dos galeões singulares!*

*Desde Drake e a invasão dos ímpios militares*  
*ingleses, estão ruindo os muros que dominas,*  
*e, glorioso colar peróleo, a que te inclinas,*  
*das balas de Pointis mostras crivos e algares.*

*Entre o brilhante céu e o mar, que é calmo, agora,*  
*ao sol, que no apogeu, monotoniza as cousas,*  
*vês em sonho, ó Guerreira, esses Heróis de outrora!*

*E, em meio a esse torpor das mornas noites calmas,*  
*ninando a Glória extinta, ó Cidade, repousas*  
*sob o teu palmeiral, ao frêmito das palmas!*

## LE RECIF DE CORAIL

*Le soleil sous la mer, mystérieuse aurore,*  
*Éclaire la forêt des coraux abyssins*  
*Qui mêle, aux profondeurs de sés tièdes bassins,*  
*La bête épanouie et la vivante flore.*

*Et tout ce que le sel ou l'iode colore,*  
*Mousse, algue chevelue, anémones, oursins*  
*Couvre de pourpre sombre, en somptueux dessins,*  
*Le fond vermiculé du pâle madrépore.*

*De sa splendide écaille éteignant les émaux,*  
*Un grand poisson navigue à trayers les rameaux.*  
*Dans l'ombre transparente indolemment il rôde;*



*Et, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu  
Il fait, par le cristal morne, immobile et bleu,  
Courir un frisson d'or, de nacre et d'émeraude.*

### O RECIFE DE CORAL

*O sol penetra o mar, e, numa estranha aurora,  
a selva dos corais da Etiópia ilumina,  
no abismo onde, ao calor da bacia azulina,  
a fauna em flor se junta à exuberante flora.*

*Toda espécie que o sal ou que o iodo colora  
- musgo, anêmona, ouriço e algas em serpentina, -  
põe da sombra purpúrea a renda peregrina  
no chão cujo palor madreporal decora.*

*Atenuando o fulgor da esmaltada roupagem,  
grande peixe atravessa, em giros, a ramagem  
e, à sombra, que transluz, parece que se esbalda.*

*Mas, de chofre agitando a cauda, que o arma e exorna,  
produz, no azul cristal da água dormente e morna,  
um relâmpago de ouro, e nácar, e esmeralda.*

Do poeta de Hino à Cidade de Brasília há criações outras que condizem com a temática da meritória antologia. Estão em *Pergaminhos no Remanso*, 2ª parte de *Orós: A História de Brasília*, *A Bernardo Sayão*, *Os Candangos* e *Ao Padre Roque Batista*. Desses sonetos, caríssimos leitores, reproduzo o derradeiro:

*Celebraste o primeiro casamento,  
batizaste o primeiro candanguinho,  
foste a primeira luz pelo caminho,  
na Noite Escura do Descobrimento*

*Ao primeiro queixoso deste alento  
e, como ave tenaz tecendo o ninho,  
construíste, em silêncio, de mansinho,  
a Capelinha para o Sacramento.*

*Ó tu, que ouviste a confissão primeira  
e o primeiro perdão deste aos estranhos  
que te chamaram na hora derradeira:*

*- é tão justa e tão pura a tua glória,  
nessa missão de apascentar rebanhos,  
que antes do céu, tens um lugar na História!*

A Clodoaldo de Alencar, meu pai, a homenagem e as saudades minhas.

2013.

## ICONOGRAFIA



Almeida Fischer (1916 - 1991)



*Oscar Dias Corrêa (1921 - 2005)*



Tobias Barreto (1839 - 1889)



Jorge de Lima (1895 - 1953)



Jorge Medauar (1918 - 2003)



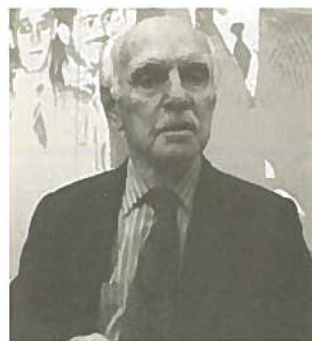
"A Fausto Cardoso, o Povo"  
Fausto Cardoso (1864 - 1906)



João Ribeiro (1860 - 1934)



Cassiano Nunes (1921 - 2007)



Hernani Donato (1922 - 2012)





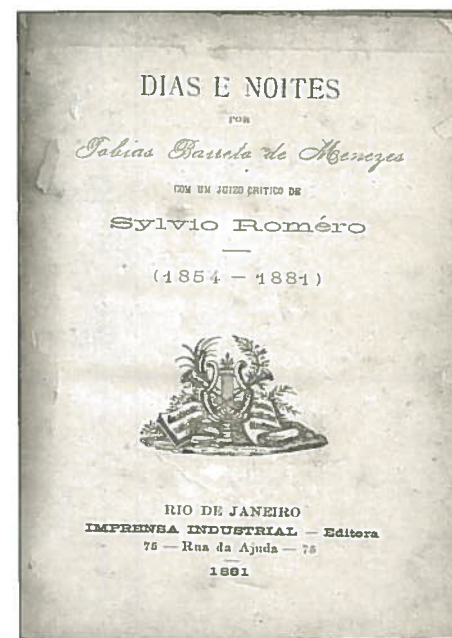
João Alberto Lins de Barros (1897 - 1955)

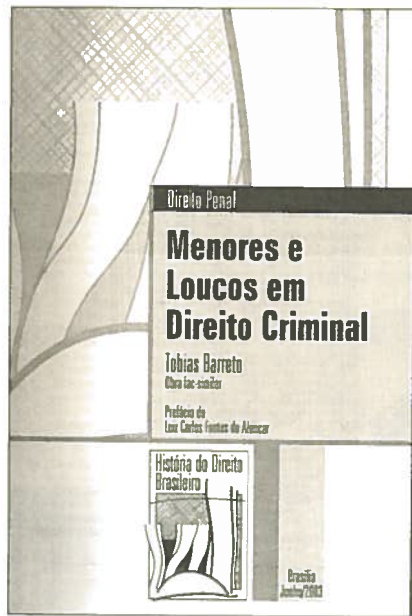


Afonso Felix de Souza (1925 - 2002)



Clodoaldo de Alencar (1903 - 1977)

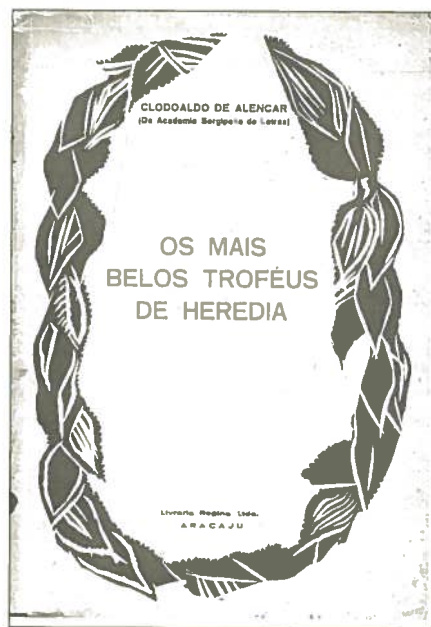
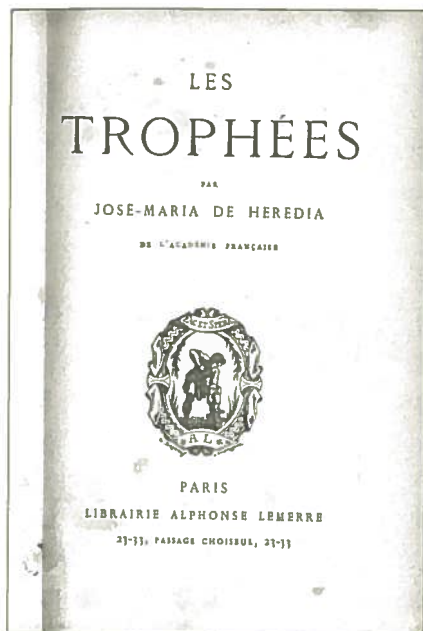




Capa de Pedro Celestino



Capa de Leonardo Alencar



Capa de Leonardo Alencar

## Índice Remissivo

### A

- Aberlardo Romero 168  
 Abram Szajman 94  
 A. Carneiro Leão 36  
 Adam Mickiewicz 73, 74  
 Afonso Heliodoro dos Santos 149  
 Afonso Arinos de Melo Franco 16  
 Afonso d'Escragnolle Taunay 137  
 Afonso Felix de Sousa 172, 176  
 Afonso Ligório Pires de Carvalho 5  
 Afonso Pena 119  
 Afrânio Coutinho 67  
 A. G. de Araujo Jorge 116, 149  
 Aglaia Souza 109  
 Agripino Grieco 94, 126  
 A. Jacobina Lacombe 46  
 Alberto de Oliveira 68, 116, 117  
 Alberto Nepomuceno 153, 156  
 Alceu Amoroso Lima 9, 22, 93, 95  
 Aldir G. Passarinho 5  
 Almeida Fischer 11, 12, 13, 14, 187  
 Aloísio de Castro 117, 127, 128  
 Alphonsus de Guimarães Filho 117, 131  
 Altino de Araujo 29  
 Alvares de Azevedo 23, 164  
 Álvaro Lins 95  
 Américo de Campos 61  
 Américo Jacobina Lacombe 65  
 Anatole France 62

Anderson Braga Horta 33, 95, 112, 116, 179  
 Angela Alonso 87  
 Ângela Alonso 84  
 Angelo Ferraz 59  
 Aníbal Falcão 85  
 Aníbal Freire da Fonseca 13  
 Antonio Ferreira 163, 166  
 Antonio Francisco Lisboa 147  
 Antonio Gonçalves Dias 102  
 Antônio Joaquim de Macedo Soares 134  
 Antonio Soares Amora 115  
 Ariosto 17  
 Aristides Lobo 134  
 Armindo Guaraná 128  
 Arnaldo Niskier, 7  
 Arthur Bomilcar 54  
 Asko Numminen 7  
 Auguste de Saint-Hilaire 79  
 Augusto dos Anjos 169  
 Augusto Meyer 171  
 Aulis Sallinen 9

**B**

Barreto Campello 83, 85  
 Benjamin Franklin Ramiz Galvão 115  
 Bernardo Cabral 5  
 Bernardo Guimarães 131  
 Bittencourt Sampaio 131, 132, 133, 134, 135  
 Boguslaw Zakrzewski 57  
 Branca Bakaj 149  
 Braz Cubas 137  
 Bruno Seabra 135

**C**

Caetano Filgueiras 73  
 Caio Porfírio Carneiro 107  
 Câmara Cascudo 144  
 C. Angiolieri 17  
 Carducci 17

Carlos Chiacchio 179  
 Carlos Drummond de Andrade 147  
 Carlos Gomes 132  
 Carlos Pena Filho, 95  
 Carlos Ribeiro 117  
 Carlos Sepúlveda 79  
 Cassiano Nunes 137, 139, 189  
 Cassiano Ricardo 103, 107  
 Cássio Leite Vieira 151  
 Castro Alves 23, 24, 25, 36, 41, 45, 67, 68, 74, 89, 113, 134, 164  
 Christiano Ostrowski 74  
 Ciro de Azevedo 63  
 Clodoaldo de Alencar 177, 178, 179, 180, 183, 190  
 Clóvis 15, 28, 85, 113, 119, 158, 159  
 Clóvis Beviláqua 15, 28, 85, 113, 119, 158, 159  
 Coelho Neto 63, 144, 154  
 Constâncio Alves 45  
 Cristina Maristany 132  
 Croce 95

**D**

Danilo Lôbo 116  
 Dante Alighieri 15, 17  
 Dinah Silveira de Queiroz 11  
 D. Luís de Vasconcelos 101  
 Domingos Carvalho da Silva 95, 113

**E**

Edmundo Minervino Dias 163  
 Edouard Turquety 104  
 Eduardo Frieiro 46  
 Elias Álvares Lobo, 132  
 Elias Lönnrot 7  
 Euclides da Cunha 8, 165

**F**

Fagundes Varela 129, 164  
 Fausto Cardoso 119, 120, 133, 188  
 Fernando de Souza Barros 151



Fernando Mendes Vianna 33, 95, 112  
 Filadelfo Jônatas de Oliveira 132  
 Flávio Macedo Soares 11  
 Francisco Adolfo de Varnhagen 137  
 Francisco Antonio de Oliveira Lopes 109  
 Francisco Barreto Rodrigues Campello 83  
 Francisco Leite de Bittencourt Sampaio 132  
 Francisco Marins 145  
 Francisco Moacir de Melo Catunda Martins 156, 159  
 Francisco Rollemberg 120  
 Frei Gaspar da Madre de Deus 137

**G**

Gaspar Barléu 37, 43  
 Gaspar Teixeira Azevedo 137  
 G. Cavalcanti 17  
 Geir Campos 171  
 Genolino Amado 7  
 Gentil Homem 135  
 Getúlio Vargas 152  
 Giacinto Manupella 15  
 Giacomo Leopardi, 49, 61  
 Gilberto Amado 7, 9, 22, 27, 161  
 Gilberto Freire 12, 88  
 Giovanni Andrea Calderini 30  
 Gomes de Souza 101  
 Gonçalo Rollemberg Leite 168  
 Gonçalves Dias 23, 101, 102, 103, 104, 105, 139  
 Gorge Sand 102  
 Graça Aranha 23, 28, 40, 41, 44, 87, 101, 112, 119  
 Gracco Cardoso 178  
 Grotius 37, 38  
 Gumersindo Bessa 38, 39, 44, 120, 133

**H**

Helena Calderini 30  
 Hélio Pólvora 94  
 Hermes Fontes 153  
 Hernâni Donato 145, 147

Hipólita Jacinta Teixeira de Melo 108, 109  
 Homero Senna 7, 65  
 Honoré de Balzac 111  
 Horácio 114, 167  
 Humberto Gomes de Barros 143, 144  
 Hunald Santaflôr Cardoso 179

**I**

Inácio Moacir Catunda Martins 156  
 Ives Gandra da Silva Martins 94

**J**

Jackson da Silva Lima 24, 113, 114, 120  
 Jackson de Figueiredo 93  
 Jarbas Silva Marques 162, 177  
 Jean-Michel Massa 82  
 J. Leite de Vasconcelos 128, 130  
 João Alberto Lins de Barros 149, 150, 151, 190  
 João Cabral de Melo Neto 95  
 João Henrique Serra Azul 152  
 João Lisboa 101  
 João Mangabeira 45  
 João Ribeiro 67, 108, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 179, 189  
 Joana Angélica d'Ávila 21  
 Joaquim Manuel de Macedo 97  
 Joaquim Nabuco 41, 60, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 112  
 Joaquim Pinto de Campos 15  
 Joaquim Serra 135  
 Joel Silveira 110  
 Johann Joseph Ignaz von Döllinger 62  
 Johann Wolfgang von Goethe; 157  
 Jomar Moraes 44, 101, 103  
 Jorge de Lima 93, 94, 95, 99, 188  
 Jorge Jobim 68  
 Jorge Medauar 93, 94, 95, 99, 107, 188  
 Josaphat Marinho, 45  
 José Antonio Pérez-Montoro 116  
 José Antonio Saraiva 61  
 José Bonifácio, o Moço 45, 59, 61

José Carlos Brandi Aleixo 110  
 José Carlos Gentili 159  
 José de Alencar 110, 132  
 José Dilermando Meireles 163, 164  
 José Hélder de Souza 149  
 José Henrique Pierangeli 42  
 José Jeronymo Rivera 33, 112, 116  
 José Luiz de Moura Pereira 153  
 José Maria de Heredia 115  
 José Martins Fontes 153  
 José Maurício 37  
 José Peixoto Junior 5  
 José Sarney 23, 41  
 José Veríssimo 124  
 Josué Montello 101  
 Juscelino Kubitschek 117  
 Juvenal Galeano 135

## L

Laudelino Freire 46, 53, 64, 65, 105, 125, 127, 128, 129, 130  
 Laura Bassi 31  
 L. da Vinci 17  
 Leconte de Lisle 115, 180  
 Lêdo Ivo 11, 12, 65, 95  
 Leonel Franca 93  
 Leopardi 17, 45, 46, 47, 61  
 Longfellow 134  
 Lourival Fontes 8  
 Luís de Camões 162  
 Luís Guimarães Junior 123  
 Luiz Adolfo Pinheiro 109, 110  
 Luiz Antonio Barreto 24  
 Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira 162  
 Luiz Edmundo 97  
 Luiz Paulo Horta, 151

## M

Machado de Assis 11, 73, 79, 80, 82, 88, 102, 134  
 Maciel Monteiro 134

Malaquias Gonçalves 28, 29  
 Manuel Bandeira 44, 46  
 Marcos Chaves 5  
 Marechal Cândido Mariano Rondon 150  
 Maria Tétis Nunes 133  
 Mário Barreto 130  
 Mario de Andrade 95  
 Marques Rebelo 11  
 Martins Fontes 97, 153, 154, 155  
 Martins Junior 28  
 Menotti Del Picchia 13, 16  
 Micheline Nussenwaig 151  
 Milton Sebastião Barbosa 164, 165  
 Montello, Josué 44  
 Múcio Teixeira 35, 36  
 Murilo Mendes 94

## N

Nabuco de Araujo 87  
 Nadeschda Suslowa 30  
 Napoleão Valadares 5, 109  
 Neusa França 171  
 Nilo Aparecida Pinto 117  
 Nonato Silva 177

## O

Odorico Mendes 101  
 Olavo Bilac 116, 135, 155  
 Olívio Montenegro 12  
 Ortega y Gasset 140  
 Oscar Dias Corrêa 16, 17, 187  
 Osvaldo Orico 128  
 Otto Maria Carpeaux 171

## P

Paulo Brossard de Souza Pinto 115  
 Paulo de Carvalho-Neto 8  
 Paulo Mercadante 133  
 Paulo Neves 111

Pedro Carlos Quadrio dos Reis 101  
 Pedro de Calasans 36, 113, 114  
 Pedro Luís 67, 68, 89  
 Pedro Salina 116  
 Peregrino Junior 14  
 Péricles Eugênio da Silva Ramos 95  
 Petrarca 17, 163  
 Pierangelli, José Henrique 44  
 Prado Sampaio 39  
 Przewodowski 43

**Q**

Quintino Bocaiúva 134

**R**

Raimundo Correia 116  
 Ramiz Galvão 115, 129  
 Ramos da Costa 36  
 Ranulfo Prata 137  
 Regina Célia de Oliveira 112, 155  
 Regina Regis Junqueira 79  
 R. Magalhães Junior 11  
 Roberto Rosas 5  
 Rocha Pita 130  
 Rodrigues Torres 59  
 Rui 38, 45, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 89, 102, 108,  
 127, 128, 130, 192

**S**

Sá de Miranda 163  
 Saldanha Marinho 62, 133  
 Salvador de Mendonça 134  
 Sérgio Milliet 95  
 Silvério Martins Fontes 153  
 Silvio Meira 63  
 Silvio Romero 22, 23, 36, 64, 69, 132, 133, 134, 144, 159, 165  
 Sotero dos Reis 101  
 Sousa Bandeira 28, 29, 119  
 Spencer Vampré 132

Sully Prudhomme 115

**T**

Tadeu Skowronski 74, 89  
 Tarquínio J. B. de Oliveira 109  
 Théophile 115  
 Théophile Gautier 115  
 Thomás Lopes 153, 154, 155, 156, 178  
 Tobias 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 34, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 67,  
 69, 112, 119, 120, 133, 158, 159, 164, 165, 187  
 Trajano Galvão 135

**U**

Umberto Eco 21, 33

**V**

Valery 95  
 Verlaine 113, 115  
 Victor Hugo 33, 34, 35, 36, 67, 82, 155  
 Visconde de Sinimbu 60  
 Vitoriano Palhares 25, 126  
 Vitor Meireles 107

**W**

William T. Stead 54  
 William Wordsworth 33  
 Wordsworth 33, 34, 172

**X**

Xavier Placer 117

**Z**

Zacarias de Góes e Vasconcelos 59

## ÍNDICE

Kalevala.....	7
<i>O Rosto Perdido</i> .....	11
Dois Tradutores de Dante Alighieri.....	15
130 Anos de Dias e Noites.....	21
Aquele Tobias.....	27
O Tradutor Ignoto.....	33
Prefácio de <i>Menores e Loucos m Direito Criminal</i> .....	37
Rui, Tradutor de Leopardi.....	45
Rui Barbosa e a Grande Guerra .....	53
Presença de Rui Barbosa .....	59
O Romantismo Brasileiro e a Polônia.....	67
Machado de Assis e Adam Mickiewicz .....	73
Santa Luzia de Goiás.....	79
Relembração de Joaquim Nabuco.....	83
O Jovem e o Poema.....	87
Jorge de Lima e Jorge Medauar.....	93
Lampiões de Rua .....	97



O Poeta da Palmeira de Mármore.....	101
Dois Jornalistas na Cadeira de Gonçalves Dias ...	107
De Prosaístas e Poetas.....	111
Alberto de Oliveira .....	115
Heroicidade e Poesia.....	119
O Poeta João Ribeiro .....	123
Laudelino Freire .....	127
O Cisne de outras Margens.....	131
Cassiano Nunes .....	137
Água do Camaragibe .....	143
Hernâni Donato .....	145
João Alberto .....	149
Saudação Acadêmica.....	153
Discurso em Luziânia .....	161
Recebimento da Medalha Prêmio.....	167
Coroa de Sonetos.....	171
O Poeta de Archotes e Orós.....	177

---

KALEVALA E OUTROS TEMAS  
foi composto em tipografia Minion  
Pro, corpo 12pt, impresso em pa-  
pel Pólen Soft 80g nas oficinas da  
THESAURUS EDITORA DE-  
BRASÍLIA. Acabou-se de im-  
primir em julho de 2014, octo-  
gésimo ano de vida do Autor.

São Paulo, 25 de março de 2002

Ao caríssimo amigo e confrade  
**FONTES DE ALENCAR**

A minha mais viva saudação por  
seu brilhante discurso de posse na  
Academia Brasileira de Letras.

*Miguel Reale*

\*\*\*

Porto Alegre, 10 de junho de 2000

Antes de agradecer a remessa do  
seu ensaio sobre Rui, "Liberdade: Teoria  
e Lutas", desejo felicitar o ilustre amigo  
pelo belo estudo realizado, revelador de  
amplo conhecimento da obra do jurista e  
do cidadão. Parabéns pela contribuição  
dada à compreensão do papel desempe-  
nhado pelo grande brasileiro em meio  
século de vida intensamente ativa.

*Paulo Brossard*

\*\*\*

.. agradeço-lhe a bela edição do seu  
primoroso discurso de posse na A.  
Brasiliense de Letras..

Ganhou a Academia, ganhamos  
nós. A literatura nacional agradece.

*Oscar Dias Corrêa - Rio,  
20/02/2002*

\*\*\*

Esse trabalho de investigação  
recla- ma conhecimento do conteúdo  
geral da obra de Rui ... Além de  
demonstrar saber da vida de Rui, ...  
penetra-lhe o pensamento para fazer  
dele ressaltar conceitos primorosos...

De ser assinalado, também, é o  
cuidado no estilo, numa travessia  
histórica em que a língua portuguesa  
não vem merecendo o justo respeito.

... Os estudos coligidos têm a  
virtude de projetar idéias centrais, como  
a de liberdade, entendida no sentido de  
direito ou de valor assegurado a todos, e  
não de privilégio limitado a grupos ou  
correligionários"

*Josaphat Marinho*